



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

**RAMON ARAÚJO RODRIGUES**

**MASCULINIDADES E VIRILIDADES  
NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS**

TERESINA  
2016

**RAMON ARAÚJO RODRIGUES**

**MASCULINIDADES E VIRILIDADES  
NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizangela Barbosa Cardoso.

TERESINA  
2016

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais e Letras  
Serviço de Processamento Técnico

R696m     Rodrigues, Ramon Araújo.  
              Masculinidades e virilidades na literatura de  
              Clodoaldo Freitas / Ramon Araújo Rodrigues. – 2016.  
              133 f.

              Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –  
              Universidade Federal do Piauí, 2016.  
              Orientação: Profa. Dra. Elizangela Barbosa Cardoso.

              1. História. 2. Gênero. 3. Virilidades. 4. Freitas,  
              Clodoaldo. I. Título.

CDD 305.31

**RAMON ARAÚJO RODRIGUES**

**MASCULINIDADES E VIRILIDADES  
NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizangela Barbosa Cardoso.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2016

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizangela Barbosa Cardoso  
(Orientadora)  
Universidade Federal do Piauí - UFPI

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Sousa Abrantes  
(Examinador Externo)  
Universidade Estadual do Maranhão -UEMA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresinha Mesquita de Queiroz  
(Examinador Interno)  
Universidade Federal do Piauí - UFPI

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Pedro Vilarinho Castelo Branco  
(Suplente)  
Universidade Federal do Piauí - UFPI

O povo que andava em trevas, viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz.

Isaías 9:2

## AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que me ajudaram tanto material, intelectual e espiritualmente como àqueles que se objetaram contra à conclusão deste trabalho. Estes últimos serviram como escada para que eu subisse até a vitória que se concretiza nesta pesquisa.

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu *Deus Todo Poderoso (Jesus Cristo)* que me deu a oportunidade de crescer intelectualmente com esta experiência do mestrado, e principalmente, a oportunidade de conhecer pessoas que com certeza irão ficar na minha memória.

Honro minha mãe, Ana Maria Araújo, pelo amor dedicado a cada minuto de minha vida e ao estar sempre ao meu lado nas decisões difíceis e nos momentos tempestuosos.

Agradeço à Deus pela vida dos meus irmãos, Nemésio Neto e Andrews Rodrigues, por terem aguentado os meus momentos de *stress* e pelo apoio que me deram quanto tudo dizia não.

Agradeço à Deus pela vida da minha orientado Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizangela Barbosa Cardoso por ter me orientado nestes quatro anos de graduação somado ao mestrado.

Agradeço à Deus pelos meus professores do mestrado, os quais são Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Edwar Castelo Branco, Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Jonhy Santana e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Fontenelle. Professores de excelência que contribuíram tanto para me incentivar nos estudos como na carga teórica que ainda não possuía.

Agradeço à Deus pela vida da professora Telde por ter me ajudado a revisar este trabalho.

Agradeço à Deus pela vida dos meus caros amigos de mestrado, os quais batalharam e venceram junto comigo esse gigante que parecia não ter como vencê-lo. Entretanto, no final deu tudo certo! A eles Daniel Braga, Andréia e Rejane.

Agradeço à Deus pela vida de todos que me ajudaram e auxiliaram na escrita da dissertação. Que o Deus de Promessas, o Deus de Abrão, Isaque e Israel, com suas infinitas misericórdias, nos mostre a sua luz e ilumine as nossas mentes.

Tem misericórdia de mim, ó Deus, porque o homem procura devorar-me; pelejando todo dia, me oprime.

Os meus inimigos procuram devorar-me todo dia; pois são muitos os que pelejam contra mim, ó Altíssimo.

Em qualquer tempo em que eu temer, confiarei em ti.

Em Deus louvarei a sua Palavra, em Deus pus minha confiança; não temerei o que me possa fazer a carne.

Todos os dias torcem as minhas palavras; todos os seus pensamentos são contra mim para o mal.

Ajuntam-se, escondem-se, marcam os meus passos, como aguardando a minha alma.

Porventura escaparão eles por meio da sua iniquidade?

Ó Deus, derruba os povos na tua ira! Tu contas as minhas vagueações; põe as minhas lágrimas no teu odre. Não estão elas no teu livro?

Quando eu a ti clamar, então voltarão para trás os meus inimigos: isto sei eu, porque Deus é por mim.

Em Deus louvarei a sua palavra; no Senhor louvarei a sua palavra.

Em Deus tenho posto a minha confiança; não temerei o que me possa fazer o homem.

Os teus votos estão sobre mim, ó Deus; eu te renderei ações de graças; Pois tu livraste da morte; não livrarás os meus pés da queda, para andar diante de Deus na luz dos viventes?

Salmos 56: 1 – 13

## RESUMO

Este trabalho aborda o tema das masculinidades e das virilidades em parte da obra de Clodoaldo Freitas que nasceu em Oeiras (PI), no dia 7 de setembro de 1855, falecendo em Teresina, a 29 de junho de 1924, e tem como objetivo perceber como um intelectual do século XIX apresenta as masculinidades e a virilidades através de sua literatura. Neste sentido, o intelectual através de sua escrita procura evidenciar para a sociedade o que seria aceitável ao homem, bem como estabelecer hierarquias entre os homens e entre os homens e as mulheres. As bases teóricas e metodológicas desta pesquisa constituem-se de referências ao campo História e Gênero, no qual se situa o trabalho, bem como à relação História e Literatura, uma vez que elege a literatura – romances, crônicas e contos –, enquanto fonte. O trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro, com base na bibliografia produzida sobre o autor e sua obra, destacou-se a vida e a obra de Clodoaldo Freitas. No segundo, *Virilidade e idades da vida*, aborda-se a discussão na literatura de Clodoaldo Freitas sobre as idades da vida e sua relação com a produção das masculinidades e virilidades. O capítulo três tem como foco a ênfase nas relações entre *Masculinidades e atributos viris*, no qual se procura demonstrar o que o autor compreende por qualidades viris e como estas se articulam às múltiplas masculinidades expressas pelo autor. No último capítulo, o foco é a relação entre *Virilidades e feminilidades*, que aborda a virilidade na vida adulta como algo a ser conquistado e mantido, já que o feminino estaria em constante luta com o masculino pelo poder. Clodoaldo Freitas evidencia em sua literatura a necessidade masculina de ser superior ao representar o risco da perda da virilidade a partir de mulheres que querem ser homem.

Palavra-chave: História. Gênero. Clodoaldo Freitas. Virilidades.



## **ABSTRACT**

This paper addresses the issue of masculinity and virility part of Clodoaldo Freitas work that was born in Oeiras (PI) on September 7, 1855, died in Teresina, the June 29, 1924, and aims to understand how an intellectual of the nineteenth century has masculinities and virility through his literature. In this sense, the intellectual through his writing seeks to highlight to society that would be acceptable to the man and to establish hierarchies among men and between men and women. The theoretical and methodological basis of this research constitute references to the field History and Gender, in which it is the work and the relationship history and literature, as elects literature - novels, essays and short stories - as a source. The work was divided into four chapters. In the first, based on the bibliography about the author and his work, he stood out the life and work of Clodoaldo Freitas. In the second, Virility and ages of life, addresses the discussion in Clodoaldo Freitas literature over the ages of life and its relation to the production of masculinity and virility. Chapter three focuses on the emphasis in the relationship between masculinities and virile attributes, which seeks to show what the author understands by virile qualities and how they articulate the multiple masculinities expressed by the author. In the last chapter, the focus is the relationship between virility and femininity, which deals with virility in adulthood as something to be conquered and maintained, since the female was in constant struggle with the male for power. Clodoaldo Freitas evidence in their literature male need to be superior to represent the virility risk of loss from women who want to be a man.

Keyword: History. Genre. Clodoaldo Freitas. Virility.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CLODOALDO FREITAS: VIDA E OBRA.....	19
2.1 FAMÍLIA.....	19
2.2 FORMAÇÃO INTELECTUAL .....	23
2.3 TRAJETÓRIAS PROFISSIONAL E POLÍTICA.....	27
2.4 OBRA E AVALIAÇÕES .....	33
2.5 MOVIMENTO LITERÁRIO.....	38
3 VIRILIDADE E IDADES DA VIDA.....	43
3.1 INFÂNCIA E JUVENTUDE.....	43
3.1.1 Potência do jovem viril.....	52
3.2 VIDA ADULTA.....	58
3.2.1 Trabalho.....	58
3.2.2 Paternidade.....	67
4 MASCULINIDADES E ATRIBUTOS VIRIS.....	71
4.1 POLIDEZ E VIRILIDADE.....	73
4.1.1 Amizade entre os homens.....	78
4.2 VIRILIDADE E OS PADRES.....	80
4.3 PÁTRIA E VIRILIDADE.....	87
5 VIRILIDADES E FEMINILIDADES.....	98
5.1 RAZÃO E VIRILIDADE.....	98
5.2 SUPERIORIDADE DO HOMEM VIRIL.....	100
5.3 DESAFIOS DA VIRILIDADE.....	106
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	125

## 1 INTRODUÇÃO

Clodoaldo Severo Conrado de Freitas nasceu em Oeiras (PI), no dia 7 de setembro de 1855, falecendo em Teresina, a 29 de junho de 1924. Era filho de Belisário da Silva Conrado, herói da Guerra do Paraguai, e de Dona Antônia Dias de Freitas. Realizou os primeiros estudos no Piauí e os de Humanidades em São Luís, no Seminário das Mercês e no Liceu Maranhense, concluindo-os no Liceu Piauiense, em 1870.<sup>1</sup>

No ano de 1880, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Ao longo de sua vida, residiu em diversas localidades do território brasileiro, tais como Rio de Janeiro, Mato Grosso e Pará, locais nos quais exercera importantes funções.<sup>2</sup>

No início do século XX, transferiu-se para São Luís, onde atuou como intelectual de relevo. Foi político, jornalista, romancista, historiador, biógrafo, contista, cronista, crítico, ensaísta e poeta. Atuou como promotor público de Teresina, juiz municipal em Teresina, Valença e Santa Filomena, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado, juiz municipal em Campos (RJ) e juiz de Direito em Bagagem-MG, chefe de polícia em Mato Grosso, deputado estadual no Pará, professor de Direito, colaborador do jornal *Província* do Pará e diretor do *Diário da Manhã*. Colaborou em vários outros jornais publicados no Piauí e no Maranhão. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, às Academias de Letras do Maranhão e do Pará e à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores e primeiro presidente da Academia Piauiense de Letras, no biênio 1917-1919.<sup>3</sup>

Neste contexto biográfico, este trabalho aborda o tema das masculinidades e das virilidades em parte da obra de Clodoaldo Freitas. Especificamente, explora a temática nos romances, *Por um sorriso*, *Memórias de um velho*, *Coisas da vida*, nos contos, *Um segredo de família e outros contos*, nas crônicas *Em roda dos fatos*, em *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, dez. 1924, p. 28-54.

<sup>2</sup> CUNHA, 1924, p. 28-54.

<sup>3</sup> CASTELO BRANCO, Cristino. *Homens que iluminam*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1946.

<sup>4</sup> Cf.: FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2008; FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009; FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009B; FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C; FREITAS, Clodoaldo. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B.

Clodoaldo Freitas, através de sua obra ficcional, dedicou-se a explorar masculinidades e virilidades, bem como a defender o ideal viril. Quanto às masculinidades, as apresenta de forma plural e busca interferir na construção do homem ideal através de sua escrita.<sup>5</sup>

O gosto por esta temática pode ser relacionado ao fazer-se de Clodoaldo Freitas enquanto homem, uma vez que a trajetória do literato se situa entre um conjunto de representações, de valores e de normas que constituem a virtude da virilidade, posto que esta tem seu auge no século XIX, segundo Corbin, a partir da acentuação do dimorfismo sexual pelos naturalistas, a ação dos exércitos revolucionários e imperiais, as referências a homens ilustres da Antiguidade atuam na difusão de um código que deve ser inculcado pelos meninos desde a mais tenra idade. Coragem, heroísmo, morrer pela pátria, a busca da glória e a necessidade de superar qualquer desafio se impõem aos homens.<sup>6</sup>

Ao considerar a leitura dos biógrafos de Clodoaldo Freitas, elementos que definem a virilidade – coragem, heroísmo e amor à pátria – eram características de Clodoaldo Freitas. Cristino Castelo Branco acentua que Clodoaldo Freitas foi um homem iluminado, “figura curiosíssima de homem inteligente e lutador [...]. Intrépido, destemeroso, como poucos. Punha as ideias, os princípios, as convicções, acima das conveniências, dos interesses pessoais, e seguia sereno, desassombrado, sacrificando-se não raro”.<sup>7</sup>

É importante destacar que o objetivo deste trabalho não é abordar toda a história da virilidade no século XIX, ou mesmo como a virilidade era percebida na época, mas perceber como um intelectual do período pode nos apresentar a temática através de sua literatura.

O trabalho visa demonstrar a virilidade defendida por Clodoaldo Freitas em articulação com a exploração das masculinidades, através de suas obras escritas entre 1883 e 1924, publicadas em forma de folhetim no Estado do Piauí, Maranhão e Pará, entre outros. Com efeito, esta pesquisa contribui para evidenciar as representações de homem viril no período, inserindo-se no conjunto de estudos sobre homens e masculinidades no Brasil.

Masculinidade, segundo Miguel Vale de Almeida, é um termo que diz respeito a um conjunto de investigações, na área dos estudos de gênero. O termo reporta-se aos “significados culturais atribuídos da ‘pessoa’, que, sendo ideologicamente remetidos para o terreno da

---

<sup>5</sup> CORBIN, Alain. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

<sup>6</sup> CORBIN, 2013. p. 7.

<sup>7</sup> CASTELO BRANCO, 1946.

essência dos ‘homens’, são, através de processos metafóricos, aplicáveis às mais variadas áreas de interação humana e da vida sociocultural”.<sup>8</sup>

A virilidade, segundo Corbin e Vigarello, é o conjunto de qualidade ideais construídas por uma cultura. Atributos que devem ser incorporados pelo homem que almeja ser considerado viril, em termos de corpo e alma.<sup>9</sup> No século XIX, a virilidade diz respeito a um sistema de qualidades construídas pela sociedade em prol de um homem ideal, pois o viril não é simplesmente o homem.<sup>10</sup> Ele é um conjunto de virtudes classificadas, ordenadas e impostas ao másculo cujos princípios de comportamentos no Ocidente designam as qualidades de um homem concluído, dito outramente, o mais perfeito dos masculinos.<sup>11</sup> O que permite ao discurso dominante hierarquizar os homens, a partir dos modelos com o intuito de diferenciar o ideal do outro, da margem.

Clodoaldo Freitas descreve em sua literatura um conjunto de homens com variados comportamentos, atentando para a pluralidade das masculinidades. Além do caráter plural, na abordagem do tema, Clodoaldo também é sensível à multiplicidade do sujeito, ainda que, para o literato, o padrão a ser seguido pelo homem seja o viril. Deste modo, Clodoaldo defende que a sociedade deveria trabalhar para que o homem alcançasse as qualidades viris.

Para o literato, a virilidade está relacionada à dominação masculina<sup>12</sup>, exercida sobre as mulheres e sobre outros homens, que não atualizam valores viris. Neste sentido, o intelectual através de sua escrita procura evidenciar para a sociedade o que seria aceitável ao homem, bem como estabelece hierarquias entre os homens e entre os homens e as mulheres.

Clodoaldo Freitas percebe o masculino e o feminino associados à natureza e também à cultura. Esta seria responsável pela moldagem de comportamentos. Daí sua literatura a respeito do tema poder ser considerada uma literatura como missão, para usar uma expressão de Sevcenko<sup>13</sup>, uma vez que defende a intervenção no social com o intuito de produzir valores viris.

---

<sup>8</sup> ALMEIDA, Miguel Vale de. Masculinidade. In: MACHEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. *Dicionário da crítica feminista*. Porto: Afrontamento, 2005. p. 123.

<sup>9</sup> CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Prefácio. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 7-9.

<sup>10</sup> VIGARELLO, George. A virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

<sup>11</sup> VIGARELLO, 2013.

<sup>12</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

<sup>13</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Quanto às fontes, este trabalho se beneficia da pesquisa realizada pela historiadora Teresinha Queiroz, quando da elaboração de sua tese de doutorado que resultou na obra *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*.<sup>14</sup> A pesquisadora reuniu mais de 800 (oitocentos) textos escritos pelo autor. Fragmento de sua pesquisa foi disponibilizada ao público acadêmico através da organização e publicação de parte da produção de Clodoaldo Freitas.<sup>15</sup>

As bases teóricas e metodológicas desta pesquisa constituem-se de referências ao campo História e gênero, no qual se situa o trabalho, bem como à relação História e Literatura, uma vez que elege a literatura – romances, crônicas e contos –, enquanto fonte.

Importante destacar que o uso do conceito de gênero despontou na produção historiográfica, no Brasil, a partir de 1990, com a tradução de *Gênero: uma categoria de análise histórica*, de Scott, e, ainda, a partir da difusão de estudos produzidos por historiadoras brasileiras.<sup>16</sup> Elaborado em diferentes perspectivas,<sup>17</sup> o uso do conceito despertou, ao longo das últimas décadas, debates, disputas, abordagens e perspectivas diversas,<sup>18</sup> que permitem a

<sup>14</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: EDUFPI, 2011.

<sup>15</sup> Cf.: FREITAS, Clodoaldo. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C; FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2008; FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009; FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009B; FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C; FREITAS, Clodoaldo. *O palácio das lágrimas*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010A; FREITAS, Clodoaldo. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B.

<sup>16</sup> SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 54, v. 27, p. 281-302, jul-dez, 2007.

<sup>17</sup> SCOTT, Joan. Prefácio a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, Campinas n. 3, p. 11-27, 1994; SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, n. 20, v. 2, p. 93, 1995; LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Fred*. Rio de Janeiro: RulumeDumará, 2001; BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-174.; BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; HARAWAY, Donna. 'Gênero' para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, p. 201-246, 2004.

<sup>18</sup> SILVA DIAS, Maria Odila Leite da. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Bruscini, Cristina (Org.). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p.39-53. ; SCOTT, Joan. Prefácio a genderandpoliticsofhistory. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994; TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 29-62, 1994; VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 63-64, 1994; QUEIROZ, Teresinha. Do singular ao plural. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 5-17; SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 95-114; SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-29; SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda S. de. *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas da historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997; PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 49-66; MATOS, Maria Izilda Santos de. Desafios da pós-modernidade:

abordagem do feminino, do masculino e de suas relações. Seu emprego permitiu o enfoque relacional no campo da história das mulheres; a pluralização da categoria mulher, com o reconhecimento da diferença e da necessidade de interrelacionar gênero às categorias classe, raça/etnia e geração, entre outras formas de pertencimento, bem como o estudo de diferentes masculinidades, ao permitir identificar variáveis como classe, estatuto, raça, etnicidade, dentre outros marcadores.<sup>19</sup>

Scott, no referido estudo, argumenta que gênero é “um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e, numa segunda perspectiva, trata-se de “uma forma primária de dar significado às relações de poder”.<sup>20</sup> Segundo a primeira proposição de Scott, o gênero diz respeito a dimensões simbólicas, normativas, institucionais e subjetivas, a partir da qual se torna possível dizer que o sistema escolar, o mercado de trabalho e a política são como várias instâncias sociais e econômicas generificadas. Conforme a segunda proposição, o gênero está implicado na própria concepção e construção do poder.<sup>21</sup>

Feminino e masculino, por sua vez, são definidos como construções históricas e culturais, na medida em que homens e mulheres são conceituados enquanto *categorias vazias e transbordantes*. “Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quanto parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas”.<sup>22</sup>

A autora acentua ainda que gênero é “um aspecto geral da organização social”<sup>23</sup>, uma vez que as sociedades o representam e com base nele articulam regras de relações sociais e também constroem o significado da identidade e da experiência. A partir do diálogo com Bourdieu, destaca que “os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social”.<sup>24</sup>

---

sensibilidades e masculinidades. *Gênero*, Niterói, v. 2, n. 2, p. 175-192, 1 sem. 2002; COSTA, Suely Gomes. Gênero e história. ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003. p. 187-208; SOIHET, Rachel; FACINA, Adriana. Gênero e memória: algumas reflexões. *Gênero*, Niterói, v. 5, n. 1, p. 9-19, sem. 2004; PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005; SOIHET; PEDRO, 2007.

<sup>19</sup> Ver MATOS, Maria Izilda Santos de; FARIA, Fernando A. *Melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001; ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no Nordeste do começo do século*. *História: questões e debates*, Curitiba, ano 18, n. 34, p. 89-104, jan./jun. 2001; ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo*. Maceió: Edições Catavento, 2003; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Masculinidades plurais. *Unisinos*, n. 2, v.9, p. 85-95, 2005b.

<sup>20</sup> SCOTT, 1995, p. 86.

<sup>21</sup> SCOTT, 1995, p. 88.

<sup>22</sup> SCOTT, 1995.

<sup>23</sup> SCOTT, 1994, p. 20.

<sup>24</sup> SCOTT, 1995, p. 88.

A abordagem do gênero como construção cultural, a partir das diferenças percebidas entre os sexos, proposta por Scott, foi questionada por estudos que indicam que o sexo é produzido pelo gênero. Laqueur, ao evidenciar a invenção moderna do modelo dos dois sexos, no século XVIII, mostra que o gênero constituiu o sexo, no contexto. Para o autor, o corpo é de tal maneira atravessado pelos significados que a cultura lhe atribui que não é possível acessá-lo sem mediação. Com efeito, o sexo “tanto no mundo do sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre o gênero e poder”.<sup>25</sup>

Butler também questiona a definição do gênero como interpretação cultural do sexo. A partir do diálogo com Foucault, Butler considera o “sexo” como categoria normativa e reguladora. Ele funcionaria como norma e prática regulatória que produz os corpos e os governa. Em sua perspectiva, a noção de sexo é elaborada por múltiplos discursos enquanto a diferença sexual é, simultaneamente, marcada e formada por práticas discursivas.<sup>26</sup> Em seus termos: “as diferenças sexuais são indissociáveis de uma demarcação discursiva”.<sup>27</sup>

Considerando a natureza da fonte, importa destacar, a partir de Queiroz<sup>28</sup>, que a Literatura “considera os possíveis da história, os possíveis até mesmo irrealizáveis”. Ela “alude essencialmente ao virtual, ao potencial, a um repertório de possibilidades dadas pela história”.<sup>29</sup> Sua abordagem pode ser feita a partir de três focos analíticos: o produto ficcional, o produtor e o contexto. O primeiro implica tratar o ficcional repertório, indicativo das potencialidades e virtualidades da história, não necessariamente concretizadas. O segundo foca na articulação entre a vida dos literatos em sua singularidade em articulação com o social que a modela. O terceiro informa a compreensão da historicidade do sentido do produto ficcional, com base na posição social do produtor.<sup>30</sup>

Segundo Chaloub e Affonso de M. Pereira argumentam que abordar literatos e literatura a partir da perspectiva da história social, implica tratar do autor, da obra e do contexto.<sup>31</sup> A proposta é historicizar a obra literária, ao “inserir-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social”, bem como “[...] a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social”.<sup>32</sup> Isto porque a literatura é para o historiador um testemunho histórico, que permite situar autores e obras literárias nos processos históricos nos quais são

<sup>25</sup> LAQUEUR, 2001, p. 23.

<sup>26</sup> BUTLER, 2003.

<sup>27</sup> BUTLER, 2001, p. 153.

<sup>28</sup> QUEIROZ, Teresinha. História e Literatura. In: \_\_\_\_\_. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006. p. 81-94.

<sup>29</sup> QUEIROZ, 2006, p. 81.

<sup>30</sup> QUEIROZ, 2006, p. 81-94.

<sup>31</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; CHALHOUB, Sidney (Orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

<sup>32</sup> PEREIRA, 1998, p. 7.



elaboradas. Considerada a partir desta chave, cabe ao historiador investigar as características específicas da fonte literária, o que implica questionar sobre a modalidade da literatura trabalhada, suas características, como o autor concebe sua obra. Destacam ainda que “autores e obras literárias são acontecimentos datados, historicamente condicionados, valem pelo que expressam aos contemporâneos”.<sup>33</sup>

Para Sevcenko, a literatura moderna é um instrumento através do qual os mal ajustados desafiam o estabelecido. Em virtude disto, permite avaliar as forças e tensões existentes em uma estrutura social. O escritor, gozando de uma liberdade condicionada de criação, revela normas, valores e temas de sua sociedade e de seu tempo. Para o autor, a “literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos”.<sup>34</sup> Acrescenta que, através da literatura, pode-se produzir uma “história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das ideias não consumidas”.<sup>35</sup>

Ainda segundo o autor, as décadas situadas na transição do século XIX para o século XX se caracterizam por mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira, registradas pela literatura. Isto porque os “fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir”.<sup>36</sup> Afirmação que se adéqua à literatura de Clodoaldo Freitas, no tocante à temática explorada neste trabalho.

Gay<sup>37</sup> acentua que uma obra literária pode ser lida de diferentes modos, dentre os quais destaca o romance como fonte de prazeres civilizados, como instrumento de didático para fins de aperfeiçoamento pessoal e como documento que possibilita abordar a cultura. Neste trabalho os romances de Clodoaldo Freitas serão lidos tanto a partir da chave um quanto da chave três. Vale destacar que em um contexto em que os comportamentos sexuais inscreviam-se no campo da privacidade, a literatura colocava-se enquanto espaço legítimo e civilizado para abordar códigos de sexualidade.

Clodoaldo Freitas trata do tema em seus romances, permitindo ao leitor fruir prazer através da leitura. Produz também documentos que permitem abordar a cultura relativa ao período no qual foram elaborados. Com efeito, trataremos, neste trabalho da maneira como o

---

<sup>33</sup> PEREIRA, 1998, p. 9.

<sup>34</sup> SEVCENKO, 1985, p. 30.

<sup>35</sup> SEVCENKO, 1985, p. 31.

<sup>36</sup> SEVCENKO, 1985, p. 286.

<sup>37</sup> GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

autor abre as portas da cultura para estudarmos as relações de gênero, especialmente, as relações entre os homens, em um contexto de redefinição das relações de poder nesta esfera.

Essas formas de tratar a literatura enquanto fonte embasam a proposta deste trabalho. Nesse sentido, indaga-se: Quem foi Clodoaldo Freitas? Em qual realidade social, econômica, política e cultural viveu? Que significados foram atribuídos a sua literatura e quais os significados históricos de sua obra? Que representações do mundo social foram por ele produzidas no tocante às masculinidades e virilidades? Quais os desejos, as angústias e as utopias expressas em sua obra e como se relacionam com a vida coletiva, no tocante à temática em foco?

Para responder às questões propostas incorporou-se as obras produzidas sobre o autor e sua obra, parte de sua obra ficcional, bem como bibliografia recente produzida e publicada no Brasil no campo dos estudos de gênero.

As reflexões de Priore<sup>38</sup>, Perrot<sup>39</sup> e Castelo Branco<sup>40</sup> nos ajudam a perceber as funções sociais e a hierarquia de poder entre os sexos. As reflexões de Almeida<sup>41</sup>, Corbin<sup>42</sup> e Vigarello<sup>43</sup> nos ajudaram a diferenciar a masculinidade da virilidade e compreender os dispositivos de construção do homem viril.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro, com base na bibliografia produzida sobre o autor e sua obra, destacou-se a vida e a obra de Clodoaldo Freitas. No segundo, *Virilidade e idades da vida*, aborda-se a discussão na literatura de Clodoaldo Freitas sobre as idades da vida e sua relação com a produção das masculinidades e virilidades. O capítulo três tem como foco a ênfase nas relações entre *Masculinidades e atributos viris*, no qual se procura demonstrar o que o autor compreende por qualidades viris e como estas se

<sup>38</sup> Cf.: PRIORE, Mary del. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p.153-184.

<sup>39</sup> Cf.: PERROT, Michelle. Funções da família. *História da vida privada – vol. 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottman; Bernardo Joffily – São Paulo: Companhia da Letras, 1991.

<sup>40</sup> Cf.: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias*. História Unisinos, n° 1 mai./agosto 2005; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Entre a história e a memória: práticas masculinas no Piauí oitocentista*. Projeto de História, São Paulo, n° 45, dez. 2012.

<sup>41</sup> VALE DE ALMEIDA, Miguel. Masculinidade. In: MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). *Verbetes no dicionário da crítica feminista*. Porto: Afrontamento, 2005, p.122-123.

<sup>42</sup> Cf.: CORBIN, Alain. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013; CORBIN, Alain. A necessária manifestação da energia sexual. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

<sup>43</sup> Cf.: VIGARELLO, George. A virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013; VIGARELLO, George. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

articulam às múltiplas masculinidades expressas pelo autor. No último capítulo, o foco é a relação entre *Virilidades e feminilidades*, no qual se aborda a virilidade na vida adulta como algo a ser conquistado e mantido, já que o feminino estaria em constante luta com o masculino pelo poder. Clodoaldo Freitas evidencia em sua literatura a necessidade masculina de ser superior ao representar o risco da perda da virilidade a partir de mulheres que querem ser homem.

## 2 CLODOALDO FREITAS: VIDA E OBRA

### 2.1 FAMÍLIA

Clodoaldo Freitas nasceu em 1855, na cidade de Oeiras, primeira capital do Piauí, e faleceu em 1924, em Teresina. Magistrado, jornalista, político, poeta, ensaísta, historiador, romancista e cronista<sup>44</sup>, era filho de tradicionais famílias de Oeiras do século XIX.<sup>45</sup> Foram seus pais Belisário José da Silva Conrado e Antônia Rosa Dias de Freitas.<sup>46</sup> Tanto do lado paterno, quanto materno, suas origens o situam no seio de famílias de expressão social e política.<sup>47</sup>

Clodoaldo Freitas era descendente do primeiro médico a se instalar no Piauí, o cirurgião-mor José Luís da Silva. O cirurgião em dois casamentos teve 16 filhos, que se consorciaram no seio da própria família<sup>48</sup>, como era comum no século XIX<sup>49</sup>, bem como nas famílias Silva Conrado, Viana de Noronha, Sousa Martins, Mendes de Carvalho, Burlamaqui, Pereira Ferraz, dentre outras antigas famílias do Piauí e do Maranhão.<sup>50</sup> Tratava-se de famílias proprietárias de terras, de nome e de sangue, para usar uma expressão de Evaldo Cabral de Melo, cujos capitais materiais e simbólicos revestiam-se em dividendos de poder.<sup>51</sup>

A genealogia do indivíduo ligado a uma família diz sobre sua importância social dentro das hierarquias de poder. De sorte que possuir um nome familiar tradicional significava deter condições de exercer o poder econômico, social e político. Melo<sup>52</sup>, em seus estudos sobre o século XVIII e a linhagem das famílias brasileiras, diz que a genealogia “classificava ou desqualificava o indivíduo e sua parentela aos olhos dos seus iguais e dos seus desiguais,

---

<sup>44</sup> GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007.

<sup>45</sup> No século XIX o país era dividido apenas em região sul e norte. O Piauí, por sua vez, estava localizado ao norte do país.

<sup>46</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>47</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>48</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>49</sup> BRANDÃO, T. M. P. *A elite colonial piauiense: família e poder*. 1. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

<sup>50</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998; CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-54, dez. 1924; CARVALHO, Abimael Clementino Ferreira de. *Família Coelho Rodrigues: passado e presente*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987. p. 833-834.

<sup>51</sup> MELO, Evaldo Cabral de. *O nome e o sangue: Uma parábola familiar no Pernambuco colonial*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

<sup>52</sup> MELO, 2000.

contribuindo assim para a reprodução dos sistemas de dominação”.<sup>53</sup> Esta conclusão também engloba a relação indivíduo/família no século XIX no Piauí.<sup>54</sup>

Dentre os seus tios-avôs paternos, são exemplos de destaque os Drs. Constantino Luís da Silva Moura, que foi médico, Benjamin Luís da Silva Conrado e Deolindo Mendes da Silva Moura. Quanto à sua ascendência materna, os Dias de Freitas fizeram-se representar na magistratura, na burocracia urbana, nas Assembleias Provincial e Geral, na Presidência da Província, na instância eclesiástica e na carreira militar. Importa destacar que entre as décadas de 1860 e 1880, José Manuel de Freitas, primo de Antônia Dias de Freitas, mãe de Clodoaldo Freitas, era uma das principais lideranças do Partido Liberal no Piauí. Entre os Freitas, por sua vez, foram destaque vários bacharéis em Direito, dentre os quais, Jesuíno José de Freitas, João Alfredo de Freitas, Joaquim Dias de Freitas, bem como diversos religiosos, a citar, o Cônego Claro Mendes de Carvalho e os padres José Dias de Freitas e Doroteu Dias de Freitas.<sup>55</sup>

Considerando o conjunto de parentes de Clodoaldo Freitas, Queiroz afirma que foram bacharéis, sacerdotes, professores, militares, políticos e, sobretudo, fazendeiros e lideranças políticas, notadamente, do Partido Liberal, nas regiões de Oeiras, Jaicós, Floriano, Amarante, Jerumenha e Valença.<sup>56</sup>

Nas famílias de elite, no Piauí, no século XIX, dentre as quais a de Clodoaldo Freitas, a ideia de uma “elite pensante e dirigente a partir da educação está presente de forma indiscutível”.<sup>57</sup> Diante da precária presença do Estado no cenário educacional, a família era a principal responsável por prover instrução. Nas famílias mais ricas, contratavam-se preceptores e professores para atuar nas próprias fazendas. A instrução poderia envolver um grande número de pessoas. Já nas famílias de estratos médios, o processo era mais simples. As mulheres das famílias mais abastadas em geral eram alfabetizadas. No caso da família de Clodoaldo Freitas, muitas das senhoras Dias de Freitas e Silva Conrado foram professoras de primeiras letras em Teresina e também no interior da Província.<sup>58</sup>

Filho de famílias detentoras de cultura escrita, Clodoaldo Freitas tornou-se alvo de investimentos familiares para prover-lhe instrução. Então inicia sua escolarização na década de 1860, quando o número de matrículas nas aulas de instrução primária era ínfimo no Piauí. Em

---

<sup>53</sup> MELO, 2000, p. 13.

<sup>54</sup> BRANDÃO, 1995.

<sup>55</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>56</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>57</sup> QUEIROZ, 2011, p. 84.

<sup>58</sup> QUEIROZ, 2011, p. 79.

1866, a instrução primária atendia a 0,55% da população. Havia uma pessoa estudando para cada 180 fora da escola.<sup>59</sup>

O menino Clodoaldo estudou as primeiras letras na cidade de Jaicós, com o professor público Joaquim Manuel de Lima. Depois seguiu para Oeiras, em 1869, para estudar Latim e Francês, em aula pública ministrada pelo seu tio Padre José Dias de Freitas. Desentendendo-se com o tio, Clodoaldo voltou a Jaicós, continuando os Estudos de Latim com o rábula pernambucano Eduardo Cavalcante de Lacerda.<sup>60</sup>

O jovem Clodoaldo beneficiava-se da implantação do ensino secundário implantado na Província. A esse respeito importa destacar que em 1827 ocorreu a iniciativa oficial no sentido de implantar o ensino secundário na Província, quando foram criadas as cadeiras de Latim nas cidades de Oeiras e Parnaíba, para as quais, com abertura de concurso, não surgiram pretendentes. Este nível de ensino efetivou-se na iniciativa particular, com a fundação de escolas nas cidades de Jaicós, Piripiri e Parnaíba, na primeira metade do século XIX. A primeira escola de instrução secundária no Piauí foi o Liceu Piauiense, criado em 1845, através da Lei Provincial n. 198, de 6 de outubro de 1845.<sup>61</sup>

No ano de 1871, Clodoaldo Freitas partiu para o Seminário das Mercês, em São Luís, onde estudou três anos. Desinteressando-se da carreira eclesiástica, ingressou no Liceu do Maranhão, em 1874, direcionando seus estudos para a área de Direito.<sup>62</sup>

Nesse contexto, a partir de 1873, a legislação relativa ao ingresso nos cursos superiores do Império passou a permitir que os exames preparatórios, que davam acesso a seu nível de ensino, fossem realizados em todas as capitais de Província, diante de bancas examinadoras.<sup>63</sup>

Em 1875, Clodoaldo concluiu os preparatórios no Liceu Piauiense, para ingressar na Faculdade de Direito do Recife. Clodoaldo tornar-se-ia doutor em um mundo de analfabetos. Sua escolarização exemplifica as possibilidades concretas de escolarização no interior da Província, cujas soluções encontradas se relacionam as condições sociais e familiares. O modelo sugerido por Queiroz para esta escolarização de responsabilidade da família consistia na passagem da família para os internatos, ligados à ação de religiosos, a exemplo no Piauí do Colégio do Padre Marcos de Araújo Costa.<sup>64</sup>

---

<sup>59</sup> QUEIROZ, 2011, p. 80.

<sup>60</sup> QUEIROZ, 2011, p. 79.

<sup>61</sup> Sobre a educação no Piauí no século XIX, consultar QUEIROZ, Teresinha. *História da educação no Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2010; QUEIROZ, Teresinha. Analfabetos e doutores: do estudo ao trabalho. In: \_\_\_\_\_. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: EDUFPI, 2011.

<sup>62</sup> CUNHA, 1924, p. 28-54.

<sup>63</sup> Sobre os exames preparatórios no contexto, consultar CUNHA, Luís Antônio. *A universidade temporã: da Colônia à era Vargas*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986, p. 124-130.

<sup>64</sup> QUEIROZ, 2011, p. 78.

Segundo Queiroz, há indícios de que Clodoaldo Freitas seria um estudante do tipo indisciplinado e rebelde. Seus interesses, certamente, se voltavam para conteúdos extracurriculares. Ainda menino fugiu da escola de seu tio Padre José Dias de Freitas, em Oeiras; foi crítico do ensino ministrado no Seminário das Mercês, no qual compunha um grupo de alunos rebeldes e não teria sido entusiasmado com o curso de Direito, interessando-se, predominantemente, pelo estudo da Poesia, da Filosofia, da Literatura e da História.<sup>65</sup>

Crítico do sistema de ensino de que foi alvo, Clodoaldo Freitas, como indivíduo mediante seu processo de escolarização reproduzia os interesses de seu grupo – a família, que mediante a transmissão da cultura escrita a novos membros, assegurava condições de reprodução de condições sociais. Tratava-se de uma estratégia familiar para assegurar posição nos quadros de mando.

Com a valorização da cultura escrita na sociedade, cria-se uma separação entre os homens com e sem instrução, na qual se valorizava o intelectual capaz de trazer o progresso a sociedade.<sup>66</sup> Configura-se uma hierarquia social que distanciaria os que não conseguiam se encaixar neste sistema normativo. A cultura escrita era um mecanismo que distinguia um grupo como de elite.<sup>67</sup>

Com efeito, na aquisição de uma formação superior, os jovens eram financiados por suas famílias e mesmo pelo Estado. Brandão<sup>68</sup>, em seus estudos sobre o período colonial brasileiro, nos diz que os pais ou parentes próximos proporcionavam auxílio financeiro para que os filhos homens comessem uma vida independente. No século XIX, era função destes propiciar o acesso e a permanência no ensino superior.

Em Jaicós, o cônego Claro Mendes de Carvalho, parente e possível incentivador de Clodoaldo Freitas, levou-o ao sacerdócio e a ingressar no Seminário das Mercês.<sup>69</sup> Podemos

---

<sup>65</sup> QUEIROZ, 2011, p. 85.

<sup>66</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>67</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias. *História Unisinos*, n.1, mai./ago. 2005, p. 86.

<sup>68</sup> BRANDÃO, T. M. P. *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 1999.

<sup>69</sup> O Convento das Mercês é um antigo prédio localizado no centro histórico de São Luís do Maranhão. Foi posto sob invocação de Nossa Senhora da Assunção, embora o povo não o chamasse desta forma, começou a ser construído em 1654, quando chegaram à São Luís os mercedários João Cerveira (maranhense de Alcântara) e Marcos Natividade, vindos de Belém, que se juntaram aos frades Manoel de Assunção e Antônio Nolasco, além do leigo João das Mercês. Foi erguida ali em taipa coberta de palha. No ano seguinte, em terreno adicional, reedificaram as instalações em pedra e cal, construindo a capela-mor. Construído em 1654 e tombado como Patrimônio Histórico Nacional, o convento foi inaugurado pelo padre Antônio Vieira, e nele funcionou o Convento da Ordem dos Mercedários.

destacar que este cônego era financiador de outros estudantes como o comerciante Hermenegildo Lopes dos Reis.<sup>70</sup>

Ao sair do Seminário das Mercês no ano de 1874 e ter se matriculado no Liceu Maranhense e logo após ter voltado ao Piauí para se preparar para ingressar na Faculdade de Direito do Recife, Clodoaldo continuou a ser financiado e auxiliado pelos familiares.

O auxílio econômico recebido por Clodoaldo Freitas até sua formatura nos remete à ideia de que a família no período tinha a função de proteger os seus e de reproduzir o patrimônio econômico e simbólico. Segundo Michelle Perrot, cada membro da família teria a sua função política e econômica dentro de uma grande rede familiar. Neste momento, a família seria caracterizada como uma “rede de pessoas<sup>71</sup>” e um “conjunto de bens<sup>72</sup>” materiais, ligada a um sangue. Em que cada indivíduo estaria vinculado a um “modo de produção familiar<sup>73</sup>” para prover a acumulação de bens.<sup>74</sup> Assim, Clodoaldo Freitas estava inserido em uma rede familiar de expressão na Província do Piauí.

## 2.2 FORMAÇÃO INTELECTUAL

No Império, a criação de Faculdades de Direito em São Paulo e em Recife, propiciou a formação da elite brasileira, com base ideológica e cultural semelhante. Estas instituições constituem o berço da burocracia dominante, o destino dos filhos da elite agrária imperial<sup>75</sup>, dentre os quais, Clodoaldo Freitas.

A educação propiciada pelas famílias de elite, no Piauí, finaliza-se com o ingresso de parte de seus filhos nas instituições de ensino superior existentes no Império. Clodoaldo Freitas, após desistir da carreira eclesiástica, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, em 1876, formando-se, em 1880. No Recife, participou do movimento filosófico-cultural surgido em torno da Faculdade – a Escola do Recife – liderado por Tobias Barreto, que foi responsável pela difusão no Norte brasileiro de novas ideias nascidas na Europa, no século XIX.<sup>76</sup>

<sup>70</sup> REIS, Hermegildo Lopes dos. Minha obscura individualidade e meu tio padre Claro Mendes de Carvalho. *A Época*. Teresina, ano 6, n. 243, 10 fev. 1879.

<sup>71</sup> PERROT, Michelle. Funções da família. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottman; Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia da Letras, v.4, 1991, p.105.

<sup>72</sup> PERROT, 1991, p. 105.

<sup>73</sup> PERROT, 1991, p. 108.

<sup>74</sup> PERROT, 1991.

<sup>75</sup> SHUWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. 7. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1993, p. 28.

<sup>76</sup> QUEIROZ, 2011.



Na verdade, Clodoaldo segue trajetória semelhante à de alguns homens de sua família, que estudaram na referida Faculdade. José Manuel de Freitas (1832-1887) estudou na instituição durante a década de 1850, tendo, dentre seus colegas, outro parente de Clodoaldo, Deolindo Mendes da Silva Moura.

Tratava-se de uma trajetória de elite, pois poucas eram as famílias que investiam nessa modalidade de formação. Para formar um bacharel, além dos investimentos na educação que subsidiavam o ingresso em instituição de ensino superior, era necessário manter o futuro bacharel em outra cidade que não o lugar de origem. Segundo Queiroz, entre 1870 e 1922, formaram-se na Faculdade do Recife, 4.409 bacharéis, dentre os quais apenas 188 eram piauienses, o que corresponde a 4,26% do total.<sup>77</sup>

Clodoaldo Freitas mantinha-se no Recife com mesada enviada por sua família. Segundo Higino Cunha, os recursos recebidos permitiam que se dedicasse aos livros sem sofrer privações.<sup>78</sup>

Higino Cunha acrescenta que o literato não gostava do curso de Direito, apesar de não ser mau aluno e obter boas notas. Era, na verdade, muito dedicado aos estudos que o interessavam, chegando a passar até dezoito horas estudando. A respeito de Clodoaldo estudante do Recife, escreveu:

Durante o tirocínio acadêmico, estudou muito, de preferência literatura e filosofia positiva nas obras de Littré. Clodoaldo confessa que o direito, como era ensinado então, o enojava pela sua esterilidade e secura. Tobias Barreto ainda estava na Escada. Contudo, o moço acadêmico nunca fez má figura nas aulas e nos exames<sup>79</sup>.

Clodoaldo Freitas, ao rememorar sua vida de estudante no Recife, em 1916, acentua:

No Recife, em centro mais vasto, dedicando-me a estudos mais sérios e profundos, atirei-me à filosofia, à literatura, à história e à crítica religiosa, lendo, sem método, mas lendo muito, todos os livros que encontrava, tomando conhecimento com os grandes pensadores e poetas de todos os tempos. Pouco me ficava dessa leitura desordenada. Quando, porém, me pus em contato com Büchner, a *Ciência das religiões* de E. Burnouf, as *Origens dos cultos* de Dupuis, com Spencer, Proudhon, Stuart Mill, Vogt, Lubbock, Tylor e outros, minhas idéias se acentuaram no sentido materialista.

No meu 5 ano, já em proveitoso e íntimo contato com Clóvis Bevilacqua e Martins Júnior, encontrei em Emílio Littré um guia esclarecido, que me dominou por algum tempo. Fui, então, positivista heterodoxo. Foi belo tempo

---

<sup>77</sup> QUEIROZ, 2011, p. 103.

<sup>78</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>79</sup> CUNHA, 1924, p. 28-54.

de combatividade da *Ideia Nova*, onde os dois grandes e queridos amigos, Artur Orlando e eu, agitamos o ambiente, sempre agitado pela ebulição de todas as ideias da gloriosa academia.<sup>80</sup>

Queiroz, ao focalizar o estudo da academia fora da instituição, isto é, a aprendizagem extracurricular, destaca que, na época em que Clodoaldo Freitas foi estudante (1876-1880), havia mais movimento que na geração anterior, em virtude da difusão de novas ideias e do alargamento da participação social e política dos estudantes. Aos interesses literários somavam-se os interesses na participação política e nas discussões de natureza anticlerical. Abolição, República e o livre pensamento são temas presentes no tempo de Clodoaldo Freitas no Recife. Ainda conforme Queiroz, diversas interpretações em torno da Escola do Recife destacam o decênio de 1876 a 1885, como o mais fértil quanto à divulgação de ideias novas. Tal a importância do movimento cultural na Escola do Recife que a trajetória de Clodoaldo Freitas sofreu continuidade na defesa das ideias defendidas na Escola.<sup>81</sup>

No mesmo sentido, afirma Coelho que

Clodoaldo Freitas esteve em Recife na fase mais agitada da Escola, exatamente aquela em que os temas filosóficos dominaram o ambiente e as teses materialistas e cientificistas pareciam alijar de vez o que restava da tradição espiritualista.<sup>82</sup>

No Recife, segundo Chaves, Clodoaldo Freitas foi contemporâneo de Clóvis Beviláqua, Martins Júnior, Artur Orlando, Faelante da Câmara, Benedito Leite e Urbano Santos, dentre outros.<sup>83</sup> Ao lado de Clóvis Beviláqua e de Martins Júnior, destacou-se como participante do grupo *Ideia Nova*.<sup>84</sup>

Ao traçar o perfil intelectual de Clodoaldo, acentua Martins Júnior:

Era um elevado espírito a serviço de um temperamento intensamente revolucionário.  
Fizera, no ano anterior, sua honrosa deserção para o acampamento das ideias positivas.  
Procurava, com avidez, os livros novos e entregava-se à crítica.  
A crítica religiosa, sobretudo, fascinava-o.

<sup>80</sup> FREITAS, Clodoaldo. O dr. Clodoaldo Freitas fala ao Diário. O *Diário*, Belém, ano 2, n. 282, 20 fev. 1916.

<sup>81</sup> QUEIROZ, 2011, p. 95.

<sup>82</sup> COELHO, Celso Barros. Clodoaldo Freitas, inteligência superior. In: *Academia Piauiense de Letras. Os fundadores*. Teresina: Meio Norte, 1997, p. 116.

<sup>83</sup> CHAVES, Joaquim (Pe). Apontamentos biográficos e outros. Teresina: *Academia Piauiense de Letras*, 1983, p. 43-46.

<sup>84</sup> COELHO, 1997.

Tinha um ódio felino de demagogo, contra as religiões, os padres, ou odiava menos os reis.<sup>85</sup>

Para Celso Barros, ainda em São Luís, em 1870, Clodoaldo sofreu o impacto das ideias liberais, na versão expressa pelos enciclopedistas. Ali havia um debate polarizado por aqueles que defendiam, por um lado, o cientificismo naturalista e por outro, os adeptos do espiritualismo. Quando no Recife, a discussão aprofundou-se. Lá só havia espaço para a ideologia da ciência.<sup>86</sup>

A condição de estudante no Recife, conforme Queiroz, possibilitou a Clodoaldo Freitas o acesso a um movimento cultural de cunho regional. Através desta experiência desenvolveu o sentimento de pertencimento ao movimento, o compromisso de defender seus princípios, bem como intercâmbio com egressos oriundos da Escola, em nível regional.<sup>87</sup>

No Recife, Clodoaldo entrou em contato com propostas de explicação científica do mundo, de explicação natural do homem e da sociedade, com polêmicas anticlericais, bandeiras abolicionistas, bem como com as temáticas da República e da democratização.<sup>88</sup>

Quando estudante, Clodoaldo envolveu-se em discussões relativas às ideias novas difundidas pelo movimento. Suas posições, em parte, constam no *Breve notícia sobre as Visões de hoje*, livro de seu colega Martins Júnior.<sup>89</sup> Trata-se de um artigo que incorporou e difundiu vários argumentos que tratam das mortes propostas pela geração de Clodoaldo, quais sejam: a da metafísica, da religião, do ciclo teológico, de mitos e do próprio sentimento religioso, conforme argumenta Queiroz.<sup>90</sup>

Acentua Celso Barros que as ideias que tocavam o pensamento de Clodoaldo Freitas e que definiram o seu perfil intelectual, eram relativas, sobretudo, à crítica religiosa e à apologia do cientificismo de Spencer, Darwin e Littré, que eram autores de sua preferência.<sup>91</sup>

Acrescenta o autor que a polêmica religiosa, desde a década de 1870 agitava os principais centros do país. Sentia-se, nas principais cidades do Império, a influência de ideias naturalistas e positivistas, que visavam destruir dogmas religiosos e as bases doutrinárias nas quais estavam assentadas.<sup>92</sup>

<sup>85</sup> COELHO, Celso Barros. *Homens e ideias de ação*. Teresina: Ed. Júnior, 1991, p. 19.

<sup>86</sup> COELHO, 1991, p. 19.

<sup>87</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>88</sup> QUEIROZ, 2011, p. 100.

<sup>89</sup> FREITAS, Clodoaldo. Breve notícia sobre as *Visões de hoje*. *A Imprensa*, Teresina, ano 16, n. 693-698, jul./ago. 1881.

<sup>90</sup> QUEIROZ, 2011, p. 99.

<sup>91</sup> COELHO, 1997, p. 117.

<sup>92</sup> COELHO, 1997, p. 119.

Graças à manutenção do monopólio do ensino jurídico em Pernambuco até o final do século XIX e à circulação de pessoas e de bens, em virtude da dinâmica econômica, desenvolveu-se um intercâmbio cultural no espaço entre Pernambuco, Pará e Amazonas, do qual se beneficiou Clodoaldo Freitas, desenvolvendo uma identidade ideológica e cultural, típica das elites do período.

Assim, quando Clodoaldo retorna a Teresina, já formado, é detentor de um saber acadêmico e filosófico, que o instrumentaliza para a ação social e política, que se consubstancia, em parte, na atuação na imprensa mediante a repulsa das explicações tradicionais de mundo e a apologia de ideias modernas, com base na Escola do Recife.

### 2.3 TRAJETÓRIAS PROFISSIONAL E POLÍTICA

Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, em 1880, Clodoaldo Freitas retornou a Teresina, nomeado promotor público da capital. Ao longo de sua trajetória foi também juiz municipal em Teresina, Valença e Santa Filomena, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí, juiz municipal na cidade de Campos (RJ), juiz de Direito em Bagagem (MG), chefe de polícia em Mato Grosso, deputado estadual no Pará, professor de Direito, em Belém, colaborador do jornal *Província do Pará* e diretor do *Diário da Manhã* e do *Diário*, no Pará; chefe de polícia, procurador-geral do Estado e diretor da Imprensa Oficial, em São Luís, além de atuar em vários jornais do Piauí e do Maranhão.<sup>93</sup>

Sua atuação profissional é um exemplo de trajetória seguida pelos bacharéis em direito no Piauí entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Neste contexto, os bacharéis participavam intensamente da vida social, atuando na política, na burocracia, na literatura, no jornalismo e no magistério público e particular. Clodoaldo Freitas atuou no ensino público e particular, na magistratura e no funcionalismo público em geral.<sup>94</sup>

No magistério, a atuação de Clodoaldo Freitas não foi permanente e regular. Em 1885, caiu o Partido Liberal, como consequência, Clodoaldo Freitas foi demitido da cadeira de História do Liceu Piauiense, que ocupava interinamente. No ano de 1894, sem condições de exercer atividade profissional no Piauí, em virtude de embates pessoais e políticos, vai

---

<sup>93</sup> CHAVES, Joaquim (Pe). Apontamentos biográficos e outros. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1983. p. 43-46; MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura piauiense: Horizontes de leitura e crítica literária* (1900-1930). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

<sup>94</sup> QUEIROZ, 2011, p. 108.

encontrar colocação no Amazonas, na função de Inspetor Escolar. Em 1903, atua como professor da Faculdade de Direito do Pará, graças à intervenção de Heitor Castelo Branco, filho do Barão de Castelo Branco, estabelecido em Belém. Na cidade de São Luís, deu aulas particulares no Instituto Amir Nina, em 1908.<sup>95</sup>

A vida profissional de Clodoaldo Freitas foi marcada por instabilidade e insegurança. Só é possível compreendê-la se considerada em relação à sua participação política, de natureza acidentada, desde o Império.<sup>96</sup>

Quando Clodoaldo Freitas retornou a Teresina, no começo da década de 1880, a política era polarizada pelos partidos Liberal e Conservador. Defendiam os interesses desses partidos os jornais *A Imprensa* e *A Época*. Clodoaldo Freitas, por tradição de família filiou-se ao Partido Liberal. A segunda pessoa do partido até o ano de 1887, José Manuel de Freitas, era seu parente e amigo particular.<sup>97</sup>

Clodoaldo Freitas volta do Recife nomeado Promotor de Municipal e de Órfãos do termo de Valença. À época os liberais estavam no poder. De Valença foi transferido para Teresina.<sup>98</sup>

O Partido Liberal caiu, em 1885, e Clodoaldo Freitas assumiu a redação *d' Imprensa*, em campanha contra a nova conjuntura política. Posteriormente, dirigiu-se para Amarante como advogado do Partido, na cidade. Em 1887, de volta a Teresina, Clodoaldo Freitas dirige o jornal *A Reforma*, de tendência republicana. Jornal da dissidência liberal liderada por Mariano Gil Castelo Branco. Afasta-se desse jornal, para ser redator chefe do jornal *A Imprensa*.<sup>99</sup>

A respeito da atuação de Clodoaldo Freitas como jornalista, destaca Matias Olímpio, em 1940:

O jornalismo, então, não primava pela limpeza de linguagem e as agressões pessoais se estendiam à vida privada e, às vezes, nem as senhoras eram poupadas. Tão aviltantes eram os processos dominantes, que os próprios órgãos dos partidos se envergonhavam de dar acolhida a arguições que de antemão reconheciam injuriosas. [...] A violência desses processos não intimidava Clodoaldo, cuja característica predominante de espírito foi a combatividade.<sup>100</sup>

<sup>95</sup> DERRUBADA. *A Imprensa*, Teresina, ano 21, n. 888, 24 out. 1885; CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-54, dez. 1924, p.47; TELEGRAMA: Pará, 9. O Estado, Teresina, ano 1, n. 47, 15 ago. 1903; NOVO INSTITUTO. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 39, n. 10, 30. Abr. 1908.

<sup>96</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>97</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>98</sup> CUNHA, 1924, p. 28-54.

<sup>99</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>100</sup> OLÍMPIO, Matias. *Ensaio, discursos e conferências*. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, p. 53.

No período compreendido entre 1886 e 1888, Clodoaldo Freitas encontrou-se sem vinculação com o setor público, em virtude do ostracismo liberal. Nesse período, estabelece banca de advogado, atendendo a demandas do interior da Província do Piauí e do Maranhão. Em 1888, foi nomeado, por intervenção de Coelho de Resende e de João Henrique Vieira da Silva, que fora seu colega no Recife, Juiz Municipal do Termo de Santa Filomena.<sup>101</sup>

Com a Proclamação da República, volta para Teresina, e é homenageado por sua atuação como republicano histórico.<sup>102</sup> É importante destacar que, no Piauí, a propaganda republicana data da década de 1870, com a atuação do jornalista Davi Caldas, através dos jornais *Oitenta e Nove* e o *Amigo do Povo*.

Movimento mais amplo em prol da República só se manifestou na Província em meados dos anos 1880, com a chegada de novos bacharéis vindos do Recife, com destaque para os nomes de Clodoaldo Freitas, Joaquim Ribeiro Gonçalves, César do Rego Monteiro e Higino Cunha. Dentre os republicanos citados, apenas Joaquim Nogueira Paranaguá situou-se de forma independente dos partidos monárquicos, candidatando-se a deputado provincial pelo Partido Republicano Piauiense. A condição de republicano histórico, no caso de Clodoaldo Freitas, era reconhecida pelos contemporâneos, embora fosse filiado ao partido Liberal. Artigos publicados por Clodoaldo Freitas no jornal *A Reforma*, por exemplo, foram considerados subversivos, em virtude de seu republicanismo e teriam causado uma crise no partido Liberal.<sup>103</sup>

Quando da proclamação da República, segundo Higino Cunha, ao chegar, Clodoaldo Freitas foi recebido “sob as mais estrondosas manifestações populares”.<sup>104</sup> Contudo, a condição de republicano histórico nada significou para Clodoaldo Freitas no sentido de assegurar-lhe o poder. O movimento pelo qual lutara, na verdade, assegurava condições de mando mediante o condicionamento de outros fatores que não a defesa e a fidelidade ao novo regime.<sup>105</sup>

No contexto, foi apresentado por Clóvis Beviláqua a Taumaturgo de Azevedo, para fazer parte de sua equipe de governo, como Procurador Fiscal do Tesouro do Estado. Com interesse na carreira da magistratura, foi nomeado para Juiz de Direito de União, comarca criada com o intuito de acomodá-lo. Contudo, o diploma legal não foi expedido. Clodoaldo Freitas atribui esta derrota à ação de Coelho Rodrigues e de Campos Sales, no Rio de Janeiro.<sup>106</sup>

---

<sup>101</sup> CUNHA, 1924, p. 28-54.

<sup>102</sup> CUNHA, 1924, p. 28-54.

<sup>103</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>104</sup> CUNHA, 1924, p. 28-54.

<sup>105</sup> COELHO, 1997, p. 119.

<sup>106</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Os fatores do coelhado*. Teresina: Tipografia do Democrata, 1892.

Depois deste episódio, Clodoaldo Freitas migra e vai encontrar colocação na burocracia federal, atuando como Juiz de Direito de Campos, Rio de Janeiro, e de várias comarcas do interior de Minas Gerais, cuja atuação foi efêmera. Na década de 1890, exerceu durante duas vezes a condição de Procurador Geral do Estado do Piauí e de Chefe de Polícia.

Na avaliação de Monsenhor Chaves,

[...] a luta era cruenta e sem quartel, não havia tolerância e boa vontade para com o adversário vencido. Esta foi a razão por que Clodoaldo, durante muito tempo, viveu uma vida errante para poder manter os encargos de família. Após suas frequentes derrotas políticas tinha que migrar; abandonar o Estado para poder sobreviver. Ia sarar as feridas e refazer o deficitário orçamento familiar longe do Piauí. Percorreu assim o Brasil exercendo cargos públicos em vários Estados da Federação.<sup>107</sup>

Para compreensão da trajetória profissional de Clodoaldo Freitas, é necessário realçar que a elite política e burocrática do Piauí até o final do Império está concentrada nas mãos de famílias entrelaçadas e aparentadas, oriundas da região compreendida entre Picos, Jaicós, Oeiras e área de influência. Na década de 1880, há continuidade da dominação das antigas famílias do centro e do sudeste da Província, como os Freitas, os Sousa Martins e famílias correlacionadas, tais como os Sousa Mendes e Silva Moura, de apogeu político na segunda metade do século XIX.<sup>108</sup>

Na década de 1850, a decadência de Oeiras, a antiga capital, já vinha se estabelecendo. Com a mudança da capital para Teresina, em 1852, o panorama da dominação política tornou-se mais complexo. Inserem-se na disputa política antigas famílias do norte da Província – os Carvalhos, os Pires Ferreira, os Correias e os Castelos Brancos.<sup>109</sup>

Com o advento da República, permanecem no poder as lideranças vindas da década de 1880. Na década de 1890, articulados em oposição aos governos militares, situam-se os grupos a partir dos quais passou a girar a política, na Primeira República: Mendes-Nogueira, do centro-sudeste do Estado, os Pires, do Norte e os Abreus, de Teresina. De acordo com as alianças políticas, situava-se o grupo do Barão de Castelo Branco, no qual se inseria Clodoaldo Freitas.

Clodoaldo Freitas é um representante de família tradicional vinda de Oeiras e do Império, em decadência, nas bases rurais e no afastamento da administração pública na órbita urbana. Esforça-se, no decorrer da vida, para ocupar espaço político na República, através de cargo eletivo, mas é frustrado em suas aspirações eleitorais e ocupa cargos burocráticos de forma

---

<sup>107</sup> CHAVES, 1983, p. 44.

<sup>108</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>109</sup> QUEIROZ, 2011.

efêmera. Trata-se, na avaliação de Queiroz, do exemplo típico de um desiludido da República.<sup>110</sup>

Diz Matias Olímpio que um fato curioso na trajetória de Clodoaldo Freitas é que

[...] enquanto o fracasso de uma campanha política deixava os companheiros desorientados ou incapazes para novas justas, ele esquecia inteiramente a derrota e começava imediatamente a pensar em novos planos e a cogitar de novas lutas.<sup>111</sup>

Sobre seus malogros na política partidária, Clodoaldo Freitas, afirmou:

Fui candidato infalível a uma cadeira na Câmara Federal; ia o Rio, gastava o meu tempo e o meu dinheiro e voltava derrotado, vencido, mas satisfeito porque afirmava a vitalidade de minha crença de republicano histórico, lavrando o meu protesto contra a fraude e contras as normas que vigoravam e que não de morrer, como tudo morre, e mais facilmente o erro.<sup>112</sup>

A leitura de Matias Olímpio e o registro da experiência de Clodoaldo Freitas só são compreensíveis se considerarmos que a República estabelece, por um lado, mecanismos de reprodução, de sobrevivência grupal e institucional; por outro, eliminações revestidas de violência extrema, que se manifestam como violência física, moral, institucional, dentre outras. A cooptação, o alijamento, a inviabilização das condições materiais de sobrevivência, as ameaças, o desemprego, as campanhas difamatórias, as violências físicas, as prisões, os exílios voluntários e involuntários, empastelamento e incêndios de jornais eram práticas da política republicana.<sup>113</sup>

Como efeito dessa política, configurava-se a migração de trabalhadores intelectuais e de políticos no âmbito nacional e inter-regional, cuja trajetória de Clodoaldo Freitas é um exemplo. Clodoaldo Freitas, predominantemente opositor, frequentemente tinha inviabilizadas as suas condições de sobrevivência no Estado, obrigando-se a migrar.<sup>114</sup>

Excluído por conjunturas locais, por sua ligação com oligarquias dissidentes, era absorvido em outros contextos. O governo federal colocava-se como um receptáculo dos excluídos dos diferentes estados, acomodando-os. Na verdade, as migrações estavam

---

<sup>110</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>111</sup> FREITAS, Clodoaldo apud OLÍMPIO, 1959, p. 53.

<sup>112</sup> OLÍMPIO, 1959, p. 54.

<sup>113</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>114</sup> QUEIROZ, 2011.



vinculadas à perda de posições hegemônicas pelos grupos tradicionais vindos do Império e à substituição de políticos oriundos do sul-sudeste, concentrados em Oeiras, pelos grupos do Norte, voltados para o comércio.<sup>115</sup>

O grupo do Barão de Castelo Branco, no qual estava inserido Clodoaldo Freitas, esfacelou-se no início do século XX. Nas eleições de 1903, o grupo do Barão estava na oposição. Clodoaldo Freitas, que então disputara uma vaga para a Câmara Federal, elegeu-se, mas foi depurado. Não obteve reconhecimento de seu diploma. Excluído dos quadros de mando locais, vai se colocar no magistério superior no Pará, graças à influência do grupo do Barão de Castelo Branco neste Estado, conforme já foi destacado.<sup>116</sup>

Diante das frustrações políticas, para Clodoaldo Freitas, de sonho, a República, torna-se pesadelo. Clodoaldo, na condição de republicano histórico logo é alijado. Com efeito, uma das formas de atuação política de Clodoaldo durante a República, é a produção de crítica a esta forma de governo, de fato, através do desenvolvimento do tema da republicanização brasileira. Clodoaldo critica a República, argumentando que seu problema central é a negação da cidadania, que significa negação da própria República. Para Clodoaldo Freitas, a República brasileira era centralista, autocrática, bem como negava os princípios de igualdade e de liberdade. O governo constituído negava a essência do regime ao negar a cidadania, o direito de voto popular e a possibilidade de livre escolha dos representantes.<sup>117</sup>

Com o contraste entre o ideal republicano e a república implantada no Brasil, Clodoaldo Freitas propõe republicanizar a República através de uma nova propaganda e da participação através do voto livre.<sup>118</sup>

A atuação de Clodoaldo Freitas na magistratura, na burocracia estadual e federal, no jornalismo, na educação e na política partidária, é relativa à sua condição de bacharel em Direito, carreira típica no que tange à ocupação de funções burocráticas e de cargos políticos, bem como à sua situação de filho de família decadente em termos políticos, no quadro de redefinição das relações de poder na Província, na passagem do Império para a República.

Para Celso Barros, no que tange à trajetória profissional de Clodoaldo Freitas,

---

<sup>115</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>116</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>117</sup> QUEIROZ, Teresinha. Clodoaldo Freitas e a republicanização da República. Revista Espaço-Tempo, v. 1, n.1, p.142-155, 1991; QUEIROZ, Teresinha. Homens de letras e a política republicana. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo. *História e historiografia*. Recife: Bagaço, 2006. p. 459-485; QUEIROZ, 2011.

<sup>118</sup> QUEIROZ, Teresinha. Clodoaldo Freitas e a republicanização da República. Revista Espaço-Tempo, v. 1, n.1, p.142-155, 1991; QUEIROZ, Teresinha. Homens de letras e a política republicana. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo. *História e historiografia*. Recife: Bagaço, 2006. p. 459-485; QUEIROZ, 2011.

As oportunidades que se lhe ofereceram foram muitas, mas seu espírito rebelde, suas vinculações familiares e políticas ao Piauí não lhe permitiram fixar-se em nenhum desses lugares ou desses postos e sempre que o clima amainava ou as energias eram recobradas, voltava à sua terra e aqui iniciava a mesma faina.<sup>119</sup>

Conforme destaca Matias Olímpio, a morte apanhou Clodoaldo Freitas, em 1924, em Teresina, fazendo parte do Tribunal de Apelação local.<sup>120</sup>

## 2.4 OBRA E AVALIAÇÕES

Clodoaldo Freitas ao longo de sua vida produz uma vasta obra, de natureza histórica, filosófica, de exegese religiosa, etnográfica, literária e jurídica. Sua produção apresenta-se sob diferentes formas, quais sejam: artigos, polêmicas, crônicas, romances, contos, relatórios, novelas, poesias, resenhas críticas, traduções literais, traduções livres, dentre outras.<sup>121</sup>

Matias Olímpio, no início dos anos 1940, acentuava que

O nomadismo não diminuía a sua produção mental, que era frequente e sempre superior aos compromissos tomados com os diários em que escrevia. Recorrendo mais de uma vez ao seu material acumulado, pude ver quanto era abundante e variada a sua produção. Compreendia história, ensaios filosóficos, crítica literária, biografias e exegese religiosa.<sup>122</sup>

Cristino Castelo Branco, que era também conhecedor da obra de Clodoaldo Freitas, no mesmo período, destacava: “Considerável a obra esparsa de Clodoaldo Freitas, e os inéditos que deixou, e que talvez se venham a perder completamente, valem por uma vultosa bagagem literária”.<sup>123</sup>

Na avaliação de Higino Cunha, Clodoaldo Freitas foi o escritor piauiense que legou maior herança à posteridade. Com uma extensa obra composta por contos, poesias, romances, crítica religiosa, filosofia e direito, dentre outros temas, Clodoaldo produziu um conjunto não produzido por outro piauiense.<sup>124</sup>

---

<sup>119</sup> COELHO, 1997. p. 127.

<sup>120</sup> OLÍMPIO, 1959. p. 54.

<sup>121</sup> QUEIROZ, 1996, p. 5-18.

<sup>122</sup> OLÍMPIO, 1959. p. 54-55.

<sup>123</sup> CASTELO BRANCO, 1946, p. 80.

<sup>124</sup> CUNHA, 1924, p. 29-31.

Segundo Matias Olímpio, Clodoaldo Freitas foi o primeiro, no Piauí, a elaborar a crítica das religiões, que era o ramo de estudo de sua preferência. Para Olímpio,

Ninguém lhe disputa a precedência e a preeminência desses estudos. Ao tempo em que aqui chegou, não eram objeto de cogitação do Estado, onde a filosofia não ia além de COUSIN. Foi ele um precursor. Só alguns anos depois, em 1885, aparecia HIGINO CUNHA agitando também estas e outras ideias da Escola do Recife, centro intelectual de todo o País. Isto mesmo é lealmente por ele confessado.<sup>125</sup>

Em virtude de sua instabilidade profissional e dos imperativos da política do final do Império e da República, Clodoaldo Freitas, quando a necessidade de migrar colocava-se, deslocava-se. Instando-se, desse modo, em várias partes do Brasil, especialmente entre Pernambuco e Pará. Disto decorreu a dispersão de seus escritos e sua colaboração fragmentária em muitos periódicos em quase todo o Brasil. Considerando a atuação de Clodoaldo Freitas nas capitais é possível acentuar sua colaboração, na imprensa, nos seguintes periódicos: *Revista Mensal, A Reforma, O Reator, O Democrata, Pátria, Litericultura, Revista Mensal, A Imprensa, O Estado, Revista Piauiense*, em Teresina; *Ideia Nova, A Província*, em Recife; *Província do Pará, Diário da Manhã, O Diário, Pará-Maçom*, em Belém; *Diário do Maranhão, Pacotilha, O Avante, Diário Oficial*, em São Luís; *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro.<sup>126</sup>

Para Matias Olímpio,

O jornalismo e a exegese religiosa devem-lhe as melhores páginas. Era um *débateur* e na luta seu temperamento, aparentemente apático, transfigurava-se. À causa abraçada concentrando todo seu ardor, nada mais enxergava que não fosse o princípio patrocinado. O arrojo de suas convicções e o desassombro de suas ideias despertavam, nos medíocres, insultos cruéis que ele jamais deixou de revidar com atrocidades desconcertantes. Foram ele e COELHO DE RESENDE os verrineiros mais temíveis e temidos de seu tempo.<sup>127</sup>

Apesar da vasta obra, poucos foram os livros editados. Teresinha Queiroz em esforço de classificação de sua obra, a agrupa em obras publicadas,<sup>128</sup> obras publicadas integralmente em

<sup>125</sup> OLÍMPIO, Matias, 1959, p. 63.

<sup>126</sup> QUEIROZ, 1996, p. 5-18.

<sup>127</sup> OLÍMPIO, 1959, p. 61.

<sup>128</sup> *Os fatores do coelhado*, Teresina, 1892; *História do Piauí (sinopse)*, Teresina, 1902; *Vultos piauienses*, Teresina, 1903; *Piauí: canto sertanejo*, São Luís, 1908; *Em roda dos fatos*, Teresina, 1911; *Contos à Teresa*,

jornais e revistas e totalmente recuperadas,<sup>129</sup> obra inédita recuperada em manuscrito,<sup>130</sup> traduções publicadas em jornais<sup>131</sup> e obras inéditas, total ou parcialmente.<sup>132</sup>

Sua obra, especialmente, a ficcional emerge subscrita por pseudônimos. Encontra-se a assinatura corrente de Clodoaldo Freitas, C.F., especialmente nas crônicas, Carlos da Maia, W. Einhardt, em contos e romances, Einhardt, Stélio, bem como outros pseudônimos eventuais, tais como “Um crente”, “Um católico”, notadamente nas críticas de religião.<sup>133</sup>

Na avaliação de Teresinha Queiroz, leitura proveitosa da obra de Clodoaldo Freitas, requer atentar para a organicidade de sua reflexão. Lembra que, no caso da produção de Clodoaldo Freitas, a “compreensão do mundo enquanto totalidade – abarcando rigorosamente os fenômenos da natureza e da cultura – inviabiliza e empobrece qualquer leitura cartesiana e dificulta mesmo rígidas interpretações de natureza temática”.<sup>134</sup>

Para a autora, Clodoaldo Freitas pertence à geração materialista-cientificista voltada, sobretudo, para os problemas universais, relativos ao homem enquanto ser cósmico. Em sua obra, além da valorização do cientificismo, é possível identificar um viés romântico, manifestado em buscas de

resgatar a unidade do social numa época cada vez mais dilacerada e dividida pelo capitalismo em rápida expansão [...]. Na obra de Clodoaldo Freitas, o grande elemento unificador talvez fosse o amor à pátria, amor que uniria a

---

Belém, 1915; *História de Teresina*, Teresina, 1988. Cf.: QUEIROZ, Teresinha. *Homo sum*. In: FREITAS, Clodoaldo. Em roda dos fatos. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 5-18.

<sup>129</sup> *Memórias de um velho*, Teresina, 1905-1906; *O Bequimão*, São Luís, 1908; *Os Burgos*, Teresina, 1912, *Celuta*, São Luís, 1907; *Um segredo de família*, São Luís, 1907; *Cousas da vida*, São Luís, 1908-1909; *O palácio das lágrimas*, São Luís, 1910; *Os primos*, Teresina, 1917; *Por um sorriso*, Teresina, 1921; *Os bandoleiros*, Teresina, 1922. Cf.: QUEIROZ, 1996, p.5-18.

<sup>130</sup> *A Balaiada*, Teresina, 1894. Cf.: QUEIROZ, 1996, p.5-18.

<sup>131</sup> *O Inferno de Dante, Os últimos dias de Pompéia*, de Lourd Bulwer Lytton; *A princesa d’Erminge*, de Marcel Prevost. Conferir: QUEIROZ, 1996, p.5-18.

<sup>132</sup> *Os politiqueros*, novela paraense; *O santo*, crítica religiosa; *A derrocada*, coisas paraenses; *Uma semana em república*, conto; *A entronização*, romance de costumes maranhenses; *Os dominadores*, cenas da vida do Maranhão; *A moral religiosa*; *Os comparsas*; *O pandemônio*; *O Visconde da Parnaíba*; *O senhor secretário*, romance, coisas piauienses; *Celuta*, romance; *O Malabar*, novela paraense; *Os dramas da Balaiada*, romance histórico; *Memórias de um padre*, romance; *Histórias piauienses*; *O Piauí republicano*, esboço histórico; *A situação atual da política no Piauí*; *Cartas a Maria*, epílogo de um romance; *Eu e alguma coisa do meu tempo*; *A cleresia*, cenas da vida religiosa; *O brasileiro primitivo*; *Páginas íntimas*; *Uma noite de insônia*; *Constituição política do Piauí*, comentários; *A minha psyché*, impressões e pensamentos avulsos; *Um lado da existência*; *Fidalgos e plebeus*, romance de costumes teresinenses; *Danças e cantigas populares*; *O segredo maldito*; *Domingos Jorge Velho*, história; *Os indígenas do Piauí*, história; *Dr. Nilo Peçanha*, conferência; *Os problemas do Direito*, estudo de Direito; *O mito das religiões*, estudo de certas religiões; *Histórias vulgares*, contos; *Contos populares*; *Poesias*; *Estudos de crítica literária e de filosofia*; *Polêmicas teológicas*; *Dicionário biográfico*; *A República Militar no Piauí*; *Cantilenas*, versos; *Cousas maranhenses*, contos; *Idílios*, contos; *Os problemas das religiões*, crítica religiosa; *Manoel Cabra*, romance; *Contos piauienses*, contos. Cf.: QUEIROZ, 1996, p.5-18.

<sup>133</sup> QUEIROZ, 1996, p. 5-18.

<sup>134</sup> *Ibid.*, p. 5.

todos em face do bem geral, até certo ponto uma versão leiga do tema religioso do amor ao próximo.<sup>135</sup>

Em sua obra, configura-se, também, elo entre política e religião. Segundo Queiroz, em Clodoaldo Freitas,

[...] é muito difícil destacar o aspecto político do religioso, pois as duas instâncias estão inevitavelmente intrincadas e são parte de um mesmo todo reflexivo. Esse imbricamento política-religião evidencia a existência de um projeto messiânico, projeto de redenção política e social, visando à condução da própria história, em particular, da história do país. Esvaziada sua prática política salvadora, Clodoaldo Freitas concebe uma função social para a história como registro e acena para as responsabilidades do historiador enquanto vingador dos vencidos, para a posteridade como tribunal contra os poderosos vencedores do presente, a história aparecendo como instância de vingança e retração.<sup>136</sup>

Filho de uma geração de políticos no sentido amplo do termo, o poder é um elemento que medeia sua reflexão. Em sentido esquemático, conforme Queiroz, era o sentido da luta por ele encampada, da luta do poder secular contra o poder de inspiração religiosa, expresso no domínio da Igreja. Clodoaldo Freitas pretendia abalar com seus escritos os alicerces da civilização cristã-feudal. No que tange à postura diante do poder, do ponto de vista pessoal, Clodoaldo Freitas era contrário à neutralidade. Colocava-se à favor da verdade, independente dos resultados. Esteve quase sempre inserido no âmbito da luta, muitas vezes para perdê-la. Optou por participar politicamente.<sup>137</sup>

Em estudo específico sobre o livro de crônicas *Em roda dos fatos*, publicado em Teresina, em 1911, quando de sua segunda edição, Teresinha Queiroz argumenta que o livro pode ser lido através de diferentes chaves. Dentre as quais destaca: 1) concepções filosófico-científicas do autor, sínteses do pensamento do século XIX; 2) mentalidades dominantes, no recorte, no Brasil; 3) as posições pessoais do autor; 4) informes e registros autobiográficos. Com base no enfoque temático, o livro permite abordar a política, especialmente a política republicana; a religião, notadamente a católica apostólica romana, bem como os costumes tradicionais e a vivência cotidiana. Isto posto a partir das chaves interpretativas de um crítico radical dos sistemas em vigor. Trata-se de uma obra que permite enfatizar o valor atribuído à pátria.<sup>138</sup>

---

<sup>135</sup> QUEIROZ, 2011, p. 369.

<sup>136</sup> QUEIROZ, 2011, p. 370.

<sup>137</sup> QUEIROZ, 2011, p. 371.

<sup>138</sup> QUEIROZ, 1996, p. 5-18.

A obra contempla 43 (quarenta e três) crônicas publicadas em jornais de Teresina, São Luís e Belém, escolhidas entre as consideradas melhores. São exemplos das centenas de crônicas publicadas pelo autor no decorrer de sua vida jornalística. As crônicas foram elaboradas no período compreendido entre 1902 e 1906.<sup>139</sup>

Dentre as obras publicadas de Clodoaldo Freitas, em 1903, foi lançada, em Teresina, a obra *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. Esta foi publicada na tipografia do jornal *O Estado*, quando o autor era redator-chefe do jornal e em um contexto em que a cidade de Teresina não possuía tipografia.<sup>140</sup>

Trata-se de um livro que incorpora o gênero biográfico, um dos gêneros historiográficos mais antigos. No conjunto da obra, Clodoaldo Freitas focaliza personalidades destacadas do Partido Liberal, na época do Império, alguns homens e uma mulher de letras do mesmo período. São biografados José Manuel de Freitas, Deolindo Mendes da Silva Moura, José Araújo Costa, Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, Luísa Amélia de Queirós Brandão, Licurgo de Paiva, José Coriolano de Sousa Lima, Teodoro de Carvalho Castelo Branco, Miguel Borges Leal Castelo Branco e João Alfredo de Freitas.

Para Queiroz,<sup>141</sup> trata-se de importante contribuição à história do Piauí escrita em diferentes momentos das décadas de 1880, 1890 e no início do século XX, com base em pesquisa documental e em reminiscências pessoais. É uma obra que permite abordar o universo político do século XIX. Através dela destacam-se as lutas políticas e suas avaliações a partir da ótica dos Partidos Liberal e Conservador; a passagem do Império para a República em termos de ganhos, perdas e frustrações advindas da ordem republicana nos primeiros dez anos do novo regime; os processos eleitorais; as relações entre os diversos grupos de poder; as paixões políticas e seus resultados; a ascensão e a queda dos partidos políticos; a crítica aos governos estabelecidos, a partir da visão de um liberal exaltado que se transmuta em republicano histórico, com o advento da República.

Na avaliação da autora é uma obra “[...] carregada de uma densidade de sentimentos, de dores, de angústias, de virtualidades e de recusas que dificilmente poderiam ser compreendidas numa chave cartesiana, puramente racional”.<sup>142</sup> É uma leitura que evidencia mitos e mitologias políticas que caracterizam o imaginário político ocidental. As construções míticas da conspiração, da idade do ouro, do salvador e da unidade, que atravessam o pensamento político

---

<sup>139</sup> QUEIROZ, 1996, p. 5-18.

<sup>140</sup> QUEIROZ, 2012, p. 169-179.

<sup>141</sup> QUEIROZ, 2012.

<sup>142</sup> QUEIROZ, 2012, p. 171.

ocidental desde o século XVIII, recorrentemente, emergem na obra. Os temas da conspiração, da força do conspirador e do temor das forças maléficas aparecem, por exemplo, na apreciação da vida política de José Manuel de Freitas, um dos líderes do Partido Liberal. Clodoaldo, nesta e em outras biografias, apresenta amarga simbolização do poder do outro. Há uma estreita “vinculação entre as formulações gerais do imaginário político ocidental e os sentimentos mais profundos esboçados por Clodoaldo Freitas acerca da vida política partidária brasileira no século XIX”, conforme argumenta Queiroz.<sup>143</sup>

Em avaliação da obra, Maria do Socorro Rios Magalhães a considera a primeira reflexão efetivada acerca da literatura produzida no Piauí, pois, dentre as dez personalidades biografadas, cinco são poetas, cuja produção é analisada pelo autor. Clodoaldo Freitas com este trabalho, figura como um precursor da crítica literária no Piauí, revelando-se analista “meticuloso e exigente, atualizado em relação aos postulados estéticos das diversas escolas literárias e a suas obras mais representativas em âmbito nacional”.<sup>144</sup>

Para Magalhães, o autor reúne e busca da unidade as esparsas contribuições literárias do Estado. Trabalho possível em virtude do acesso aos poucos volumes editados e aos manuscritos. Com efeito, o livro cumpre seu objetivo: “preservar para a posteridade nomes significativos da história do Piauí, oferecendo subsídios aos que desejarem dar continuidade à tarefa por ele iniciada”.<sup>145</sup>

## 2.5 MOVIMENTO LITERÁRIO

O desenvolvimento cultural do Piauí, conforme argumenta Magalhães, até o início do século XX foi bastante prejudicado pela insuficiência de escolas, pela ausência de bibliotecas públicas, de livrarias e de tipografias.<sup>146</sup>

Somente no Império passaram a funcionar em Oeiras, então capital da Província, as primeiras aulas de instrução pública. O ingresso da cultura escrita, característica das sociedades modernas, ocorreu, no Piauí, com bastante atraso. O que, por sua vez, contribuiu para retardar o surgimento das primeiras manifestações literárias.<sup>147</sup>

<sup>143</sup> QUEIROZ, 2012, p. 177.

<sup>144</sup> MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. Um precursor da crítica literária. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p.8.

<sup>145</sup> MAGALHÃES, 1998, p. 10.

<sup>146</sup> MAGALHÃES, 1998.

<sup>147</sup> MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. A formação dos leitores. In: \_\_\_\_\_. *Literatura piauiense: Horizontes de leitura e crítica literária (1900-1930)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 33-69.

Para Magalhães, o desenvolvimento da educação, da difusão da cultura escrita e da aquisição do hábito de leitura são contemporâneos da implantação do regime republicano. Com uma população predominantemente rural, o Piauí permaneceu até o final do período imperial como um conjunto de famílias latifundiárias para as quais, em geral, a escola, a leitura e as letras eram artigos supérfluos.<sup>148</sup>

A formação intelectual, característica da elite e elitizante, era obtida somente com a saída da Província. Os pais precisavam se submeter a grandes sacrifícios para que os filhos pudessem estudar, em virtude da ausência de um sistema escolar de funcionamento regular.<sup>149</sup>

A formação do gosto literário era tributária de aulas particulares, ministradas, em grande medida, por sacerdotes, principais disseminadores do Latim, do Francês e das obras clássicas da literatura.<sup>150</sup>

Data da segunda metade do século XIX, a penetração do livro como produto comercial no território do Piauí, em virtude da navegação do rio Parnaíba, via de exportação de produtos agrícolas e extrativistas do interior da Província para os mercados nacional e internacional, bem de acesso às novidades europeias, dentre as quais, as obras recém-lançadas.<sup>151</sup>

A aquisição de livros e a prática da leitura eram apanágio da elite intelectual, composta por estudantes, professores e profissionais liberais, familiarizados com a cultura escrita. Uma vez que as bibliotecas públicas e particulares demoraram a se implantar no Estado, a prática de leitura ocorria, sobretudo, nos espaços privados. Ademais, a leitura, em linhas gerais, tanto de obras científicas quanto literárias, era prática masculina.<sup>152</sup>

É válido acentuar que Teresina só passou a contar com uma biblioteca pública, em 1911. A partir deste ano, o Estado passou a contar com um complexo cultural que abrangia a biblioteca pública, o Arquivo Público e o Museu do Piauí, sob a direção de Clodoaldo Freitas. Contudo, em virtude da precariedade do sistema escolar, principal base na formação de leitores, as referidas instituições não lograram transformações decisivas nesse campo.<sup>153</sup>

Nesse contexto, a imprensa assumiu a tarefa de transformar os alfabetizados, sobretudo, homens, em leitores. A imprensa ofertava à população material de leitura e lições pedagógicas, constituindo-se, na avaliação de Magalhães, função mediadora entre o leitor e o livro. A imprensa “propiciou as condições materiais para legitimar a produção escrita no meio social,

---

<sup>148</sup> MAGALHÃES, 1998, p. 33-69.

<sup>149</sup> MAGALHÃES, 1998.

<sup>150</sup> MAGALHÃES, 1998.

<sup>151</sup> MAGALHÃES, 1998, p. 33-69.

<sup>152</sup> MAGALHÃES, 1998.

<sup>153</sup> MAGALHÃES, 1998.



promovendo a literarização de determinados textos”.<sup>154</sup> No Brasil, durante o final do século XIX, o melhor da literatura passou pela imprensa. O jornal constituía espaço por excelência de divulgação de textos literários, acrescenta a autora.<sup>155</sup>

No Piauí, Clodoaldo Freitas foi o primeiro intelectual a ter um romance publicado integralmente na imprensa local. Este fato ocorreu, em 1905, com a veiculação da obra *Memórias de um velho*, no jornal *A Pátria*.<sup>156</sup>

O ensino superior implantou-se no Piauí somente em 1931, com a criação da Faculdade de Direito. Com efeito, a elite intelectual que atuou no movimento cultural da Província/Estado formou-se em outros centros. A iniciação no campo da produção cultural ocorreu nos espaços de formação intelectual em que esta elite estava inserida como estudante. Este foi o caso de Clodoaldo Freitas.<sup>157</sup>

O literato iniciou sua vida literária em São Luís, quando era estudante secundarista do Liceu Maranhense e atuava em grêmios. No Liceu, integrou a Sociedade Recreio Literário, fundada em 1874, pelos estudantes da Instituição. Clodoaldo fora Vice-Presidente da Sociedade.<sup>158</sup>

Na década de 1880, grande parte da produção intelectual piauiense ocorreu no Recife. Tratava-se de produto dos estudantes piauienses, cuja geração é político-literária e compreende a literatura como atividade política.<sup>159</sup> Em Teresina, nesse contexto, emergia interesse por atividades culturais, tributário do retorno de bacharéis com formação diversa à cidade. Durante toda a década, os grêmios estudantis centralizaram a vida estudantil secundária.<sup>160</sup>

Data de 1906 a primeira tipografia – a Libro-Papelaria Veras. Antes do advento da tipografia, os autores locais imprimiam suas obras em São Luís, no Recife, no Rio de Janeiro e nas tipografias dos jornais políticos.<sup>161</sup>

Os literatos promoviam e participavam de eventos diversos, dentre os quais: publicação de livros e de folhetos; publicação de artigos na imprensa; realização de discursos e de conferências públicas e particulares; fundação de jornais e revistas literárias; fundação de diversas instituições culturais, dentre outras atividades.<sup>162</sup>

---

<sup>154</sup> MAGALHÃES, 1998, p. 33-69.

<sup>155</sup> MAGALHÃES, 1998, p. 73.

<sup>156</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>157</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>158</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>159</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>160</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>161</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>162</sup> QUEIROZ, 2011.

Entre 1880 e 1930, Clodoaldo Freitas é considerado grande intelectual piauiense. Posição que compartilha com Anísio de Abreu, Higino Cunha e Abdias Neves. Entre os principais intelectuais forjou-se no período discreta competição evidenciada pela formação de igrejas, para usar termo empregado por Queiroz. Com efeito, os jovens intelectuais nas primeiras décadas do século XX, agrupavam-se em torno de Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e Abdias Neves. Na casa de Clodoaldo Freitas, em dezembro de 1917, por ação de seu filho Lucídio Freitas, surge a ideia de criação da Academia Piauiense de Letras. Em torno da casa, havia convergência dos Freitas, dos Coutos e dos Castelos Brancos.<sup>163</sup>

A Academia Piauiense de Letras foi então criada em 1917. Os primeiros membros da Academia procuraram dar-lhe impulso através da publicação da Revista da Academia Piauiense de Letras. Clodoaldo Freitas, um dos fundadores e primeiro presidente, entre 1917 e 1919, legou ao filho, Lucídio Freitas, idealizador da Academia, o papel de principal promotor de suas atividades iniciais.<sup>164</sup>

Segundo Queiroz, as

Igrejas, além de funcionarem como centros de produção e animação cultural, eram também responsáveis pela promoção de seus membros, publicando elogios e críticas nos jornais, bem como transcrições de textos da imprensa de outros lugares.<sup>165</sup>

Ao refletir a respeito da relação literatura/sociedade, Queiroz afirma a existência, no período, de uma república das letras, na qual o autoritarismo, traço da sociedade republicana, incorpora-se ao mundo da literatura e dos literatos. Com efeito, mecanismos de seleção e de exclusão atuavam no funcionamento dessa república.<sup>166</sup>

A definição dos critérios para estabelecer os grandes e pequenos literatos, conforme acrescenta a autora, era a valorização social, sobretudo, a valorização efetivada pelo próprio grupo. A hierarquização dos literatos era relativa à participação na imprensa, nos eventos socioculturais e nas instituições culturais. Durante várias décadas, os literatos famosos e que gozaram de projeção no Piauí foram, em linhas gerais, aqueles que publicaram na Revista da Academia Piauiense de Letras ou que a ela se vincularam de alguma forma. A hierarquização dos literatos nos anos 1920, década da morte de Clodoaldo Freitas, pode ser vislumbrada a partir

---

<sup>163</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>164</sup> COELHO, 1997, p. 103-129.

<sup>165</sup> QUEIROZ, 2011, p. 192.

<sup>166</sup> QUEIROZ, 2011.

da ligação à Academia Piauiense de Letras, ao Cenáculo Piauiense de Letras, à Arcádia dos Novos e aos diversos grêmios e sociedades literárias que embasavam a glória dos literatos famosos, dentre eles, Clodoaldo Freitas. As gerações naturalista-cientificistas dominaram o cenário literário até 1940, quando do afastamento de Higinio Cunha da Academia Piauiense de Letras.<sup>167</sup>

Entre 1880 e 1930, dezenas de estudantes, especialmente secundaristas, giravam em torno dos literatos de maior destaque, bem como se organizavam em redor dos grêmios literários e estudantis, de pequenos salões e de academias, que imitavam os modelos das instituições culturais que atuavam no Estado. No recorte citado, funcionaram, dentre outras instituições: a Sociedade Fênix Teresinense, Sociedade União Piauiense, Clube Literário Progressista, Sociedade Literária José Coriolano, Grêmio Literário Esperança, Sociedade Estímulo Caixerai, Bando Literário Romeiros do Futuro, Sociedade Harmonia Teresinense, Grêmio da Legalidade, Clube Estudantil Nina Rodrigues, Grêmio Literário Raimundo Correia, Grêmio dos Simples, Grêmio Literário Abdias Neves, Congresso Estudantil de Letras, Grêmio 15 de Novembro, Centro Intelectual Piauiense e o Grêmio Euclides da Cunha.<sup>168</sup>

Argumenta Queiroz, que em

[...] torno das igrejas de Higinio Cunha, Abdias Neves e Clodoaldo Freitas muitos candidatos à vida literária beberam suas primeiras luzes. Muitas notícias acerca desses grandes literatos e de suas vidas íntimas são devidas aos fãs que conseguiam ter acesso aos redutos dos seus ídolos. Ao perpetuar os fatos em suas reminiscências, inseriam-se também enquanto parte dessa memória. Em outro nível, o movimento literário das décadas de 20 e 30 é, em grande parte, tributário da agitação promovida e patrocinada por essas igrejas.<sup>169</sup>

É importante destacar que a valorização social dos homens de letras, conforme a referida autora, ocorria nos eventos culturais, muitos decorrentes dos contatos com estudantes secundaristas, que se mobilizavam nos grêmios escolares. Estes eram responsáveis pela difusão da fama, do talento e pela projeção de seus patronos, paraninfos, sócios honorários e correspondentes.<sup>170</sup>

---

<sup>167</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>168</sup> QUEIROZ, 2011, p. 354.

<sup>169</sup> QUEIROZ, 2011, p. 355.

<sup>170</sup> QUEIROZ, 2011, p. 355.

### 3 VIRILIDADE E IDADES DA VIDA

#### 3.1 INFÂNCIA E JUVENTUDE

A literatura de Clodoaldo Freitas desvenda a virilidade e as masculinidades a partir de diferentes perspectivas dentre as quais destacam-se as idades da vida, a qual trata do homem desde a sua infância, passando por sua juventude até a sua velhice. Ariés ao demonstrar a historicidade do sentimento de infância, aponta para as idades da vida como construções.<sup>171</sup> É, pois, objeto deste capítulo apresentar esta abordagem.

Clodoaldo Freitas em seu texto *Jesus e as crianças*, publicado no livro de crônicas *Em roda dos fatos*, escrito no início do século XX, nos dá uma visão pessimista da criança que seria “má, perversa, sanguinária, invejosa e colérica”.<sup>172</sup> Um ser “mentiroso, frio, inconstante, um bloco de pedra bruto”<sup>173</sup> a ser lapidado pelo ensino, repreensão e pelo castigo físico com a finalidade de formar um cidadão respeitável.<sup>174</sup>

A criança seria um ser assexuado a ser construído pelos discursos e práticas dominantes, os quais impõem exigências sociais para que o indivíduo se enquadre no sexo.<sup>175</sup> Segundo Badinter, as hierarquias nos papéis sexuais na sociedade eram definidos por uma cultura, que funcionaliza o corpo.<sup>176</sup>

Clodoaldo Freitas argumenta ainda que a criança é egoísta perante a sociedade, porque só vive para si.<sup>177</sup> Não sabe o valor dos objetos, logo tem o “prazer de quebrar, destruir, rasgar”.<sup>178</sup> É um corpo desordeiro e marginalizado que não contribui para a economia da família, uma vez que estes são corpos ociosos com vícios comparáveis a de um criminoso ou de um louco. Entretanto, por serem as crianças o futuro da pátria, o literato aconselha aos familiares a educarem-nas, para que elas aprendam a viver e mudam suas tendências más.<sup>179</sup>

---

<sup>171</sup> ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

<sup>172</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Jesus e as crianças*. In: \_\_\_\_\_ *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 175.

<sup>173</sup> FREITAS, 1996, p. 175.

<sup>174</sup> FREITAS, 1996, p. 175.

<sup>175</sup> BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

<sup>176</sup> BADINTER, 1993.

<sup>177</sup> FREITAS, 1996, p. 175.

<sup>178</sup> FREITAS, 1996, p. 175.

<sup>179</sup> FREITAS, 1996, p. 177.

Nesta construção, a criança é trabalhada para se tornar sexuada. Treina-se o menino para tornar-se um homem viril desde a infância.<sup>180</sup> Jablonka diz que, na França do século XIX, a criança do sexo masculino era moldada para ser um homem viril, através de um aprendizado dos papéis que distinguem as funções sociais do homem em comparação ao seu oposto.<sup>181</sup> Havia uma necessidade de inculcar desde a infância a virilidade pelo andar, falar, vestir, brincar e se expressar.

A criança deveria ser educada desde o nascimento a colocar-se no seu lugar social para aprender a sua função dentro da família. Tendo a do sexo masculino a responsabilidade de tornar-se um corpo útil economicamente, a partir da educação familiar com o intuito de desenvolver os germes bons e combater os maus.<sup>182</sup> Diante disso, a criança deveria ser reponsabilidade dos pais e da sociedade para formá-la um cidadão, por ser fonte de uma identidade primária.<sup>183</sup>

A criança do sexo masculino era levada às práticas masculinas para se formar um homem viril. Recebia referências masculinas, seja do pai, seja do parente mais próximo, além de aprender as atividades relacionadas ao seu sexo. Através do exemplo, quando crescesse teria em sua consciência a sua função social inculcada.

No Piauí, a criança no meio rural e no urbano, entre os séculos XVIII e XIX, segundo Castelo Branco<sup>184</sup>, era festejada desde o nascimento, principalmente se fosse do sexo masculino. Isto acontecia porque daria continuidade ao nome familiar e sucederia ao pai.

Castelo Branco destaca ainda que até mesmo nas brincadeiras, o corpo é direcionado para ser comparado ao do homem adulto. O menino brincava de fazendeiro com seus escravos, e a menina brincava com suas bonecas e sua casinha.<sup>185</sup> O autor evidencia que “o grau de envolvimento com o mundo do trabalho era marcado pela origem social da criança”.<sup>186</sup>

Quanto ao corpo masculino na juventude, o jovem é construído a partir de mecanismos que o retiram do ócio da infância, através da força braçal ou intelectual que servia para consolidar um caráter pré-viril no futuro homem verdadeiro.<sup>187</sup> Neste sentido, o trabalho é a principal engrenagem produtiva para alcançar o corpo útil economicamente para a pátria, uma vez que é necessário sair da infância por um processo educativo do corpo para mostrar a sua

---

<sup>180</sup> JABLONKA, 2013, p. 37-73.

<sup>181</sup> JABLONKA, 2013, p. 37-73.

<sup>182</sup> FREITAS, 1996, p. 177.

<sup>183</sup> BADINTER, 1993, p. 42.

<sup>184</sup> CASTELO BRANCO, 2012, p. 187-217.

<sup>185</sup> CASTELO BRANCO, 2012, p. 187-217.

<sup>186</sup> CASTELO BRANCO, 2012, p. 193.

<sup>187</sup> JABLONKA, 2013, p. 37-73.

virilidade aos outros, além de apagar a dependência do pai num sistema de hierarquias de poder.<sup>188</sup> O corpo jovem, apesar de afeito às deturpações quando em liberdade, consegue sobressair através do aprendizado de um ofício.

O romance *Memórias de um Velho*<sup>189</sup> nos dá um exemplo de corpo jovem que se torna útil através do trabalho. O romance foi escrito por Clodoaldo Freitas e publicado em Teresina no periódico *Pátria* entre os anos de 1905 e 1906. Conta a história de Emílio, narrada pelo personagem já em sua velhice, o qual relata suas experiências de vida desde a infância até a vida adulta.<sup>190</sup> Através do personagem, Clodoaldo Freitas evidencia a formação da virilidade e as múltiplas faces da masculinidade.

---

<sup>188</sup> BADINTER, 1993.

<sup>189</sup> O romance *Memória de um Velho* foi originalmente publicado em forma de folhetim pelo jornal *Pátria*, em Teresina, ano 4, números 221 a 272, meses de janeiro a fevereiro de 1905 e 1906. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 386-390.

<sup>190</sup> O romance *Memórias de um Velho* nos dá um exemplo de corpo jovem que se torna útil através do trabalho. O romance foi escrito por Clodoaldo Freitas e publicado em Teresina no periódico *Pátria* entre os anos de 1905 e 1906. Conta a história de Emílio, narrada pelo personagem já em sua velhice, o qual relata suas experiências de vida desde a infância até a vida adulta. O romance, do ponto de vista espacial, ambienta-se do Maranhão ao Piauí. A história no início conta como Zulmira, apelidada de Santinha, filha de D. Rosa, “uma senhora viúva”, se apaixona por Emílio. Porém, o personagem, ao saber da saúde crítica de sua mãe no Piauí, tem de deixar Zulmira. Durante a viagem encontra o Dr. Frederico Mauriz, um velho jurista, que se retirara da vida pública depois de haver sido juiz de direito, advogado, deputado e presidente da província, que morava em Caxias no Maranhão na fazenda com sua mulher, D. Quitéria, e sua filha, Josefina, uma moça “formosa e ilustrada”. Emílio ao chegar na casa dos pais no Piauí, recebe a notícia de que seu pai foi acometido de febre de mau caráter, assim como sua mãe e suas duas irmãs. O rapaz, então, chega tarde e encontra o cortejo fúnebre de seu pai, de forma que o choque foi tão grande que ele cai de cama doente com os mesmos sintomas. Emílio melhora da enfermidade e paga as dívidas e retorna com a finalidade de ficar perto de Zulmira. Já no Maranhão, recebe a notícia de que sua amada estava na Europa para cuidar da saúde frágil devido à ausência do amado. Vendo-se separado de seu amor incomparável, candidata-se como voluntário para a Guerra do Paraguai. Após a Guerra do Paraguai, o jovem vê-se na miséria e se junta a um grupo de ciganos. Emílio presencia a corrupção humana através dos ciganos. E, como homem viril honrado, não se corrompe, de modo que decide voltar para a sociedade, tendo como base o trabalho. Emílio volta a encontrar Santinha frágil de saúde. Após o reencontro, a mulher morre em seus braços. O jovem decide morar com o Dr. Frederico Mauriz e se apaixona por Josefina, mantém com ela relações sexuais, ilícitas, uma vez que ela era mulher casada com José. O marido de Josefina flagra os dois em adultério, os homens travam um duelo. Emílio mata José e fica impune. Então, Josefina e o protagonista começam a se relacionar livremente, mas o desejo sexual dele começa a esfriar. Emílio decide ir embora e sai errante pelo sertão. Em um certo momento da história, o personagem encontra um frade que quer deflorar uma moça em uma casa isolada, ela não permite, mas é atacada pelo padre. Emílio interfere e espanta o frade. Logo após, o rapaz é acusado de tentar roubar o padre, é preso e excomungado. Na prisão, outro padre busca a confissão dos pecados de Emílio, mais este se declara maçom e pagão. O protagonista sem ser alimentado é solto após um tempo na prisão. Perece na rua com a saúde fragilizada devido à falta de comida e água ao olhar dos fanáticos religiosos. Emílio teria morrido se não fosse a ajuda de um cachorro que enxota os urubus que buscam se alimentar dele, e de um grupo de ciganos que o acolhem. Emílio depois de recuperado e de sofrer com o fanatismo religioso quer se reerguer na vida através do trabalho. E para se reerguer na vida, torna-se professor e médico, e após economizar, começa a ser comerciante. Emílio também casa-se com Guilhermina que se torna uma virago após o matrimônio e começa uma guerra dentro de casa, tendo como principal motor o conflito religioso, principalmente o confessionário. Em um dos momentos de conflito do romance, o personagem agride o padre dentro da igreja enquanto Guilhermina se confessava, de modo que dá início a uma guerra entre catolicismo e maçonaria. Emílio deixa a mulher e começa a criar os filhos, mas após um tempo Guilhermina mata seus filhos e o personagem mata a mulher. Margarida, a mulher que Emílio salva de ser deflorada pelo frade, foge com Emílio, mais é flagrada com o escravo José, o qual é obrigado a casar com ela, e por fim, o escravo flagra Margarida em adultério e a mata. Por fim, Emílio como um comerciante próspero reencontra Josefina e os dois se casam.

Neste romance, Emílio em sua juventude apresenta a transição da infância para a puberdade, ou seja, o personagem evidencia mudanças em seu corpo e em seu comportamento com a finalidade de alcançar a virilidade. Clodoaldo Freitas demonstra de maneira nítida essa transição quando Emílio ainda criança entra no Seminário de padres e começa a ter experiências, principalmente intelectuais. Neste tempo quebra algumas de suas superstições religiosas para tornar-se um jovem viril capaz de decidir os rumos de sua vida. O personagem em suas memórias sobre essa transição diz

Li alguns livros profanos, que alguns colegas, mais desabusados, conseguiram meter em contrabando nos estudos. A perspectiva do mundo foi se modificando lentamente para mim. Em um dos muitos altares da igreja das Mercês, havia um santinho, vestido de burel, com um grande chapéu na cabeça, que me fez rir. Este primeiro riso decidiu a minha sorte. Desde que perdi o medo e o respeito votados aos santos, um por um foi caindo o preconceito religioso, as superstições se foram esvaecendo e a dúvida invadindo vitoriosamente minha alma. Uma dúvida origina outra, assim de dúvida em dúvida, fui perdendo dia a dia a fé, a formosa fé, cega e surda, que me embalava a infância e tanto me deliciara nas minhas esperanças religiosas.<sup>191</sup>

Clodoaldo Freitas estabelece uma ruptura entre a religiosidade e a racionalidade em formação no jovem viril, no qual a razão deveria prevalecer sobre a religião. O literato ainda demonstra que, para se tornar um homem de verdade, era preciso se desvencilhar dos cuidados paternos, parar de ter uma certa dependência tanto financeira como no âmbito das ideias.

No romance, Emílio decide sair do Seminário e cursar o preparatório no Liceu para ingressar no curso de Direito. O pai não fez questão, mas a mãe discordou, e só consentiu quando ele disse que assentaria praça, ou seja, se alistaria no exército. Neste comportamento, o personagem buscava maior independência. O que conseguiu quando fez república com um amigo e começa sua iniciação no mundo masculino através de hábitos percebidos como viris.

Clodoaldo Freitas narra como um momento de liberdade do jovem Emilio, o rapaz poder deitar-se, dormir, levantar-se e sair quando quisesse, além de poder fumar em casa e na rua.<sup>192</sup> Entretanto, a ociosidade é rompida quando o personagem e seu amigo queimam alguns poemas escritos durante o ócio. Clodoaldo Freitas possivelmente quis representar com um despertar para a vida produtiva do jovem rapaz.

---

<sup>191</sup> FREITAS, 2008.

<sup>192</sup> FREITAS, 2008, p. 12.

Segundo Priore, a juventude é uma fase de mudanças em que o homem anseia ser chefe de família e livrar-se da ociosidade vista como um pecado diante da ordem social, ao passo que um homem de verdade não se inclinaria para os vícios da vida, além de não participar das injustiças sociais, ou mesmo das corrupções humanas.<sup>193</sup> A autora argumenta que no corpo dos jovens incide a pressão social para que estes, com o advento da modernidade no final do século XIX, aderissem e divulgassem o ideal de homem viril.<sup>194</sup> Uma vez que neste ideal de homem o corpo produtivo estava como uma qualidade viril.

Clodoaldo Freitas busca criar um homem em formação com a função social de produzir o ideal viril. O intelectual mostra a importância das experiências viris para moldar um bom cidadão. A juventude, com isso, seria uma fase de transição, na qual o jovem ideal se formava em uma instituição de ensino superior com o objetivo de ser o futuro do país.

A exploração do tema juventude é marca do romance *Coisas da Vida*<sup>195</sup>, onde temos em Plínio um jovem que estaria se formando em Direito, e por isso passa a ser considerado um corpo útil à sociedade. Clodoaldo Freitas evidencia em Plínio um jovem em transição, que tinha relações sexuais ilícitas, segundo os padrões cristãos, como a fornicação e o adultério, para ser um homem completo. Com isso, o personagem teria se relacionado com a mulher e a filha do comendador Herculano Cavalcante, Camila e Carlota. E ainda manteve relações sexuais com a filha de Atanásio, Hortência e com a filha do coronel Leopoldo, Rosina.<sup>196</sup>

<sup>193</sup> DEL PRIORE, Mary. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 153-184.

<sup>194</sup> PRIORE, 2013, p. 171.

<sup>195</sup> O romance *Coisas da Vida* foi originalmente publicado em forma de folhetim pelo jornal *Diário do Maranhão*, em São Luís, anos 39 e 40, números 10.628 a 10.660, meses de dezembro a janeiro de 1908 e 1909. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 398-399.

<sup>196</sup> O romance publicado em São Luís em forma de folhetim pelo jornal *Diário do Maranhão*, conta a história de Plínio, um jovem estudante de Direito que vai passar as férias na casa de seu amigo e colega da Faculdade de Direito do Recife, Netário. A primeira parte da história se passa no Engenho do pai de Netário. Sua família tinha como chefe o comendador Herculano, “um grande homem de seus cinquenta anos, robusto, pletórico, inteligente, muito entendido em coisas de lavoura, imensamente conservador e devoto”, já em seu segundo casamento. Camila, sua mulher, era “uma formosa morena de vinte anos”, e suas filhas eram Anica, a filha mais velha, e Carlota, a “menina dos olhos do comendador”. A família de Netário se identifica com Plínio e o acolhe. A segunda parte do romance ambienta-se no engenho de Ingá, propriedade de Atanásio, o Barão de Ingá. O barão era casado com a baronesa Serafina, “uma velha muito caridosa, conversadeira e terna”, e pai de Hermínia, Hortência, Ismael e Numeriano. Desta forma, entra em cena outra família da elite rural, que chamam Plínio e a família do comendador Herculano para uma festividade religiosa. No engenho de Ingá, o barão Atanásio deixa Netário, Plínio, Ismael e Numeriano em plena liberdade e integra Plínio na família ao permitir que o rapaz tratasse suas filhas da mesma forma como tratava as do comendador Herculano, como irmãs. Diante disso, começa um ritual para ensaiar a novena, e Crescêncio, um velho parente “um tanto idiota e muito entendido de devoção”, foi chamado para servir de padre nos ensaios. Hortência, filha do Barão de Ingá, em um certo momento da trama declara-se à Plínio, o qual a rejeita com as desculpas da sua condição social desfavorável em relação à da moça. O rapaz argumenta que os dois poderiam esperar mais algum tempo até se decidirem. Porém este desilude a moça e se afasta do ambiente doméstico. Em seguida, as duas famílias fazem os preparativos para a novena e discutem quem iria dançar com as moças feias no baile após a novena. Plínio aceita a tarefa e é elogiado por todos. Na terceira parte da trama, Frei Celestino chega à festa religiosa. No baile após a novena, há um enlace romântico entre Rosina e Plínio, que a



Ainda no que diz respeito ao jovem, o romance *Por um sorriso*<sup>197</sup> conta a história de Carlos, um jovem advogado que expressa a relação amor/juventude.<sup>198</sup> Clodoaldo Freitas demonstra um jovem em seu primeiro o amor. No romance, Carlos é apresentado como um homem viril em formação diante das experiências com o amor. Neste exemplo de virilidade, o literato mostra um jovem levado aos desejos sexuais e inclinado às emoções.<sup>199</sup>

---

chama para dançar e os dois se declaram apaixonados, além de combinar para entrevista. Antônio Cândido, primo de Rosina e seu noivo prometido, fica enciumado. Aos olhos de todos, os dois davam o que falar, então Netário entra em cena para interceder a favor de sua irmã Carlota, a qual lhe tinha dito que queria casar-se com Plínio. Então, o protagonista decide pedir a mão de Carlota em casamento, com a finalidade de fazer os gostos de seu melhor amigo, Netário. No entanto, Carlota o rejeita ao perceber seu relacionamento com Rosina. Diante de seu pai e de Plínio, que lhe pedira em casamento, rejeita-o de forma veemente. Plínio sai da presença de todos afirmando que iria embora depois de tamanha vergonha, mas o Barão de Ingá obriga-o a ficar, já que uma saída repentina e sem motivos iria desmoralizar sua família. Plínio, sem ter o que fazer, volta para o baile como se nada tivesse acontecido, e após o baile ainda ajuda a cobrir as vergonhas do frei Celestino, entregue à bebedice. Antônio Cândido encontra oportunidade para discutir com Plínio e pedir explicações sobre sua paixão por Rosina, acusando os dois de cometer atos suspeitos. O pai de Rosina, o coronel Leopoldo, chega e interrompe a conversa repreendendo Antônio Cândido para defender a reputação de sua filha. Na oportunidade, Plínio pede a mão de Rosina em casamento e espera a resposta da mulher do coronel Leopoldo. Logo em seguida, ocorre o primeiro relacionamento ilícito do romance entre Plínio e Camila, mulher do comendador Herculano. Antônio Cândido, então, minutos após Camila deixar Plínio implora para que ele desista de casar-se com Rosina, e o pedido foi aceito. Agora, Plínio fora rejeitado uma segunda vez e sente-se desmoralizado, por isso combina com Netário para dizer achar-se doente pelo resto do passeio. Na quarta parte do romance, Plínio tem seu segundo ato sexual ilícito com Rosina em meio à mata. Enquanto isso, o barão pretende casar Plínio com sua filha Hortência. Plínio após falar com Camila, que o aconselha a casar-se, aceita a proposta. No quinto ato do romance, Carlota mostra-se controladora e exige que Plínio se case com ela. O rapaz consegue convencê-la a esperar e, para compensar a espera, o personagem tem seu terceiro ato sexual ilícito. Após esse enlace amoroso, todos vão para o engenho Lontra do coronel Leopoldo. No engenho, ele pratica liberdades amorosas tanto com Rosina que quer vê-lo como com Hortência, sua noiva. Ao voltarem para a casa do comendador Herculano, chega a notícia que um tio seu estava gravemente doente, e Plínio decide voltar para o Piauí. Na sexta parte do romance, Plínio vai a Recife e depois volta ao Piauí e encontra seu tio sem grave enfermidade. Do Piauí vai para o Rio de Janeiro onde encontra Rosina, com quem se casa, ela é assassinada por Antônio Cândido que logo após se suicida. Depois encontra com Carlota que vai visitar Plínio com Camila e seu pai, o comendador Herculano. Os dois se casam, mas esta também morre desastrosamente apanhada por um carro. O comendador, tendo que se ausentar por um tempo, não podia levar Camila consigo já que esta encontrava-se enferma, de modo que Plínio e Camila passam a ter um relacionamento amoroso. Na última parte do romance, o Barão de Ingá vai visitar Plínio e casa-o com sua filha Hortência. No entanto, Hortência já grávida morre ao se assustar com um boi. Por fim, Plínio se casa com Adélia, sua prima no Piauí, e com ela constitui família.

<sup>197</sup> O romance *Por um Sorriso* foi originalmente publicado em forma de folhetim pelo jornal *Correio do Piauí*, em Teresina, ano 1, números 2 a 26, meses de outubro e novembro de 1921. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 424-426.

<sup>198</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009A.

<sup>199</sup> No romance, ele vai se sociabilizar com amigos tendo em vista seu amor por Teresa, uma moça que ficara viúva aos 22 anos e morava com sua madrasta, D. Dadá e seu pai Evandro. Uma mulher “pequena, esbelta, alva, de olhos e cabelos pretos”. O grupo havia se programado para passar um mês no Tamacão, em São Luís, que se constituía de uma grande feitoria, abandonada desde a extinção da escravatura. No romance há uma permissividade no relacionamento do casal através dos hábitos cotidianos, além do discurso sobre o amor e o modo como o homem se tornava o pedagogo da mulher. Clodoaldo Freitas ainda apresenta na história tipos de mulher. Na trama, Santinha, irmã de d. Dadá, é a figura da solteirona, descrita como uma “uma senhora de quarenta anos, aloirada, baixa, gorda, feia, iletrada, de gênio irritadiço e muita nervosa como toda solteirona”. A mulher se irrita quando Evandro fala de sua idade e solteirice. Para apaziguar o fato, Malvina, filha de d. Dadá e Evandro, conta a todos sobre o aniversário da tia. Em seguida, também comemoram o aniversário de d. Dadá com um baile. Evandro chama os convidados e as mulheres para os preparativos. Chegam ao baile, Almeida, um moço “moreno, franzino e estudante de Direito”, e Alarico, o rival de Carlos com relação a Teresa. Na sexta parte do romance, Alarico “um belo rapaz, alvo, aloirado, olhos azuis, robusto, de modos arrogantes”, ex-namorado de Teresa e amigo/rival de Carlos, consegue conversar com Teresa, o que desperta os ciúmes de Carlos. A traição de Teresa leva Carlos ao ressentimento, que se vingava através de Carolina, uma mulher “alta, esbelta, alva, de olhos e cabelos castanhos”, a

No mesmo romance há outros exemplos de jovens que estão no primeiro amor. Em um momento da história, Malvina e Sílvio, sobrinho do comandante, entregam-se aos transportes do primeiro amor.<sup>200</sup>

Evandro comenta sobre o amor, e diz que na juventude “a alma tem necessidade de amor, como o corpo o pão quotidiano”.<sup>201</sup> Evandro questiona se “convém alimentar essas inocentes almas famintas”.<sup>202</sup> Então, Carlos argumenta que não se deve contrariar o amor, e que “o amor é fatal como a morte: todos amamos, como todos morremos. Os que amam sofrem mais a necessidade de amar e o horror de não serem amados”.<sup>203</sup>

Evandro, então, replica: “Da alma humana, não: da alma de todos os seres. Os nossos preconceitos tornaram o amor manco e estreito, emparedado nas alcovas das horas determinadas, tomando a dose como um receituário”.<sup>204</sup> Carlos diz que o amor é regulado em fórmulas apenas com o homem, e Evandro complementa: “Por isso o amor do homem é tão desvairado e mesquinho”.<sup>205</sup> O amor, segundo o personagem, “precisa de trevas, porque não pode sentir o revérbero da luz, e de cobertores, porque sente frio em todos os climas onde imperam as brutalidades da civilização”.<sup>206</sup> E Carlos termina a conversa, antes de Teresa interromper, dizendo que acha

o amor humano belo, justamente pelos encantos da alcova. O amor, com os dogmas, é divino porque vive cercado de misérias. Tirei o mistério dos dogmas e as religiões perderão toda a sua atração e toda a sua poesia. O amor sem mistério é o amor dos alcouces. A mulher sem mistérios é a prostituta exposta ao sol sem cobertores, na infame nudez dos lupanares. Como é torpe e sem atrativos a selvagem nua!<sup>207</sup>

Nos personagens Emílio, Plínio e Carlos percebemos jovens em formação que representam a vida útil, a experiência sexual e o amor juvenil. Jovens que buscam a virilidade ideal através das experiências da vida. Na juventude, notamos também a preocupação de tornar-se economicamente ativo e casar-se, uma vez que esta fase da vida representa a transformação

---

quem faltava a dentadura para ser bonita. Carlos desiste de provocar ciúmes em Teresa, vai embora e passa um tempo sem ir para o Tamacão. Na volta ao lugar, o personagem leva uma poesia a Carolina, e Teresa pede para ver. A mulher chora com o desprezo do homem. Então, D. Dadá pede por Teresa e Carlos consente em perdoar-lhe. E por fim, os dois se unem e se dizem apaixonados.

<sup>200</sup> FREITAS, 2009A, p. 40.

<sup>201</sup> FREITAS, 2009A, p. 40.

<sup>202</sup> FREITAS, 2009A, p. 40.

<sup>203</sup> FREITAS, 2009A, p. 41.

<sup>204</sup> FREITAS, 2009A, p. 41.

<sup>205</sup> FREITAS, 2009A, p. 41.

<sup>206</sup> FREITAS, 2009A, p. 41.

<sup>207</sup> FREITAS, 2009A, p. 42.

do corpo ocioso para o corpo útil. De modo que a virilidade está ligada tanto ao trabalho como ao casamento com a mulher ideal.

Clodoaldo Freitas apresenta em seus personagens o desejo de casar-se e a trajetória até o casamento. Emílio vivencia uma longa trajetória até casar-se com Josefina, Plínio se relaciona sexualmente com várias mulheres até casar-se com Adélia, sua prima prometida desde a infância, e Carlos mantém um relacionamento amoroso com Teresa até se entenderem, apesar de que no final do romance não se fala sobre o casamento dos dois.

Importa destacar que o casamento no século XIX e no início do século XX era um símbolo de virilidade. Esperava-se que o homem casado fosse capaz de formar família e sustentá-la pelo trabalho honesto. Em tal situação, no século XIX, o dote era o marco inicial que ajudava a impulsionar a vida financeira do jovem, ou mesmo a sua inserção em um cargo público com a ajuda do pai da noiva. Também era comum o pai da família oferecer ao marido um retorno financeiro com a finalidade de ressarcir-lo do peso econômico da mulher, uma vez que muitos homens as percebiam como um fardo.<sup>208</sup>

Abrantes relata que no século XIX o dote se constituía para o homem uma contribuição financeira para começar a trabalhar de modo que pudesse sustentar e proteger a família. Para a mulher significava um amparo e um indício de que o marido iria administrar os seus bens, o que lhe impedia de sobreviver por si própria.<sup>209</sup>

Clodoaldo Freitas apresenta em seus contos uma nova perspectiva sobre o dote ao apresentar indícios do seu desaparecimento. Na escrita do literato é evidente a provocação ao homem que queria ser viril em face do dote. De algo benéfico, o dote transformava-se em algo perigoso. Os homens perderiam sua virilidade se comprados pelo dote.

Nazzari destaca que o desaparecimento do dote foi um processo social influenciado pelas mudanças socioeconômicas e que provocou rupturas na ideia de casamento por interesse para se tornar um enlace por amor.<sup>210</sup>

Abrantes argumenta ainda que, na colônia, o dote constituía-se um valor na formação de uma nova família e “era um símbolo de status que contribuía em uma demarcação das fronteiras sociais”.<sup>211</sup> Mas, na República, com o advento dos valores modernos, da urbanização e do capitalismo, a sociedade começa a se individualizar e novos valores sociais emergem a

---

<sup>208</sup> ABRANTES, Elizabeth Sousa. *O dote é a moça educada: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República*. 2010. 320p. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói, RJ, 2010.

<sup>209</sup> ABRANTES, 2010, p.11.

<sup>210</sup> NAZZARI, Muriel apud ABRANTES, 2010, p. 17.

<sup>211</sup> ABRANTES, 2010, p. 15.

ponto de um homem ter “mais autonomia de arrumar trabalho e por isso não precisar de dote para iniciar carreira pública”.<sup>212</sup>

Desta forma, o dote feminino passa a ser a pessoalidade, que permite à mulher escolher seu marido. No entanto, há uma continuidade na ideia de defesa da honra feminina ao casar a moça com um homem trabalhador, com o objetivo de inseri-la no ambiente doméstico para livrá-la dos “perigos da prostituição”.<sup>213</sup>

Macfarlane<sup>214</sup> argumenta que o advento da modernidade, como consequência da primeira revolução industrial e urbana ainda no século XVIII, provocou mudanças no modo de casar, já que, enquanto na família tradicional o matrimônio era direcionado aos interesses familiares ou coletivos, na modernidade o matrimônio é fundamentado no amor. Uma intervenção nos sentimentos causada pelo capitalismo que fez emergir no Ocidente uma ligação entre amor e casamento. Ao mesmo tempo que o matrimônio passou a ser alicerçado no individualismo em sua forma extremada.<sup>215</sup>

O conto *Um Segredo de Família*<sup>216</sup>, ambientado no Rio de Janeiro, conta a história de Anastácio Dias, apelidado de Tacinho, um médico, solteiro, com 25 anos de idade, piauiense e pobre<sup>217</sup>, o qual é chamado para conversar por Tertuliano Neves, “um velho, tipo oficial reformado do exército, gordo, desabusado”.<sup>218</sup> O velho faz uma proposta para o rapaz ser seu genro. No entanto, o rapaz surpreso não aceita o casamento. Porém, Tertuliano Neves o convence ao dizer que este casamento o colocaria em uma posição elevada na sociedade.<sup>219</sup> Clodoaldo Freitas mostra neste conto o casamento por interesse e suas implicações na vida do jovem que iniciava sua carreira pública.<sup>220</sup>

<sup>212</sup> ABRANTES, 2010, p. 17.

<sup>213</sup> ABRANTES, 2010, p. 17.

<sup>214</sup> MACFARLANE, Alan. *A cultura do capitalismo*. Trad. Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

<sup>215</sup> MACFARLANE, 1989, p. 161.

<sup>216</sup> O conto *Um Segredo de Família* foi originalmente publicado no periódico *Diário do Maranhão*, em São Luís, nos números 10.261 ao 10.267, no ano 38, em outubro de 1907. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 392-393.

<sup>217</sup> FREITAS, Clodoaldo. Um segredo de família. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 24.

<sup>218</sup> FREITAS, 2009C, p. 23.

<sup>219</sup> FREITAS, 2009C, p. 24.

<sup>220</sup> Na história, Tertuliano Neves chama Anastácio Dias para conhecer Ângela Neves, e quando chegam à casa, o velho deixa os dois para conversarem. Logo após a conversa, Anastácio Dias é direcionado a um quarto e Ernesto, seu amigo, apressa-o para “a doce realidade” e veste com esmero seu amigo. Após casados, Ângela Neves começa a contradizer a autoridade marital de Anastácio Dias e a ferir sua virilidade. E com um mês de casado, Anastácio se tornava solteiro, reflete sobre a situação e diz que não sabia como se casara, e nem por que se separou de sua mulher. O jovem resolve ir para o interior do Piauí, tendo como desculpa uma carta de sua mãe que estava doente e o chamava com urgência. Mesmo com o pedido de Tertuliano Neves e de Ernesto para que continuasse com Ângela Neves, ele viaja para Amarante onde mora Teodora, sua mãe, e pensa em residir no local. Ao chegar à fazenda da mãe, percebe que sua saúde está melhor. E conta sua história, de maneira que é aconselhado pelos familiares a ficar e a se casar com Luizinha. Anastácio se diz bígamo e não se importa com as regras religiosas.

Quanto ao dote, Anastácio diz que “entrava na vida marital miseravelmente comprado por um forte dote, sem amar e sem ser amado”.<sup>221</sup> O que lhe consolava era a ideia de ser rico. O personagem diz: “Que me importavam esses cediços e ridículos preconceitos morais”?<sup>222</sup>

Clodoaldo Freitas entra no tema do orgulho masculino afetado pelo dote, ou seja, a virilidade em risco. Apesar de o personagem dizer não se importar com as imposições sociais, em que o homem verdadeiro não poderia ser comprado, há o perigo deste jovem ser desvirilizado e perder sua independência, ao casar-se por interesse.

Na modernidade este tipo de casamento é desvalorizado. O amor, com isso, passa a ser um sentimento valorizado dentro do casamento contribuindo para o desaparecimento do dote. Isto acontece porque os jovens começam a privilegiar o amor ao colocar os “sentimentos românticos e desejos eróticos à frente das vantagens econômicas”.<sup>223</sup> Desta forma, há uma mudança no pensamento tradicional em relação ao casamento.

### 3.1.1 Potência do jovem viril

Clodoaldo Freitas no final do XIX e início do XX consegue representar em sua literatura possíveis modelos, tanto masculinos quando femininos. Trata-se de uma literatura que classifica, hierarquiza e indica modelos ideais e contrários à virilidade.

---

Assim, começa a trabalhar como farmacêutico. Depois de um tempo, Anastácio Dias recebe uma carta de seu amigo Ernesto, o qual diz que Ângela estava louca e tivera um filho seu, e o velho Tertuliano Neves havia morrido por causa de uma congestão. O amigo o chama apenas para receber a herança de mil contos. Seu tio um mandão local e seu sogro, diz para Anastácio ir atrás da herança, mas o rapaz não quer receber. Para não contrariar, manda um advogado para receber a herança. No entanto, Ernesto diz que só irá dar prosseguimento ao inventário se este estiver presente, mas Anastácio resolve não ir. Após muito tempo, o protagonista encontra Tertuliano Neves em um vapor que vinha de Teresina para Amarante. Anastácio entrega a um criado as malas de Tertuliano Neves. E se prepara para o pior, já que havia desonrado a filha do velho, o que justificaria uma vingança de sangue. Então, Tertuliano Neves diz que a carta de Ernesto era mentira, além de contar segredos de família. O primeiro segredo é revelado. Segundo Tertuliano Neves havia um caso entre Ângela e Ernesto e o parto a matou devido à falta de recursos médicos. O casamento era um “pretexto para encobrir a gravidez de Ângela”, e o chamado urgente foi motivado pela segunda gravidez. Ernesto confrontado pelo velho Tertuliano Neves sai “desatinado, cheio de horror, desse antro de perdição e de miséria”. O segundo segredo de família é que Ângela Neves não era sua filha. Tertuliano Neves conta que a mãe de Ângela, Lúcia, tivera um relacionamento antes de conhecê-lo, e para encobrir o segredo de família casara-se com ele. A mulher morreu com febre amarela junto com outro filho no Rio de Janeiro e a moça fora registrada como dele. Deste modo, os segredos são revelados, e há uma reconciliação entre Tertuliano Neves e a família de Anastácio.

<sup>221</sup> FREITAS, 2009, p. 27.

<sup>222</sup> FREITAS, 2009, p. 27.

<sup>223</sup> STEARNS, Peter N. *História da sexualidade*. Trad. Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010, p. 144.

O primeiro modelo apresentado por Clodoaldo Freitas é o ativo, aquele que exerce sua potência sexual com todas as mulheres possíveis. Corbin<sup>224</sup> diz que esse tipo de homem viril é direcionado ao prazer sexual, ao evidenciar suas qualidades viris. Neste, há um ideal de dominação, de potência no ato sexual. Esta potência viril significava vigor físico e força sexual de um homem verdadeiro, o qual seria o desejável pela mulher.

A própria sociedade requeria do homem, desde a juventude, provas de sua virilidade. Aquele que não conseguisse alcançar o estipulado para o corpo masculino, como ter a primeira iniciação sexual, casar-se e até ter o duplo padrão masculino, era considerado como o não viril. Já que a relação sexual e o vigor no ato comprovariam a virilidade ou a atividade corporal que afastaria o corpo masculino da passividade, atribuído ao feminino.<sup>225</sup>

O homem, segundo Badinter, viveria uma luta viril “contra si mesmo para jamais ceder às fraquezas e à passividade que estão sempre a sua espreita”.<sup>226</sup> É necessário pensar no tempo e no espaço em que estas práticas eram vivenciadas, pois cada comportamento sexual remete a uma cultura em um certo período de tempo. O que é valorizado por uma determinada sociedade, em um certo lugar, pode se diferenciar do outro.

No conto *Coisas da Vida*, o personagem Plínio consegue apresentar as características de um jovem ativo em sua sexualidade. Na trama, o personagem mantém relações sexuais com quase todas as mulheres apenas para seu deleite, o que evidencia a potência sexual.

Plínio mantém relações sexuais ilícitas com Camila, mulher do Comendador Herculano Cavalcante. Em um dos episódios do romance, Camila enlaça Plínio pelo pescoço e eles se beijam. Quando Camila vai embora, Plínio corre atrás dela e torna a “estreitá-la loucamente nos braços” e os dois emudeceram de “novo de ânsia do gozo infinito”.<sup>227</sup> No romance, os dois encontravam-se frequentemente para manter relações sexuais.

A sociedade buscava normatizar o corpo através dos discursos, diante do corpo jovem levado às experiências sexuais para mostrar-se viril, e inventavam uma virilidade mais controlada, tanto para alertar os familiares como para moldar o jovem ao modelo moderno de virilidade, apesar de que havia certas permissões e liberdades ao corpo masculino perante essas experiências como iniciação sexual.

---

<sup>224</sup> CORBIN, Alain. A necessária manifestação da energia sexual. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 153-192.

<sup>225</sup> BADINTER, 1993.

<sup>226</sup> BADINTER, 1993, p. 133.

<sup>227</sup> FREITAS, 2009B, p. 45.

A sexualidade do jovem, segundo Stearns, foi influenciada pelas mudanças socioeconômicas, principalmente no século XVIII, com os primórdios da Revolução Industrial, proporcionando uma certa independência. Neste momento de transformações culturais, o jovem, por ter um apetite sexual mais desenfreado, era visto como perigoso, uma vez que teria a tarefa de evidenciar ser ativo através das experiências sexuais com uma iniciação na vida sexual para entrar na vida conjugal, tendo suas experiências com mulheres consideradas prostitutas ou que se deixavam enganar pelo galanteio masculino, ou mesmo eram levadas à prostituição pelos galanteadores.<sup>228</sup>

Em sua literatura, Clodoaldo Freitas demonstra a liberdade sexual e os consentimentos sociais quanto à sexualidade do jovem. Um homem com suas necessidades sexuais, tidas como naturais, que defende sua virilidade através da relação sexual, percebida como algo natural ao corpo masculino, desde que seu desejo não se voltasse para as mulheres de família.

No romance *Coisas da Vida*, por exemplo, o Barão de Ingá deixa os jovens livres, de modo que, em um certo momento da trama, Plínio retira-se da república que ficava em casa separada para encontrar Rosina debaixo dos jambeiros. Para enganar seus companheiros diz que tinha visto uma mulatinha e estava com a “cabeça a juros e em via de conquista”.<sup>229</sup> Assim, o rapaz procurava separar-se dos outros para ter certas liberdades com a moça.

Clodoaldo Freitas apresenta Plínio como um homem ativo em sua transição para a fase adulta que se inclui na representação de uma virilidade consentida pela sociedade.<sup>230</sup> Um galanteador que consegue enganar e conquistar a maioria das mulheres, como Camila, Rosina, Hortência e Carlota, a ponto de levá-las a deitar-se com ele. Um personagem que evidencia sua virilidade através de suas façanhas sexuais e se torna um *Hércules* da relação sexual ilícita. Gay argumenta que na juventude há um despertar sexual e a sociedade perceberia esse corpo mais expressivo em seus desejos sexuais, e até seriam considerados atletas sexuais insaciáveis.<sup>231</sup>

O homem mostra a sua virilidade ao deitar-se com as mulheres para provar diante da sociedade a sua potência viril.<sup>232</sup> Uma vez que a atividade sexual com mulheres confirma a masculinidade e transforma-se em uma obrigação imposta ao corpo do homem, já que a relação sexual confere ao homem a sua dignidade e o seu caráter viril, ao evidenciar a sua importância social fundamentada na dominação.<sup>233</sup>

---

<sup>228</sup> STEARNS, 2010.

<sup>229</sup> FREITAS, 2009, p. 9.

<sup>230</sup> FREITAS, 2009, p. 9.

<sup>231</sup> GAY, 1988, p. 106.

<sup>232</sup> SANT'ANNA, 2001, p. 255.

<sup>233</sup> CORBIN, 2013, p. 439.

No namoro, o casal pode ter certas liberdades e permissões, visto que eles teriam em mente o casamento. No entanto, o namoro figura como o resultado do galanteio masculino, no qual o homem consegue conquistar a mulher e manter o relacionamento através de um discurso amoroso, ou seja, o homem consegue enganar a mulher para ter seus objetivos concluídos.

O conto *Mãe Dolorosa*<sup>234</sup> narra a história de um galanteador, cujo nome não é citado, e Maria, uma mulher abandonada e desonrada que se encontrava grávida pela segunda vez. O homem começa a ser um galanteador, a falar sobre o amor divino e que amava a mulher.

O personagem masculino mostra seu amor por Maria e a convence, pelo discurso do seu amor, que quer casar-se com ela e diz: “O amor não se apaga nunca do nosso coração e nele se incrusta como uma essência misteriosa, impregnando-o eternamente e completamente<sup>235</sup>”. E continua

O amor é a inversão de toda natureza humana, porque reduz a contemplação de um só objeto, que é, ao mesmo tempo, a representação do universo. Amar é transformarmo-nos na pessoa amada. A pessoa amada é para nós a nossa própria existência, o nosso verdadeiro eu.<sup>236</sup>

Todavia, Clodoaldo Freitas evidencia a verdadeira intenção do rapaz. O personagem diz que começou a amar a moça sem avaliar a intensidade dessa atração que se afigurava como a princípio uma simples inflexão dos apetites, sem raízes profundas no coração.<sup>237</sup> Ele afirma que começou a amar a moça tanto no carnal como no espiritual, e relata seus desejos, os quais são o “lado espiritual do amor, saciam-se e morrem pelo tédio ou pela ausência”.<sup>238</sup>

O personagem, após a morte de Maria, conta que ela se afigura como mais uma experiência masculina, um idílio encantador de um ano de sua mocidade e constitui-se como o mais belo e comovente episódio de sua vida, ou da sua virilidade.<sup>239</sup>

Diante disso, para Clodoaldo Freitas, todo homem, especialmente o jovem, é galanteador ou um conquistador. Com efeito, o literato demonstra em seus personagens jovens uma virilidade atravessada pelo galanteio. No romance *Por um sorriso*, Carlos, ao ser questionado por Teresa se havia feito uma oração que ela lhe dera para a sua proteção, diz que

<sup>234</sup> O conto *Mãe Dolorosa* foi originalmente publicado em forma de folhetim pelo jornal *Correio do Piauí*, em Teresina, no mês de dezembro, nos números 61,62, 63 e 64, no ano de 1921, e publicado nos *Escritos de Clodoaldo Freitas* em São Luís, no volume 3, no mês de abril de 1908. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 426.

<sup>235</sup> FREITAS, 2009C, p. 204.

<sup>236</sup> FREITAS, 2009C, p. 204.

<sup>237</sup> FREITAS, 2009C, p. 206.

<sup>238</sup> FREITAS, 2009C, p. 206.

<sup>239</sup> FREITAS, 2009C, p. 211.



não usaria semelhante amuleto. A mulher contrariada diz que acreditou que o rapaz faria a oração. Carlos, então, diz que ama Teresa, porém algumas afirmações feitas por ele à mulher são mero galanteio, já que todo “homem mente nos seus galanteios”.<sup>240</sup>

Ainda no romance *Por um sorriso*, Alarico, um jovem galanteador, consegue conquistar Teresa e lhe chama para dançar a ponto de dar escândalos na frente de Carlos, namorado da moça. Nesta situação, Clodoaldo Freitas evidencia que o homem galanteador não possui culpa diante de seus desejos, mas é a mulher que recebe a culpa da traição quando deixar-se levar pelos galanteios. Na trama, Carlos se sente traído e quando fica sozinho no quarto começa a pensar no ocorrido e afirma que

a figura desse rapaz conquistador passava sem nenhuma sombra pela sua imaginação. Não o adiava, não tinha a mínima queixa dele. O Alarico procedia como, em geral, procedem todos os rapazes estouvados, que encontram facilidades junto às mulheres. A culpada, sem remissão, era Teresa. Contra ela recaíam, sinistros e ferozes, todos os seus ódios.<sup>241</sup>

Os desejos sexuais do jovem galanteador eram naturais diante de uma conquista, mesmo através da mulher do outro. Nesta perspectiva, o jovem para se tornar viril deveria exercer o domínio sobre o outro. Uma relação entre as primeiras experiências sexuais do jovem com as relações extraconjugais na fase adulta, além de ser um comportamento viril consentido pela sociedade a partir do silêncio, até o ponto deste ato não causar escândalos, ou a desordem social.

No que se refere às relações extraconjugais, Stearns diz que no século XIX, as doenças venéreas como a sífilis começam a se espalhar, e por isso o discurso médico buscava controlar a sexualidade através da moralidade, ao promover a pureza sexual e o comedimento dos desejos.<sup>242</sup> Neste sentido, o comportamento masculino é permeado por permissões, proibições e obrigações.

Quanto à desordem nos atos sexuais do jovem, o discurso normativo buscava desnaturalizar a relação sexual desenfreada para evidenciar a ordem e a disciplina do corpo. Diante disso, Clodoaldo Freitas, em sua literatura, alerta para o caráter nocivo do galanteio quanto à desonra das mulheres de família. No romance *Coisas da Vida*, o comportamento sexual de Plínio torna-se um perigo para às mulheres de família que são defloradas e deixadas pelo galanteador.

---

<sup>240</sup> FREITAS, 2009A, p. 23.

<sup>241</sup> FREITAS, 2009A, p. 65.

<sup>242</sup> STEARNS, 2010.

No conto *O dedo de Deus*<sup>243</sup>, a personagem Eleutéria é uma mulher que exercia o papel masculino dentro de casa, ao trabalhar na rua para criar suas filhas, Filoca e Ritinha, vigiadas pela mãe para não serem desonradas. Ela sempre cuidou das filhas com esmero, mandou-as para a escola, trazendo-as limpas e fartas e sempre precavida e solícita. Cheia de amargas experiências, as cercava das maiores vigilâncias, não permitia reuniões em sua casa, trazia as filhas entregues ao trabalho, sem saberem dançar, gozando na vizinhança do justo conceito de moças exemplares.<sup>244</sup>

O Sepúlveda, um conquistador emérito e desalmado, viu na igreja Filoca e começou a flertar com ela.<sup>245</sup> Não demorou para entregar suas roupas para Eleutéria lavar e gomar. Sem Eleutéria desconfiar, o namoro de Sepúlveda e Filoca ia às escondidas no quintal, e numa manhã a moça desapareceu.<sup>246</sup>

Então, Filoca manda uma carta a Eleutéria por ter sido abandonada por Sepúlveda, e por estar doente e morrendo à míngua. A velha vai buscá-la para casa e cercou-a de todos os carinhos e solitudes maternas. Chamou o médico, mas Filoca faleceu.<sup>247</sup>

<sup>243</sup> O conto *O dedo de Deus* foi originalmente publicado em forma de folhetim pelo jornal *Diário do Maranhão*, em São Luís, ano 40, número 10.735, abril de 1909. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 402.

<sup>244</sup> FREITAS, 2010C, p. 73.

<sup>245</sup> FREITAS, 2010C, p. 73.

<sup>246</sup> FREITAS, 2010C, p. 74.

<sup>247</sup> No conto *O dedo de Deus*, a personagem Etelvina é uma mulher que exercia o papel masculino dentro de casa, ao trabalhar na rua para criar suas filhas, Filoca e Ritinha, vigiadas pela mãe para não serem desonradas. O narrador relata sobre Eleutéria, já viúva, a qual era moça e bonita e “resistiu heroicamente a todas as seduções dos argentários que, nesse tempo calamitoso, compravam a honra das famílias por prato e farinha e libra de carne”. Por ser uma mulher ordeira e que não se dava aos prazeres da vida era malvista e não tardou a ser expulsa. A mulher retirou-se para a cidade pondo-se a “trabalhar, de dia, gomando e, de noite, fazendo renda”. Eleutéria sempre cuidou das filhas com esmero, mandou-as para a escola, trazendo-as limpas e fartas e sempre precavida e solícita, cheia de amargas experiências, as cercava das maiores vigilâncias, não permitia reuniões em sua casa, trazia as filhas entregues ao trabalho, sem saberem dançar, gozando na vizinhança do justo conceito de moças exemplares. O Sepúlveda, um conquistador emérito e desalmado, viu na igreja Filoca e começou a flertar com ela. Não demorou para entregar suas roupas para Eleutéria lavar e gomar. O rapaz, com o objetivo de conquistar a família era atencioso, bom freguês, arranjava freguesia e ainda presenteava a velha e as moças. Eleutéria o defendia dizendo suas qualidades de rapaz bom e respeitador, quando ele era acusado de ser um sedutor desalmado. Sem Eleutéria desconfiar, o namoro de Sepúlveda e Filoca ia às escondidas no quintal, e numa manhã a moça desapareceu. Vendo a perdição de sua filha, a velha Eleutéria se ajoelhava no quintal pedindo a Deus que castigasse o Sepúlveda em sua filha, vendo-a também desonrada e atirada à prostituição, e fazia isso todos os dias. Então, Filoca manda uma carta a Eleutéria por ter sido abandonada por Sepúlveda, e por estar doente e morrendo à míngua. A velha vai buscá-la para casa e cercou-a de todos os carinhos e solitudes maternas. Chamou o médico, mas Filoca faleceu. Eleutéria correu ao quintal para fazer sua prece com sinceridade. Sepúlveda continua a raptar moças, e Eleutéria, ao saber, vai até a família para aconselhar ao pedir o favor de Deus. E diz: “Esse malvado há de ser castigado. Não é possível que a justiça divina não vingue tantas vítimas inocentes, traiçoeiramente sacrificados na flor da mocidade”. Em uma tarde, Eleutéria assentada na porta da rua, passou a filha de Sepúlveda uma formosa rapariga, alta, nédia, de olhos negros e vivos. A velha admira a beleza da moça, e outra diz que é a Laurinha, filha do Sepúlveda. Eleutéria diz que a justiça recairá sobre ela, um instrumento de que Deus há de servir-se para vingar tantas vítimas. Dois anos depois, Sepúlveda enviuvou e casou-se de novo e, agora, pertencia a uma família dominadora e poderosa. E Laurinha era o seu orgulho, de modo que a vestia com ricos vestidos, já que sua prosperidade crescia a cada dia mais. No entanto, estourou a notícia de que Laurinha havia sido desonrada por um tio, homem casado. Eleutéria se alegrou e foi contar a todas as vítimas, e então foi dormir alegre. De manhã,

Neste conto, Clodoaldo Freitas mostra o perigo que um jovem galanteador e, logo após um homem ativo, poderia acarretar a uma família, principalmente quando não havia um homem para proteger a honra feminina ou, se havia, era omissivo. O literato evidencia em Sepúlveda um homem descontrolado em sua potência sexual, a ponto de mostrar ao leitor a possível consequência do corpo desordeiro. Na trama, a filha de Sepúlveda, Laurinha, é desonrada em forma de punição ao seu pai.

Ademais, a potência é relativa à aceitação formal, seja no ato sexual ou na conquista. Corbin<sup>248</sup> diz ser um peso ao corpo masculino mostrar a sua potência, onde o homem se depara com a angústia diante das limitações e insuficiências perante as sanções sociais que exigiam do corpo o exercício pleno da virilidade.

Assim, a aprendizagem da juventude em relação à potência sexual deveria acompanhar o homem em sua trajetória. O jovem viril em transição para a fase adulta deveria mostrar-se potente sexualmente nos seus galanteios que, muitas vezes, levava a práticas sexuais ilícitas, mas consentidas. Uma juventude que na perspectiva de Clodoaldo Freitas era tempo de expressão e de aprendizagem de potência viril, que também deveria ser marcada pelo controle do corpo.

## 3.2 VIDA ADULTA

### 3.2.1 Trabalho

O trabalho, segundo Perrot<sup>249</sup>, é uma qualidade requisitada pela sociedade para que o corpo torne-se útil. Um atributo que chama o homem ao ambiente público e a mulher ao privado, os quais devem exercer suas funções sociais e trabalhar em prol da unidade familiar. Uma sociedade que esperava inventar um adulto viril com o trabalho aderido aos seus atributos, a partir da infância ociosa, passando pelo corpo jovem em formação.

Nesta conjuntura, o homem que almeja o ideal viril deveria mostrar-se apto ao trabalho com o objetivo de sustentar a sua família. Uma vez que o discurso dominante via a família

---

Ritinha foi levar o café da manhã na rede e a encontrou morta, já gelada com os olhos abertos, risonhos, olhando fixamente para o céu. Morreu de alegria.

<sup>248</sup> CORBIN, 2013.

<sup>249</sup> PERROT, Michelle. Funções da família. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottman; Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia da Letras, v.4, 1991.

como “a base da nação e um espaço social que produziria uma força de trabalho dedicada, honesta e disciplinada”.<sup>250</sup>

Clodoaldo Freitas mostra em sua literatura produzida no final do século XIX e início do XX a imagem de um homem ideal, firmado no trabalho honesto, justo e honrado, no qual este homem conseguiria sustentar a família e defender a honra da mulher.

No romance *Memórias de um Velho*, por exemplo, notamos um homem que havia se transformado em um homem viril ao rejeitar a corrupção humana e direcionar-se ao trabalho honesto. O personagem Emílio é o modelo de homem trabalhador ao conseguir alcançar o ápice do trabalho e da honra masculina com a finalidade de se desvencilhar dos preconceitos religiosos e das superstições para triunfar através da virtude máscula e pela tenacidade na resistência e no trabalho porfiado.<sup>251</sup>

Um homem verdadeiro que apesar das aflições da vida, como perder a mulher amada, Zulmira, perder os pais, ser humilhado por causa dos preconceitos religiosos, consegue continuar a ser honrado e trabalhador. Emílio é um agente ativo na vida construído pela dignidade do trabalho através de uma vontade resoluta e máscula que faz o homem lutar por sua honra e que não encontra barreiras nos grandes tropeços, que obstruem a tortuosa estrada da vida.<sup>252</sup>

Outro exemplo de homem trabalhador está no conto *Nos Ares*<sup>253</sup>. O conto narra a história de José Rafael, uma figura de homem pobre que, além de sustentar a família, consegue proteger a honra das filhas.<sup>254</sup> Um personagem viril que trabalha como mercador de frutas e verduras para manter a mulher, os filhos e criar as filhas “limpas, aseadas, cabelos penteados, pés nas chinelas, entregues ao trabalho doméstico”.<sup>255</sup> Neste exemplo, o homem pobre consegue provar a sua virilidade pelo trabalho honesto.

---

<sup>250</sup> ABRANTES, 2010, p. 146.

<sup>251</sup> FREITAS, 2008.

<sup>252</sup> FREITAS, 2008, p. 7.

<sup>253</sup> O conto *Nos Ares* foi originalmente publicado na *Revista da Academia Piauiense de Letras*, em Teresina, ano 1, vol. 1 e n. 1, em junho de 1918, com dedicação à memória do Dr. Emídio Pedreira. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 377.

<sup>254</sup> O conto relata a história de José Rafael e sua família, os quais moravam em uma casinha de palha, arrimada ao tronco de uma frondosa gameleira, na formosa ilha Boa Vista, próximo ao rio Parnaíba. José Rafael era um “caboclo muito magro, alto, braços e pernas compridos, mãos enormes, pouca barba e quase calvo. Homem de ferro, pouco expansivo, ele, embora pobre, vivia na fartura e tinha crédito na praça”. Umbelina, sua mulher, era uma cabocla gorda e forte. Eles tinham oito filhos que desempenhavam suas funções segundo o sexo e idade, uma vez que “os filhos maiores trabalhavam na vazante, enquanto os mais pequenos colhiam o feijão ou cortavam as folhas de fumo”.<sup>254</sup> A família vivia do que cultivava, frutas e verduras, nas vazantes da ilha. José Rafael levava o que cultivava pela manhã ao mercado de Teresina, “antes do meio-dia estava de volta com o bolso cheio de dinheiro, conduzindo tudo quanto a família necessitava”.

<sup>255</sup> FREITAS, 2009C, p. 180.

Para Clodoaldo Freitas, o homem verdadeiro é predestinado ao trabalho. No entanto, o literato mostra através de vários personagens que um homem pode ser viril no tocante ao trabalho e desvirilizado em relação aos outros atributos viris. Homens que, mesmo sendo trabalhadores, caem em desgraça devido às corrupções do mundo, seja de ordem social, seja de ordem sentimental.

Podemos citar Pedro Barreto, do conto *Os Barretos*<sup>256</sup>, como exemplo de homem trabalhador que perde sua virilidade por causa do descontrole das emoções. O personagem representa a imagem de um sertanejo trabalhador que aplica todas as suas forças para cuidar dos seus filhos e sustentar a sua esposa, Inácia.

Pedro Barreto era “um cabra cearense, baixo, moreno, entroncado, quase imberbe, cabelos nazarenos, boa dentadura, olhar inteligente, fisionomia alegre e boa” e que tinha “vinte e cinco anos”<sup>257</sup> e Inácia, “uma mulata de vinte anos, alta, robusta, encantadora como são em geral as mulatas cearenses”.<sup>258</sup> No conto, os dois foram residir em Campo Maior (Piauí) fugindo da seca em Crateús (Ceará). Os dois “vinham indigentes, porém animados por essa sublime e resignada coragem do emigrante cearense, que afronta tudo, confiado no seu esforço pessoal, que tem feito milagres por toda parte onde aparece”.<sup>259</sup>

Clodoaldo Freitas evidencia no personagem um homem trabalhador confiado em seu esforço pessoal, o qual trabalhava dia e noite como um mouro para prover sua família e trazê-los perante a sociedade fartos, limpos e descentes.<sup>260</sup> Porém, as qualidades de homem trabalhador são corrompidas pelos desejos do corpo, ou seja, por causa dos ciúmes exagerados por sua mulher Inácia.<sup>261</sup>

<sup>256</sup> O conto *Os Barretos* foi publicado originalmente na revista *Literacultura*, em Teresina, em maio de 1912, dedicado ao Dr. Luiz de Moraes Correia. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 377.

<sup>257</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Os Barretos*. In: *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz, MA: Ética, 2009, p. 85.

<sup>258</sup> FREITAS, 2009, p. 85.

<sup>259</sup> FREITAS, 2009, p. 85.

<sup>260</sup> FREITAS, 2009, p. 88.

<sup>261</sup> No conto, os dois foram residir em Campo Maior (Piauí) fugindo da seca em Crateús (Ceará). Os dois “vinham indigentes, porém animados por essa sublime e resignada coragem do emigrante cearense, que afronta tudo, confiado no seu esforço pessoal, que tem feito milagres por toda parte onde aparece”. Pedro Barreto e a família decidem ir para o Piauí, e seguem viagem. Quando chegam ao Estado, se instalam e o homem vai procurar uma casa. Com a família já instalada, começa a trabalhar, e Inácia ajuda na economia da casa fazendo renda. Em outro episódio da vida cotidiana do casal, Pedro Barreto começa a notar que sua mulher anda muito arrumada e a questiona sobre o fato e ela afirma ser apenas para agradá-lo. No entanto, o homem não se quietou ao imaginar a mulher arrumada, e dominado pela obsessão voltou do trabalho para casa mais cedo. Chamou o filho mais velho, Chiquinho, para uma pesca e perguntou se sua mãe tem se encontrado com alguém. O menino disse que Inácia estava se encontrando com Manezinho. Então, o Barreto, abafando o seu furor, chegou em casa, tomou uma xícara de café e deitou-se fingindo-se doente. No outro dia finge estar doente, mas vai trabalhar. Porém, volta de forma inesperada e quase flagra Inácia com Manezinho. Então, o Barreto tornou-se medonho. Sua voz tremia, seus olhos chamejavam fogos sinistros. E com a negação da mulher sobre a traição, se acalmava. Pedro Barreto decide sair de Campo Maior e ir para Barras. Mas, no dia seguinte, sua mulher tinha desaparecido. O personagem sentia ódio

Clodoaldo Freitas demonstra um homem viril que perde sua virilidade e é traído pela mulher devido ao seu ciúme descontrolado. No conto, Inácia ao ser questionada pelo homem porque ela teria feito isto com ele e os filhos, responde: “Tu me despertavas as ideias criminosas, que eu não tinha; tu mesmo me ensinaste o caminho do mal, que eu ignorava, fazendo crer que, por ser bonita, devia ser infame”.<sup>262</sup> O discurso do literato procura formar e moldar o masculino na sociedade, ao evidenciar que o homem trabalhador poderia perder sua família devido as suas atitudes antiviris ao estar preso às tiranias sociais.

Outro exemplo de homem trabalhador que perde sua virilidade ao deixar-se levar pelas tiranias sociais está no romance *O Palácio das Lágrimas*<sup>263</sup>. O literato representa um homem trabalhador corrupto que destrói a família por causa da tradição. No romance, Jerônimo de Pádua era um negociante que vendia para algumas fazendas, além de ser um contrabandista de escravos, mesmo que a lei já houvesse vedado o tráfico de escravos.<sup>264</sup>

No contexto, o personagem expressava alguns elementos viris, mas por ser corrupto, ocasiona a destruição de sua família. No romance, Jerônimo de Pádua possui uma família ilegítima com Clemência, uma mulata baixa e gorda, ainda sua escrava e amásia, com quem tivera Fausto, Juventino e Estefânia, ainda não reconhecidos, que estudavam em Lisboa.

Na história, D. Anicota, mulher do capitão Bernardo Soeiro, manda matar Jerônimo de Pádua, e por ter casado sua irmã Joanhina com Galdino, sobrinho do personagem e parente mais próximo, toma de conta da riqueza do homem. Dois dias depois da morte do personagem principal, D. Anicota humilha Estefânia por ser escrava, apesar de Clemência pedir misericórdia por seus filhos. D. Anicota resolve levar todos para o Tamacão, com o fim de que estes tomassem conhecimento de sua nova situação, ao vesti-los como escravos e açoitá-los. Em seguida, a família toda se joga no mar e morre.

Assim, o trabalho, a capacidade de sustentar a família e a proteção do nome familiar<sup>265</sup> trariam o respeito social ao homem viril ao comprovar a sua virilidade quando cumprisse seus

---

à Inácia com a mágoa de vê-la infamada, perdida, trilhando essa escura vereda lamacenta e coberta de urzes. Pedro Barreto procura por Inácia e sabe que ela está instalada na casa de Manezinho. Foi ao encontro de Inácia, que não queria mais encontrá-lo. Os dois lutam como loucos até que Pedro Barreto retira uma faca e atinge o coração de Inácia, matando-a. Populares prendem Pedro Barreto com o incentivo de Manezinho. O personagem é preso, porém negava ter assassinado a mulher. Por fim, Pedro Barreto perde os filhos que ficam sob os cuidados de uma preta velha conhecida do casal. E o homem, por não conseguir controlar sua perda, principalmente da mulher, se suicida na cadeia.

<sup>262</sup> FREITAS, 2009, p. 97.

<sup>263</sup> O romance *O Palácio das Lágrimas* foi originalmente publicado em forma de folhetim pelo jornal *Diário do Maranhão*, em São Luís, ano 41, números 11.093 a 11.100, em junho de 1910. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 405.

<sup>264</sup> FREITAS, 2010A, p. 12.

<sup>265</sup> MELO, 2000.

deveres de homem e a responsabilidade do nome honrado que usava.<sup>266</sup> Em termos ideais, o homem se ligaria ao trabalho com o intuito de promover a ordem social e moral, já que trabalhar a mente e o corpo tornava-se essencial para fugir dos descontroles sexuais e morais.

Para Clodoaldo Freitas, a noção de proteção da pátria pelo trabalho é cara. O homem viril defenderia a pátria mãe, seja na guerra, seja em casa, seja na rua. Na guerra, o trabalho do homem viril era ser útil na proteção da pátria e de sua família, trabalhar em prol do progresso da nação, em que este homem másculo estaria pronto a viver ou morrer pela defesa da nação e de seus ideais, além de estar pronto para proteger, obedecer e trabalhar pela ordem social.<sup>267</sup>

Em casa, o homem deveria ser a autoridade cujo objetivo principal era comandar, instruir e punir os outros, como uma forma de direcionar cada corpo ao seu devido trabalho. No entanto, a casa ficaria mais sobre a responsabilidade da mulher.<sup>268</sup>

No espaço da rua, o trabalho era exclusivo do homem, o qual deveria exercer o seu domínio pela força física ou pelo poder das palavras. Um homem da elite ou não que deveria ter uma atividade pública que destacasse a sua capacidade viril de sustentar a família.

Na literatura de Clodoaldo Freitas também encontramos mulheres que trabalhavam para redimir-se perante a sociedade ou mesmo substituir o marido falecido. Algo que o literato mostra não ser natural para a mulher, destinada ao ambiente doméstico, e que teria a possibilidade de fracasso se ela almejasse ser um homem.

O trabalho feminino no período analisado não era visto com bons olhos pelos homens, já que a mulher era destinada ao espaço doméstico e, assim como o homem, tinha o seu corpo treinado desde a infância até a vida adulta para cumprir suas funções sociais.<sup>269</sup>

A maternidade, o cuidado com a casa, a educação dos filhos e o cuidar do marido eram trabalhos suficientes para a capacidade intelectual da mulher, segundo os intelectuais do século XIX. Entretanto, quando em meados do século XIX, e início do século XX, as mulheres começam a requerer para si a igualdade dos direitos, principalmente na Europa, o espaço masculino público começa a ser ameaçado. E como resistência à inserção da mulher no mercado de trabalho, o discurso masculino começa a repudiar a intromissão das mulheres no espaço público, ao direcioná-las à casa. Segundo Soihet, os homens procuravam “proteger seus

---

<sup>266</sup> FREITAS, 2008, p. 26.

<sup>267</sup> BERTAUD, Jean-Paul. A virilidade militar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 195-248.

<sup>268</sup> DEL PRIORE, Mary. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 153-184.

<sup>269</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Entre a história e a memória: práticas masculinas no Piauí oitocentista. *Projeto de História*, São Paulo, n. 45. dez. 2012, p. 188.

privilégios na chefia da família e monopolizar os melhores trabalhos, ou seja, não havia espaço na rua para a mulher”.<sup>270</sup>

Clodoaldo Freitas busca evidenciar que o trabalho da mulher é em casa, cuidando dos filhos e do esposo, posto que ela não teria a capacidade de trabalhar na rua, o que tinha como possível consequência a desordem familiar.

Na escrita de Clodoaldo Freitas, a mulher não saberia desempenhar de forma eficaz o papel do homem trabalhador e defensor da honra familiar. No conto *O dedo de Deus*, Eleutéria apesar de todos os cuidados com as filhas, acaba tendo a filha mais velha, Filoca, desonrada por Sepúlveda, um conquistador emérito e desalmado, que rapta a moça, deixando-a grávida e sem se importar com a sua morte. De modo que Clodoaldo Freitas apresenta no conto a ineficácia de Eleutéria para proteger a honra de sua filha. Isto expressa que o pensamento do autor é marcado por um dualismo dos papéis sexuais em relação ao trabalho.

Clodoaldo Freitas ainda exemplifica a ineficácia da mulher para o trabalho em dois outros contos. O primeiro é o conto *Mãe Dolorosa*<sup>271</sup>, Maria busca remir-se pelo trabalho honesto, diante das fatalidades fisiológicas e das misérias sociais, nas quais ela é vítima da covardia de um miserável.<sup>272</sup> No entanto, como consequência de seu comportamento desordeiro, falece tendo ainda o filho na barriga.

O segundo é o conto *Queda de um Anjo*<sup>273</sup>, que narra a história de desonra de Madalena, enganada pelo Dr. Bernardes, que iria se casar na igreja de São Benedito, a mulher apareceu no meio do casamento “trêmula, agitada e divinamente pálida, uma rapariga loira e formosa, conduzindo um recém-nascido nos braços”.<sup>274</sup>

Ela enfrenta o noivo e brada alucinada que o rapaz havia feito promessas e juramentos, mas o desobrigava. No entanto, estava ali para lhe entregar o filho para que o Dr. Bernardes perante o altar. Adélia, noiva do Dr. Bernardes, pede a criança para si para criá-la como sua e pede para a mulher ir embora, e ainda promete que este seria seu primeiro filho.<sup>275</sup>

Madalena, ao perceber a generosidade de Adélia, diz que sua vingança está realizada e se despede. A mulher diz para o coronel Bernardes, o qual pede a criança e a acompanha, que

<sup>270</sup> SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*. Dossiê: História e Gênero. São Paulo, v.27, n.54, 2007.

<sup>271</sup> FREITAS, Clodoaldo. Mãe dolorosa. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 203-211.

<sup>272</sup> FREITAS, 2009C, p. 207.

<sup>273</sup> O conto *Queda de um Anjo* foi originalmente publicado em forma de folhetim no jornal *Correio do Piauí*, em Teresina, em dezembro de 1921. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 426.

<sup>274</sup> FREITAS, Clodoaldo. Queda de um anjo. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 195.

<sup>275</sup> FREITAS, 2009C, p. 195.



irá ficar com seu filho para criá-lo através do trabalho, já que esta é uma moça, sadia e disposta. A mulher ainda diz que sairá do lugar para esquivar-se a certas fraquezas próprias das mulheres apaixonadas e das mães infelizes, e irá para onde é desconhecida para que possa fixar residência e viver pelo seu trabalho honesto.<sup>276</sup>

Clodoaldo Freitas é enfático ao dizer que a mulher não seria capaz de trabalhar como um homem de verdade, mesmo que fosse com a intenção de se redimir. Visto que o homem viril seria o único capacitado para tal tarefa.

Para Clodoaldo Freitas, a mulher e o homem teriam seus lugares específicos na sociedade, através de um sistema normativo que direcionava os gêneros para certas funções sociais, o que serviria para provar a veracidade da virilidade de um homem e torná-lo aceito na sociedade. De sorte que trabalhar dignificava o homem e promovia o orgulho viril masculino.

Quanto ao homem ocioso, Clodoaldo Freitas faz uma comparação entre o corpo disciplinado pelo trabalho e a degradação do corpo inútil. Para o literato, corpos masculinos desassociados do trabalho honesto causavam a desordem social. Tratava-se de um corpo inútil socioeconomicamente que deveria ser afastado da sociedade, pois não contribuía na formação e proteção da pátria.

Conforme Clodoaldo Freitas, havia homens contrários ao trabalho que seriam desvirilizados pela ociosidade. Um homem que buscava ser viril, mas perdia sua virilidade por causa de seus comportamentos. No conto *Amores de um poeta*<sup>277</sup>, encontramos em Lulu Sebelo a história de um homem que buscava obter os dispositivos da virilidade, como a racionalidade e a bravura, mas era ridicularizado pela sociedade.

Clodoaldo Freitas argumenta que o homem contrário ao ideal de virilidade não conseguiria trabalhar, sustentar a família ou até mesmo ter uma. Portanto, o ócio significava a perda da virilidade.<sup>278</sup>

---

<sup>276</sup> No conto, após uma visita de Adélia que pede para Madalena casar-se com o Dr. Bernardes, a mulher pede para todos saírem, pois fora dominada por uma tensão nervosa. Então, a moça cai no chão morta, de sua “boca entreaberta saía um delgado fio de sangue”.<sup>276</sup> Dr. Bernardes corre para seu filho no berço que chorava, e o tomou nos braços cheio de ternura paternal. Um mês depois, Adélia e Bernardes casam-se, reconhecem o filho de Madalena, e a moça adotou e amou enternecidamente como seu primogênito.

<sup>277</sup> O conto *Amores de um poeta* foi originalmente publicado nos *Escritos de Clodoaldo Freitas*, em Belém, no volume 1, em setembro de 1904, assinado com o pseudônimo Carlos da Maia. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 383.

<sup>278</sup> Lulu Sebelo tinha uma aparência desviril e apresentava elementos nítidos do corpo feminino. O personagem é descrito como um indivíduo que pintava o cabelo, usava pouca barba bem raspada, o rosto liso e lustroso de creme e andava sempre muito cheiroso, lenço e cabelos. Este homem atrapalhava os outros no exercício do trabalho e causava a desordem social. Na trama, Lulu Sebelo que passava a maior parte do tempo assentado no balcão da lojinha desafreguesada, onde gostava de escrever, chama um de seus amigos para “exibir-se na sua faina de escritor”, e apesar deste parar para ouvir, não consente em perder muito tempo porque o patrão o estava esperando.

Na literatura de Clodoaldo Freitas há dois exemplos de homens ociosos, o primeiro é apresentado no romance *Coisas da vida*<sup>279</sup> através de Crescêncio, um velho parente que vivia da economia dos outros. Um ocioso, indesejado pelo homem viril.

O segundo é Tinoco do conto *Os Burgos*<sup>280</sup>, descrito como um indivíduo baixo, cheio de corpo, barrigudo, moreno<sup>281</sup>. Na trama, o homem contrário à virilidade não perdia o horário do almoço na casa dos outros, de tal forma que é um famoso gastronômico no Maranhão. Enfim, um glutão infartável que vivia às custas dos outros, por ter esbanjado a bonita fortuna que o pai lhe deixara, e agora vivia na indigência.<sup>282</sup> Desta forma, este homem, contrário ao ideal de virilidade, é um indivíduo antissocial ao ser inútil economicamente.

Clodoaldo Freitas ainda expõe outro aspecto do ócio, a depravação sexual. Um descontrole emocional e sexual que faz o homem cometer o pecado, segundo o discurso religioso, e promover a desonra de uma família ou da própria, de acordo com o discurso dos intelectuais.

Neste contexto, o ócio desqualificaria o homem e o tornaria afeito às corrupções da carne. No romance *Memórias de um velho*, percebemos o encontro de um homem ideal, Emílio, com homens ociosos, os ciganos, descritos como um bando de homens de todas as idades, condições e costumes, os quais exercem um comércio lícito e ilícito, conforme as circunstâncias, principalmente nos lugares remotos fora das vistas da polícia.<sup>283</sup>

Clodoaldo Freitas aponta para o que deveria ser rejeitado pela sociedade através da descrição destes homens, ao indicar modelos contrários ao ideal viril. Homens que trairiam a pátria, além de expressarem a vergonha da desmoralização<sup>284</sup> por serem vagabundos, réus de crimes mais ou menos graves, aventureiros sem moral, insubmissos, violentos, desordeiros e lascivos. Uma nítida representação literária do corpo inútil à sociedade.<sup>285</sup>

Outra característica do homem ocioso seria o crime, em que o homem desonesto teria hábitos antissociais e promoveria a desordem. No conto *Os Bandidos*<sup>286</sup>, é nítida a imagem construída pelo literato de homens avessos ao trabalho, corruptos na vida e criminosos por natureza.

---

<sup>279</sup> FREITAS, 2009B.

<sup>280</sup> *Os Burgos* foi publicado originalmente na revista *Literacultura*, em Teresina, no número 1, em abril de 1912, assinado com o pseudônimo C.F. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 376.

<sup>281</sup> FREITAS, Clodoaldo. Os burgos. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 122.

<sup>282</sup> FREITAS, 2010C, p. 12.

<sup>283</sup> FREITAS, 2008, p. 42.

<sup>284</sup> FREITAS, 2008, p. 44.

<sup>285</sup> FREITAS, 2008, p. 25.

<sup>286</sup> O conto *Os Bandidos* foi originalmente publicado nos *Escritos de Clodoaldo Freitas* em São Luís, em abril de 1908, dedicado a Afonso Cláudio. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 394.

No conto, evidenciam-se homens contrários à virilidade ideal. O protagonista da história, Raimundo Ferreira ou Raimundo da Coroa, era um preto alto, corpulento e já maduro que “vivía sozinho, comendo mal, vestindo mal e metido numa venda sórdida, de aspecto repugnante, onde negociava a retalho e especulava em tudo, principalmente comprando furtos”.<sup>287</sup>

Na história, Clodoaldo Freitas compara os homens corruptos e ociosos aos devotos e supersticiosos. Raimundo Ferreira era um homem que gostava muito de frequentar as igrejas, não perdia as missas de domingo, acompanhava contritamente, vestido de branco, as procissões, além de trazer no pescoço vários “bentinhos com orações, medalhas bentas, que acreditava livrá-lo de todos os males, da bala e do punhal, das prisões e das correntes, dos inimigos e das pestes”.<sup>288</sup>

O literato apresenta em Raimundo Ferreira o tipo de homem sem virilidade que pode enganar com facilidade a sociedade, principalmente através da política, apesar de ter um aspecto repugnante. No conto, o personagem participava de reuniões políticas com seu fato branco e só se retirava no fim, quando não havia mais cerveja, e tinha ouvido todos os moradores, o que lhe valeu a patente de tenente da guarda nacional. Um homem desonrado que participara também da revolta dos Canudos para saquear o arraial e os próprios companheiros mortos.<sup>289</sup>

Raimundo Ferreira é descrito como um homem vaidoso e tolo que se gabava de sua fortuna, o que causou a cobiça de seus amigos, os quais planejaram a sua morte e, valendo-se de suas superstições, o enganam e o assassinam.<sup>290</sup> Seus comparsas Neco Geraldo e Cabo Olímpio eram seus sócios em vários crimes, que sempre ficaram impunes, porque a polícia não conseguia descobrir os autores.<sup>291</sup>

---

<sup>287</sup> FREITAS, Clodoaldo. Os bandidos. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 57.

<sup>288</sup> FREITAS, 2009C, p. 57.

<sup>289</sup> FREITAS, 2009C, p. 57.

<sup>290</sup> No texto, os dois bandidos inventam que possuem uma riqueza escondida que lhe fora revelada em sonho. Desta forma, Raimundo Ferreira é facilmente enganado por suas superstições nas almas santas benditas. Ainda na história, Nonato é apresentado como um bandido experiente em assassinato, o qual entra em cena para executar o crime e ajudar a esconder e esquarterar o corpo, já que Neco Geraldo estava com a perna necrosada, também é apresentado Tristão, um “rapagão alto, alvo, de fisionomia expressiva e tez de cera”, que é contratado por Neco Geraldo para matar o Cabo Olímpio devido a uma suspeita de traição. O plano de matar Raimundo Coroa é executado no dia acertado e o cabo Olímpio, Neco Geraldo e Nonato vão procurar o suposto pote com o dinheiro. No momento, Tristão desiste de ir matar o cabo Olímpio por se encontrar com febre. Os quatro vão até certo local e começam a cavar o buraco. Quando é a vez de Raimundo Coroa, Nonato desfere uma pancada na cabeça do homem com uma barra de ferro e o cabo Olímpio termina o homicídio. Neco Geraldo entra em cena para esquarterar o corpo de Raimundo Coroa e jogá-lo na maré para os tubarões. Os três vão para a casa de Raimundo Coroa procurar o dinheiro mais não encontram quase nada e presumem que o Raimundo Coroa deve ter enterrado o dinheiro.

<sup>291</sup> FREITAS, 2009C, p. 58.

Assim, Clodoaldo Freitas evidencia homens desonestos que não possuem honra entre si e vivem de vadiar e do roubo. No conto, o literato demonstra a consequência para seus leitores de ser um destes homens ou se associar a estes, ou seja, a morte.

### 3.2.2 Paternidade

A paternidade na literatura de Clodoaldo Freitas constitui outro atributo viril do homem adulto. Em sua escrita o tema é apresentado de diversas formas com ênfase em vários exercícios da paternidade, ao tempo que descreve a paternidade ideal.

Priore, em seus estudos sobre a paternidade no século XIX, diz que na modernidade o masculino ganha novos significados sem perder “a imagem forte dentro da família”<sup>292</sup>, ou seja, o chefe de família continua a ter a sua autoridade dentro de casa, mas seus sentimentos ganham novas configurações sociais. A partir deste momento, o discurso filosófico moderno recai sobre o corpo masculino para incitá-lo a cuidar dos filhos.

A responsabilidade paterna incide na integridade moral do homem viril. Não se enquadrar nesta nova qualidade significaria destruir a autoridade paternal, o que equivalia a atentar contra a moral e os bons costumes.<sup>293</sup> Por consequência, denotaria a renúncia aos valores do homem verdadeiro ao negligenciar seu papel paterno diante da sociedade, e por isso, promover a destruição da sociedade.

No romance *Memórias de um velho*, Clodoaldo Freitas representa um pai tradicional perante o filho, onde os comportamentos masculinos e femininos são diferenciados. No caso, o pai de Emílio dá a notícia de que o filho iria ao seminário católico com certa “tristeza e solenidade”<sup>294</sup>, mas não esboça além dessa nenhuma reação de carinho ou de conforto ao filho, quando este se entristece ou mesmo cai em prantos. No lugar do pai, entra a figura da mãe, que consola o filho de forma “solícita e carinhosa”<sup>295</sup> e participa da dor do filho.

Em outro momento da trama, Emílio nota que não tem vocação para ser padre e desiste do seminário católico para ingressar no preparatório do curso de Direito. Com a notícia, observamos de forma nítida o comportamento do homem tradicional, que recebe a notícia com descaso ao não fazer muita questão pelo fato ocorrido.<sup>296</sup> Enquanto a mulher, mais sentimental

---

<sup>292</sup> DEL PRIORE, 2013, p. 155.

<sup>293</sup> DEL PRIORE, 2013, p. 166.

<sup>294</sup> FREITAS, 2008, p. 9.

<sup>295</sup> FREITAS, 2008, p. 9.

<sup>296</sup> FREITAS, 2008.

expressando suas emoções de maneira explícita, não aceita a decisão do filho e põe o pé na parede ao exigir que ele se ordenasse.<sup>297</sup> Neste momento, confirmamos a ideia de um homem tradicional mais sóbrio ao se distanciar do comportamento feminino e não se vincular aos filhos.

Neste comportamento tradicional podemos enfatizar uma outra educação do pai diante do filho, através de uma possível demonstração de sobriedade do homem viril. Uma atitude paterna em que o filho aprenderia a viver no mundo. Entretanto, segundo o discurso produzido por Clodoaldo Freitas em suas obras ficcionais, a educação paterna seria essencial para formar os filhos nas lutas da vida, com os corações edificadas, capazes de trilhar diretamente a senda áspera da virtude, por si mesmos, independentemente dos sonoros sermões dos áridos moralistas.<sup>298</sup> O literato defende um novo modelo de pai que valorizava os filhos, que são os frutos a ser construídos pelos novos valores viris.

Na modernidade, a transformação da ideia de paternidade significaria não mais ausência, mas presença. No Brasil, os literatos usam a escrita para evidenciar um novo modelo de paternidade caracterizado pela forma do amor pelos filhos<sup>299</sup>, que denotava uma preocupação masculina com o futuro da pátria, principalmente com o advento da República no final do século XIX.

Priore<sup>300</sup> diz que um dos elementos que ajudaram essa transformação dos sentimentos masculinos foi a urbanização, que possibilitou à sociedade, principalmente à elite, apropriar-se de novos significados para o corpo civilizado ao afastar-se do rural, do sujo e do incivilizado.

Para Freire<sup>301</sup>, a transição rural/urbano foi crucial para inserir na sociedade novos valores modernos que distanciavam os bons pais que cuidavam da ordem familiar, dos maus pais que não se preocupavam com a família. Trata-se de uma face do declínio da paternidade tradicional para ascender a uma paternidade moderna ligada ao cuidado dos filhos.

Clodoaldo Freitas, no final do século XIX e início do XX, através do seu romance *O Palácio das Lágrimas*, consegue representar a figura do mau pai no personagem Jerônimo de Pádua, cujos filhos bastardos com a sua amásia Clemência são enviados para a Europa com o objetivo de estudar. Porém, este mau pai não providenciaria a carta de alforria nem para a amásia, nem para seus filhos, o que ocasiona a destruição familiar porque, com o assassinato de Jerônimo de Pádua, pessoas próximas do comerciante se apropriam de sua riqueza e

---

<sup>297</sup> FREITAS, 2008, p. 11.

<sup>298</sup> FREITAS, 2008, p. 8.

<sup>299</sup> PRIORE, 2013.

<sup>300</sup> PRIORE, 2013.

<sup>301</sup> FREIRE, Gilberto apud DEL PRIORE, Mary. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p.153-184.

maltratam seus filhos bastardos, que por lei são considerados escravos. E logo estes se suicidam diante das injustiças da escravidão.<sup>302</sup>

Nesta conjuntura, procura-se desfazer a imagem de pai autoritário ao entrar em cena a figura do pai afetuoso, cuidadoso e atencioso. Uma vez que se constituía um dever desse pai moderno educar e instruir seus filhos para as funções públicas.<sup>303</sup>

Clodoaldo Freitas através do conto *Os Primos*<sup>304</sup> consegue construir a imagem do bom pai. A narrativa conta a história de Miloca, que não quer se casar com Lívio, mas com o Mendes. Manduca, seu pai, quer saber por que sua filha teria escolhido um noivo sem seu consentimento. Miloca diz que, casando com Lívio, seria infeliz e teria que acusar o pai, mas ao casar-se com o Mendes, se fosse infeliz, iria se acusar. A mulher diz que seria um tormento ter que acusar o pai de suas desgraças no casamento.<sup>305</sup>

Diante da contrariedade da filha, Manduca fala sobre a sua autoridade e sua responsabilidade de pai.<sup>306</sup> Diz que, no tempo de seus avós, a mulher não tinha como escolher seu marido, pois ela nem o via até dia do casamento, e insiste no seu casamento com Lívio para lhe assegurar a felicidade.<sup>307</sup> Clodoaldo Freitas mostra que a mulher começava a ter independência com relação à escolha do marido, porque o sentimento paterno começa a ser modificado com a modernidade.<sup>308</sup>

Outro exemplo de pai moderno está no conto *O Sonâmbulo*<sup>309</sup>, no qual a mãe de Alcina, d. Áquida, evoca a proteção paterna no comendador Castro ao dizer que é dever dos pais

---

<sup>302</sup> FREITAS, 2010A.

<sup>303</sup> CASTELO BRANCO, 2012.

<sup>304</sup> O conto *Os Primos* foi originalmente publicado em forma de folhetim no periódico *Jornal de Notícias*, em Teresina, de novembro a dezembro de 1917, entre os números 1 ao 6, com o pseudônimo C.F. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 423-424.

<sup>305</sup> FREITAS, Clodoaldo. Os primos. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 160.

<sup>306</sup> FREITAS, 2009C, p. 159.

<sup>307</sup> FREITAS, 2009C, p. 160.

<sup>308</sup> Miloca revela que acha seu primo Lívio um bom rapaz, porém considera uma imensa desgraça casar-se com ele, já que tem uma repugnância pelo moço. Então, Manduca conhecedor do coração das mulheres deixou passar alguns dias para convidar a família para irem passar um mês em Campo Maior. Na cidade, D. Laurinda começa a discutir com Manduca sobre o confessionário e o homem ao ver seu orgulho viril ferido, pede o divórcio. Lívio intercede em favor da responsabilidade de pai de Manduca e Miloca o agradece. E é nessa oportunidade que o rapaz se declara para a moça. Os dois começam a falar em sofrimento, amor e ódio. E por consequência, o amor torna-se o centro da conversa. A mulher reconsidera sua opinião em não se casar com o primo. Enquanto isso, Lívio pensa que a moça não o ama, mas há de dominá-la pela dedicação e pela ternura.<sup>308</sup> E Manduca vê seu plano dando certo. D. Laurinda insiste que Lívio se case com Miloca, mas o rapaz diz que pode até ser amigo ou escravo da moça, mas não se casaria mais. Miloca fica pálida com a declaração. Manduca interrompe a conversa, e junta os dois abençoando-os para se casarem. Miloca e Lívio aceitam e se casam em Campo Maior.

<sup>309</sup> O conto *O Sonâmbulo* foi originalmente publicado no jornal *Diário do Maranhão*, em São Luís, ano 40 e números 10.866 a 10.870, em setembro de 1909, assinado com o pseudônimo W. Einarhdt. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 404-405).

protegerem a filha diante das agressões do marido.<sup>310</sup> Na trama, o pai consente com esse valor de proteger a filha e vai falar com Agrário, marido de Alcina.

Neste momento, o homem moderno já adere a afetividade com a valorização do papel do pai e de marido, algo que aproxima o homem de sua família não mais pela força, mas pelo amor. Saber ser afetuoso demonstrava a civilidade e a capacidade de tomar boas decisões nos assuntos familiares. Aquele que se mostra bárbaro dentro de casa se mostrará bárbaro no ambiente público e, por certo não estaria apto para algum cargo público de respeito. A casa tornava-se vigiada pela sociedade e denotava o espelho da alma masculina. Não dar escândalos demonstraria a honra que um chefe de família deveria ter ao proteger sua esposa e filhos.

Clodoaldo Freitas defende o afastamento do pai negligente ao promover um sentimento de reconciliação entre as gerações passadas e as futuras. O conto *Um segredo de família*, por exemplo, conta a história de Anastácio Dias, um jovem advogado solteiro que estava lutando para ganhar a vida. Em um dos seus dias de trabalho encontra o velho Tertuliano Neves que o envolve em uma questão familiar complicada, entre casamento e divórcio. No final, o velho Tertuliano Neves revela os segredos de família a Anastácio Dias.

A história representa uma reconciliação entre o homem moderno, Anastácio Dias e o homem tradicional, o velho Tertuliano Neves<sup>311</sup>. O moderno é evidenciado através do sentimentalismo dos homens quando Tertuliano Neves revela ser pai de Anastácio Dias e os dois até o fim da história caem em um choro descontrolado.<sup>312</sup> Nesta literatura têm visibilidade novas sensibilidades incorporadas ao papel do pai.

Assim, a literatura de Clodoaldo Freitas registra mudanças nítidas no comportamento masculino. Como o autor concebe a escrita como mecanismo de intervenção, podemos argumentar que este defende uma forma de paternidade atravessada pelo afeto. O afeto como uma característica aderida ao viril formado por múltiplos valores. Este atributo viril é uma virtude que rompe com práticas tradicionais de paternidade.

---

<sup>310</sup> FREITAS, Clodoaldo. O sonâmbulo. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 111.

<sup>311</sup> FREITAS, 2009C.

<sup>312</sup> FREITAS, 2009C.

#### 4. MASCULINIDADES E ATRIBUTOS VIRIS

As práticas dominantes moldam o viril, segundo padrões sociais impostos, experimentados e evidenciados em certa cultura, transformando o cultural e natural.<sup>313</sup> A sociedade representa os modelos viris no ambiente privado como no público. Para reproduzi-los, ela vigia, pune e controla o corpo. Em outras palavras, surge uma violência simbólica que se manifesta no corpo, com o objetivo de produzir as virtudes da virilidade e mediar as relações de gênero.

Segundo Jablonka, os intelectuais buscavam inculcar nos meninos desde a sua tenra idade as normas sociais, afastando-os do corpo feminino e aproximando-os do ideal viril.<sup>314</sup> Trata-se de uma lógica da dominação, que exerce influência no coletivo como um “princípio conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado”<sup>315</sup>, o que leva a uma inculcação do código viril. Neste sentido, argumentamos que a literatura de Clodoaldo Freitas atua na produção de ideais de virilidade.

No século XIX, a virilidade diz respeito a um sistema de qualidades construídas pela sociedade em prol de um homem ideal, pois o viril não é simplesmente o homem.<sup>316</sup> Ele é um conjunto de virtudes classificadas, ordenadas e impostas ao másculo cujos princípios de comportamentos no Ocidente designam as qualidades de um homem concluído, dito outramente, o mais perfeito dos masculinos.<sup>317</sup> O que permite ao discurso dominante hierarquizar os homens, a partir dos modelos com o intuito de diferenciar o ideal do outro, da margem.

Um mesmo homem, quando classificado a partir do ideal viril, o atingia em partes, visto simultaneamente como viril e não viril. Quando considerados os padrões viris, os padres, por exemplo, possuem uma virilidade percebida como problemática por recusarem desde os primórdios da religião católica a se compararem com o homem carnal, mundano<sup>318</sup>, em que a

---

<sup>313</sup> BADINTER, 1993.

<sup>314</sup> JABLONKA, Ivan. A infância ou a “viagem rumo a virilidade”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

<sup>315</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p.4.

<sup>316</sup> VIGARELLO, George. A virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

<sup>317</sup> Ibid.

<sup>318</sup> AIRIAU, Paul. A virilidade do padre católica: certa ou problemática? In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.



separação com o mundo requeria uma separação plena do ideal viril, já que estes seriam intermediários do divino e estariam classificados entre os homens e os anjos.<sup>319</sup>

Além disso, também podem surgir mulheres viris que comandam a sociedade de maneira velada, provocando as resistências ao sistema de dominação masculina. Por exemplo, Joana D'Arc (1412-1431) foi uma mulher que “ousou agir no sentido contrário aos padrões de comportamento vigentes”.<sup>320</sup> Uma mulher que se alistou no exército francês para combater a Inglaterra, onde cortou os cabelos e vestiu-se de homem, e ainda conseguiu comandar as tropas francesas. Como consequência, foi acusada de heresia e condenada à fogueira por causa de suas revelações sobrenaturais. Um nítido modelo que se encaixou no sistema normativo para resistir às normas sociais impostas.

Outro exemplo de modelo de mulher que se encaixa no modelo viril é Jovita Feitosa. A cearense durante a Guerra do Paraguai conseguiu no ano de 1865 alistar-se no 2º Corpo de Voluntários do Piauí, onde se apresentou vestida de homem e com os cabelos cortados.<sup>321</sup> Apesar de ser descoberta, entrou nas forças armadas por ser considerada um símbolo patriótico, principalmente na imprensa, onde sua imagem buscou incentivar os homens a se alistarem, para defender a pátria, um dever dos homens, que deveriam ir para guerra.<sup>322</sup>

Para Clodoaldo Freitas, a virilidade é uma virtude, algo almejado e agregado ao homem verdadeiro. Para o autor, a razão, a polidez, a violência e o patriotismo inscrevem-se como atributos viris.

Clodoaldo Freitas apresenta homens ideais e aqueles contrários à virilidade, bem como evidencia que um mesmo homem, simultaneamente, atinge e nega padrões de virilidade. Diante disto, o literato nos mostra que a virilidade é uma criação. O fruto de uma conquista. Sendo assim, para que o homem se torne viril é necessário esforço constante para se adaptar, atingir e manter certos padrões.

Clodoaldo Freitas ainda permite abordar rupturas e continuidades, a partir dos modelos corporais, dos valores e da utilização do corpo que se transforma e também guarda o registro de sensibilidades vindas de épocas diferentes.<sup>323</sup> Em sua literatura são apresentados múltiplos

---

<sup>319</sup> DAIBERT JR. Robert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

<sup>320</sup> ANDRADE, Meiriane Oliveira. Uma donzela na Guerra: a Joana d'Arc de Luc Besson. In: *Encontro Estadual de História*, 6, 2013, Anais Eletrônicos. ANPUH/BA, 2013.

<sup>321</sup> VELOSO JUNIOR, Elton Soares; PEREIRA, Priscila Oliveira. Controvérsias de uma heroína nacional: de voluntária da Guerra do Paraguai a mito nacional. In: *Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*, 3, 2013, Anais Eletrônicos. UEMA, 2013.

<sup>322</sup> VELOSO JUNIOR, 2013.

<sup>323</sup> SANT'ANNA, Denise Bernuzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Lúcia Carmen (Org.). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001, p. 13.

corpos masculinos que se modificam ou não diante de uma situação cotidiana e tem a possibilidade ou não de chegar ao ideal viril. Corpos visíveis em sua materialidade, que concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades.<sup>324</sup>

Portanto, segundo a literatura de Clodoaldo Freitas, o viril é inscrito na alma e no corpo ao emergir em uma perspectiva histórica. Uma literatura usada como missão, para usar uma expressão de Sevsenko, com a finalidade de produzir homens viris conforme os padrões do século XIX. Para isto, explora e apresenta múltiplas masculinidades a partir da virilidade ideal, conforme os padrões Ocidentais. Assim, analisaremos, neste capítulo a relação entre masculinidades e atributos viris em sua obra.

#### 4.1 POLIDEZ E VIRILIDADE

O corpo masculino, da antiguidade até meados do século XVIII, devido às constantes guerras foi treinado com a finalidade de conquistar o outro e ser agressivo, diante da necessidade do homem de ter que tomar decisões estratégicas para vencer o adversário.<sup>325</sup> No contexto dos Estados-nações, o corpo masculino torna-se um meio para defender a sua pátria. De modo que o corpo do homem era direcionado para a guerra e deveria ser marcado por cicatrizes que demonstrariam a sua bravura em prol da ação.

Para Clodoaldo Freitas, no Piauí da segunda metade do século XIX, a imagem de seu pai, Belisário, é a de um homem corajoso que vai à guerra do Paraguai para defender a pátria, e, por consequência, mostra a sua força máscula. Algo que podemos comparar com a sua literatura ficcional, em que no romance *Memórias de um Velho*, o personagem Emílio também vai para a guerra com o objetivo de proteger os seus. Assim, guerra e virilidade encontram-se articulados em sua escrita.

O homem verdadeiro, ligado a uma virilidade fundamentada na bravura e na coragem, está disposto a morrer pela sua nação. Enquanto no homem contrário à virilidade encontramos a violência que romperia com as normas criadas e os preceitos da civilidade.

Vigarello argumenta que no período compreendido da Antiguidade até o século XVIII, o homem que não sacrificasse o seu corpo nas guerras era considerado um covarde, um homem

---

<sup>324</sup> SOARES, Lúcia Carmen. Corpo, conhecimento e educação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001, p. 109.

<sup>325</sup> VIGARELLO, 2013, p. 11-16.

mole.<sup>326</sup> A necessidade de um contingente de homens para as batalhas demandava homens destemidos. Seus opositos eram aqueles homens considerados como portadores de atributos femininos, já que preferiam ficar em casa a ir ao campo de batalha. Tratava-se de homens frouxos que deveriam ser afastados da sociedade, considerados indesejados, puníveis e desprezados. Uma margem do ideal viril.

Entretanto, os homens que voltavam da guerra também tornavam-se um problema para a sociedade, porque promoviam a desordem social ao frequentarem prostíbulos e viver em algazarra nos espaços de sociabilidades masculinas.<sup>327</sup> Ademais estes soldados vistos como um símbolo do corpo másculo, ideal em seu apogeu viril, começavam a menosprezar o corpo do outro, ou seja, aquele que não tinha ido para a guerra. Até mesmo o corpo do homem da elite era rejeitado em comparação a esse corpo ideal. Com isso, a elite intelectual, tanto a europeia como a brasileira, começam a construir um novo ideal de virilidade através do discurso dominante, ou seja, o ideal civilizado.

A elite europeia, a partir do século XVIII, inventa um novo ideal viril que saberia conviver com as mudanças da modernidade.<sup>328</sup> Agora, o homem tem o dever de ser polido ou buscar a polidez e ser civilizado, já que a nova conjuntura social requeria homens aptos a viver na cidade. No contexto, segundo Bertaud, os militares também constroem o seu discurso para retirar a imagem de um homem bárbaro e desordeiro, de modo a inventar um corpo disciplinado, pronto para proteger a pátria.<sup>329</sup>

No século XIX e no início do século XX, as práticas viris primavam pelo pudor, pela gentileza e pela cortesia. O verdadeiro homem não poderia exercer a violência contra si ou contra o outro indiscriminadamente. Saber controlar o impulso violento diante das situações da vida era atributo do homem viril. Com isso, o homem perde em força física e sobrepõe-se pela força intelectual.

Na literatura de Clodoaldo Freitas, percebemos homens viris que não se privilegiam do porte físico, mas do debate. O embate físico é substituído pelo embate de ideias. Em seus contos e romances, o homem verdadeiro vence a discussão através de argumentos filosóficos, desde os assuntos cotidianos até os mais complexos como o amor.

A força, a coragem, o embate físico, contudo, permanecem, especialmente na defesa da honra. Em outras palavras, a polidez não excluía a força e a bravura, apenas as abrandava. São

---

<sup>326</sup> VIGARELLO, 2013, p. 11-16.

<sup>327</sup> BERTAUD, 2013, p. 195-248.

<sup>328</sup> BERTAUD, 2013, p. 195-248.

<sup>329</sup> BERTAUD, 2013, p. 195-248.

também vistos como apanágio dos agentes do Estado ao tornar-se uma força necessária para manter a ordem, como a polícia, tal qual aparece na literatura de Clodoaldo Freitas.

No conto *A Besta Humana*<sup>330</sup>, Bernardinho é descrito como um homem brutal de alta estatura tendo o “rosto cheio, arredondado, coberto de barba negra hirsuta”<sup>331</sup>, que era pouco acessível.<sup>332</sup> Um devoto, desconfiado e retraído que frequentava diariamente as igrejas e confessava-se todos os meses.<sup>333</sup>

Em uma parte da história, Bernardinho deseja educar seus filhos “destinando-os ao alto futuro das mais nobilitantes profissões liberais”.<sup>334</sup> Pediu conselho de seus parentes no Ceará que lhe indicaram Etelvina, “uma moça diplomada pela Escola Normal de Fortaleza”<sup>335</sup>, para ir do Ceará para Parnaíba. Após um ano Bernardinho se apaixona por Etelvina, uma “senhora de trinta anos, magra, amorenada e feia, tinha, entretanto, dons intelectuais e morais que a tornaram mais atraente e simpática”<sup>336</sup>, de maneira que Bernardinho passou a desejá-la.

Em uma conversa entre os dois, Bernardinho diz estar apaixonado por Etelvina. A moça rebate dizendo que ele é casado. Então, o personagem diz que irá matar sua mulher se for preciso, além de estar disposto a deixar seus filhos pelo amor de Etelvina. Então, dá o prazo de quatro dias para a moça se decidir se será sua amante ou não.

Etelvina resiste, Bernardinho pega o rifle e desfere três tiros na moça. Bernardinho abraça-se ao cadáver e satisfaz seus desejos eróticos, diante da paixão imensa e desordenada.<sup>337</sup> A polícia, como o poder interventor, chega e prende o homem. Neste sentido, Clodoaldo Freitas defende a polidez na relação entre os sexos.<sup>338</sup>

---

<sup>330</sup> O conto *A Besta Humana* foi originalmente publicado nos *Escritos de Clodoaldo Freitas*, em São Luís, em abril de 1908. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 394.

<sup>331</sup> FREITAS, 2009C.

<sup>332</sup> FREITAS, 2009C, p. 45.

<sup>333</sup> FREITAS, 2009C, p. 45.

<sup>334</sup> FREITAS, 2009C, p. 45.

<sup>335</sup> FREITAS, 2009C, p. 45.

<sup>336</sup> FREITAS, 2009C, p. 45.

<sup>337</sup> FREITAS, 2009C, p. 55.

<sup>338</sup> No conto *A Besta Humana*, Bernardinho casou-se cedo, como era de costume no Ceará, e veio para Parnaíba com a mulher e seus dois filhos na maior indigência. No Piauí prospera em seus negócios, por ser um comerciante “econômico, pontual em suas transações, timbrando em não dever nada e ter o menor número de devedores”. Em uma parte da história, Bernardinho deseja educar seus filhos “destinando-os ao alto futuro das mais nobilitantes profissões liberais”. Pediu conselho de seus parentes no Ceará que lhe indicaram Etelvina, “uma moça diplomada pela Escola Normal de Fortaleza”, para ir do Ceará para Parnaíba. Após um ano Bernardinho se apaixona por Etelvina, uma “senhora de trinta anos, magra, amorenada e feia, tinha, entretanto, dons intelectuais e morais que a tornaram mais atraente e simpática”, de maneira que Bernardinho passou a desejá-la. Em uma conversa entre os dois, Bernardinho diz estar apaixonado por Etelvina. A moça rebate dizendo que ele é casado. Então, o personagem diz que irá matar sua mulher se for preciso, além de estar disposto a deixar seus filhos pelo amor de Etelvina. Então, dá o prazo de quatro dias para a moça se decidir se será sua amante ou não. Etelvina procura ajuda com d. Virgolina, mulher de Bernardinho, e ela busca um meio de avisar ao coronel Augusto Borges. Mas Bernardinho vigiava a casa toda, não permitia nem a fuga nem o envio da carta. A cada dia o homem ficava mais assomado, e vigiava noite e dia a casa para que Etelvina não fugisse. No dia acertado, Etelvina se preparou-se para lutar com

Quanto à violência consentida, apesar de ser minimizada pelos manuais de bom comportamento do corpo civilizado masculino, era aceita em alguns casos para se manter o controle social e familiar.<sup>339</sup> Guillet relata em seus estudos sobre o duelo no século XIX, que a defesa da honra masculina ou familiar pela arma ainda era consentida pela sociedade. Na França, o homem viril mostraria ser másculo ao ir duelar. Mesmo morto ou tendo perdido a disputa, era reconhecido pelo outro como um homem verdadeiro.<sup>340</sup>

A honra máscula sobrepunha-se à civilidade, na qual o homem traído defenderia sua honra através do duelo, um exercício de virilidade praticado em nome do orgulho masculino. Conforme foi destacado no romance *Memórias de um Velho*<sup>341</sup>, Emílio e Josefina se envolvem em uma relação ilícita e são descobertos. Jorge, marido de Josefina, os flagra e chama Emílio para um duelo. Os dois lutam e Jorge acaba sendo morto por Emílio. Existe um exercício da virilidade, pois os dois homens mostram-se másculos ao duelar para evidenciar o mais forte.

Entretanto, nos séculos XVIII e XIX há mudanças na formação das masculinidades ao se desvalorizar o combate corpo a corpo para se evidenciar o combate com as palavras.<sup>342</sup> De forma que o homem viril era instruído a trocar a brutalidade pela civilidade.<sup>343</sup> Uma civilidade, segundo Elias, construída de forma lenta e laboriosamente adquirida pela sociedade como um todo, a partir do discurso cortês que era fundamentado nos manuais religiosos que serviam como norma vigente.<sup>344</sup>

Le Gall diz que o discurso religioso promoveu uma virilidade alternativa, a dos padres, os quais inventam o sentimento aderido à masculinidade como uma possível qualidade, apesar de os homens, de início, terem rejeitado esse valor e considerarem os padres como as mulheres.<sup>345</sup> Entretanto, o que era tido como um comportamento não-viril adotado pelo padre, a partir do século XVII e XIX, passa a ser um sentimento que se evidencia no discurso dos

---

honra a tremenda crise. Então, Bernardinho busca forçar Etelvina, mas ela o repele. Bernardinho usa a força para beijá-la, enquanto que D. Virgolina pede para a moça ceder. Porém, Etelvina luta furiosamente com o homem, afirmando para d. Virgolina que nunca se deixaria ser desonrada. Etelvina resiste, Bernardinho pega o rifle e desfere três tiros na moça. Bernardinho abraça-se ao cadáver e satisfaz seus desejos eróticos, diante da paixão imensa e desordenada. A polícia, como o poder interventor, chega e prende o homem. Neste sentido, Clodoaldo Freitas defende a polidez na relação entre os sexos.

<sup>339</sup> CASTELO BRANCO, 2012, p. 188.

<sup>340</sup> GUILLET, François. O duelo e a defesa da honra viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 97-152.

<sup>341</sup> FREITAS, 2008.

<sup>342</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>343</sup> GUILLET, 2013, p. 97-152.

<sup>344</sup> ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, v. 1, 1994.

<sup>345</sup> LE GALL, Jean-Marie. A virilidade dos clérigos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

intelectuais, a ponto destes novos valores serem percebidos como uma contribuição do clero para o homem comum.<sup>346</sup>

Neste contexto, os corpos dos padres reinventaram o corpo viril ao diferenciá-lo do homem mundano ao passo que promoviam um decoro corporal.<sup>347</sup> Por outro lado, a corte também conseguiu contribuir para este novo valor, já que se acrescentam etiquetas, bem como cultivam se posturas e flexibilização dos corpos, ao reforçar a questão da aparência.<sup>348</sup> Uma aparência do homem cortês, que deveria marcar o seu corpo e aliar-se com sua mente.

Clodoaldo Freitas, em sua literatura, mostra a necessidade do homem tornar-se polido através da racionalidade. No conto *As Taras*<sup>349</sup>, Armênio é criado para representar um homem cortês, o qual na infância era inteligente e aplicado, descrito como um rapaz “alvo, delicado, de pequeno bigode preto, maneiroso e simpático”.<sup>350</sup> Um homem polido que primava pela ordem social no seu corpo e sabia discursar sobre qualquer tema proposto. De forma que Clodoaldo Freitas admite em seus personagens as características modernas, ao valorizar o autocontrole, a segurança e a educação.

Feitosa conta a história de sua vida e Armênio fica assustado, mas diz não condená-lo.<sup>351</sup> Então, os dois se separam novamente. Feitosa, após um tempo, envia uma carta ao amigo dizendo que decidiu fazer família, e que se casou novamente. E Armênio diz consigo: “E não

---

<sup>346</sup> LE GALL, 2013, p. 242-263.

<sup>347</sup> ELIAS, 1994.

<sup>348</sup> VIGARELLO, 2013, p. 56.

<sup>349</sup> O conto *As Taras* foi originalmente escrito na revista *Literacultura*, ano 1, n. 6, em junho de 1912. Cf.: QUEIROZ, 2009, p.103-114.

<sup>350</sup> FREITAS, Clodoaldo. *As taras*. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C.

<sup>351</sup> O conto conta a história de dois amigos de colégio inseparáveis que eram internos no Colégio de Nossa Senhora das Dores. Nas aulas, Feitosa fazia sempre a pior figura e nos atos que dependiam de força e coragem, tinha a primazia. Os dois deixam o colégio e só se reencontram vinte anos depois à sombra das ingazeiras do Buriti da Cruz, ao meio dia do 17 de setembro de 1896. Armênio, então doutor, descansava de uma viagem de Teresina para Valença, reconhece o amigo Feitosa e vai conversar com ele. Os dois começam a conversar sobre a juventude e logo após começam a falar sobre religiosidade. Armênio se mostra mais racional, enquanto Feitosa se revela devoto e supersticioso. Os dois amigos continuam a conversar até que Feitosa decide revelar seus segredos ao amigo durante o almoço. Feitosa diz que não está com fome, mais comeu com o “apetite de dois dias de jejum”. Com isso, Armênio começa a estudar a natureza humana através de Feitosa. Feitosa começa a confessar suas taras ao amigo. A primeira é com um amigo da escola, o Bentinho que fora sua primeira paixão, tendo como segredo o seu martírio. A segunda tara é com sua irmã, Mimi. Feitosa conta que apaixonou-se por Mimi, depois do colégio, a engravidou e ela abortou, o que custou a vida da pobre moça, além da sua mãe, que também morreu ao saber do infortúnio. A terceira tara é com a mulher do irmão, após a morte de Mimi e com o caso silenciado. Feitosa conta que foi morar com seu irmão Chiquinho e apaixonou-se por Paulina, mulher de seu irmão. Seu irmão começa a desconfiar e não saía mais de casa, então, diante de seus desejos insaciados decide junto com Paulina envenenar Chiquinho. Um ano depois Feitosa casava com Paulina. Porém, esta começa a se relacionar com um jovem, Lúcio. Uma escrava de Feitosa, a mesma que assistiu ao aborto de Mimi, fala da traição de Paulina. O homem, então, decide fingir que vai viajar e esconder-se. Feitosa com um punhal na mão flagra Paulina com Lúcio aos beijos. O homem mata Lúcio e logo após envenena Paulina como uma forma de se vingar e vingar seu irmão.

cogita na prole criminosa que vai formar”.<sup>352</sup> Desta forma, Clodoaldo Freitas evidencia a contradição de um homem polido, Armênio, e um homem degenerado em suas atitudes, Feitosa.

Com isso, a postura polida desenvolvida desde a Idade Média e apropriada pela sociedade até o século XX, interfere na produção das virilidades. Clodoaldo Freitas, através de sua literatura, defende a polidez e a continuidade do processo civilizador<sup>353</sup>, o qual promove no decorrer dos séculos uma transformação do indivíduo no Ocidente, onde as posturas, os gestos, as vestimentas e as expressões faciais evidenciavam o caráter do homem interior. Os indivíduos polidos eram produtos de um elenco de formas de comportamentos e emoções na vida da própria sociedade, que requeriam controles externos.<sup>354</sup>

Contudo, a literatura de Clodoaldo Freitas no final do século XIX e início do XX, consegue se apropriar deste discurso normatizador e civilizado para repassar essas sanções aos seus leitores. Através dos exemplos, o literato atualiza os valores viris em sua escrita e de forma nítida evidencia os contramodelos.

#### 4.1.1 Amizade entre os homens

A amizade entre os homens se caracteriza como uma virtude do homem polido. A amizade e a troca de vivências eram comuns entre os homens, os quais se consideravam iguais.<sup>355</sup> Nesta perspectiva, para se pensar a amizade é necessário analisar as emoções a partir de um viés histórico para se perceber as maneiras distintas de conceituar, vivenciar e comunicar estados emocionais afetivos<sup>356</sup>, além de ser um mecanismo de ligação com o outro para estabelecer redes de influências e laços de resistência ao ampliar os espaços de sociabilidades.<sup>357</sup> O homem poderia ser amigo de qualquer um? Que tipo de homem serviria para ser companheiro e confidente?

Clodoaldo Freitas evidencia o padrão de amizade à ser seguido pelo homem viril, posto que este deveria ter apenas amigos homens, já que um igual saberia entender as fraquezas sexuais do outro. Brown argumenta que o discurso filosófico da Antiguidade colocava um

---

<sup>352</sup> FREITAS, 2009C, p. 114.

<sup>353</sup> ELIAS, 1994.

<sup>354</sup> ELIAS, 1994, p. 75.

<sup>355</sup> BROWN, Peter. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1990.

<sup>356</sup> REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. Antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. Resenha de: AURELIANO, Waleska de Araújo. *Ilha*, v. 15, n. 2, p. 373-380, jul./dez 2013, p. 374.

<sup>357</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. Entre o sonho e vigília: o tema da amizade na escrita modernista. In: *Simpósio Nacional de História*, 23, 2005, Londrina. Anais Eletrônicos. ANPUH/ Londrina, 2005.

homem como um ser perfeito e por isso deveria viver apenas com outro ser perfeito, ou seja, outro homem.<sup>358</sup> Já a mulher, percebida como um homem deformado, só serviria para a reprodução.

De sorte que a amizade masculina pode ser vista como um valor do cavalheiro, a partir da complementariedade entre dois homens que traz a ideia de uma cumplicidade entre membros do mesmo sexo. A modernidade trouxe à sociedade, principalmente em meados do século XIX, o hábito masculino de evidenciar em público alguns sentimentos que não prejudicavam a sua imagem viril, com ressalva em seu controle e sobriedade.<sup>359</sup>

Para Rezende, a amizade revelaria um desejo de estar com o outro, a partir do momento em que as emoções se expressariam como um anseio do indivíduo de se comunicar com o outro, sendo de maneira simultânea, subjetiva e social.<sup>360</sup> Em que essas emoções estariam ligadas ao fenômeno social, e não ao biológico, e o sentimento estaria vinculado aos contextos socioculturais e históricos particulares.<sup>361</sup>

Neste contexto, Clodoaldo Freitas exemplifica a amizade do homem viril no romance *Coisas da Vida*, através da amizade entre Netário e Plínio. Na trama, Plínio e Netário são considerados dois irmãos siameses que só andavam juntos na academia de Direito.<sup>362</sup> Uma simpatia que tem início desde o momento em que os dois se viram em uma certa aula. E que se tornou tão forte a ponto de Netário chamar Plínio para passar as férias na casa de seu pai, o comendador Herculano Cavalcante.

Na literatura de Clodoaldo Freitas, notamos também que o amor fraterno deveria ter seus limites diante das possíveis demonstrações públicas, mas que permitia certas liberdades entre homens. Ainda no romance *Coisas da Vida*, Netário pede para Plínio casar-se com sua irmã Carlota com o objetivo de que os dois continuassem próximos e depois do casamento, verdadeiros irmãos.

No entanto, Carlota rejeita casar-se com Plínio, pois este havia conversado de forma íntima com Rosina e marcando um encontro. Quando Plínio saiu descontrolado da festa em que ocorrera toda a cena, Netário busca ainda convencer Plínio a se casar com Carlota, mas ele diz que só aceita casar-se com a moça como uma prova de amizade que oferecia a Netário.<sup>363</sup> Na

---

<sup>358</sup> BROWN, 1990.

<sup>359</sup> VIGARELLO, 2013.

<sup>360</sup> REZENDE, 2013, p. 373-380.

<sup>361</sup> REZENDE, 2013, p. 373-380.

<sup>362</sup> BROWN, 1990, p. 69.

<sup>363</sup> FREITAS, 2009B.



trama, Plínio desonra a irmã de Netário, Carlota, a qual morre em consequência de seu ato ilícito.

Por isto, a amizade era um sentimento masculino tradicional com continuidade no moderno através dos novos sentimentos aderidos à virilidade. Entretanto, para Clodoaldo Freitas a amizade é um sentimento que requeria cuidados, porque o homem poderia trazer um inimigo com aparência de amigo para dentro do ambiente familiar, tendo a desonra como possível consequência.

#### 4.2 VIRILIDADE E OS PADRES

Clodoaldo Freitas foi um intelectual anticlerical contrário a alguns dogmas católicos considerados supersticiosos, em prol da ordem social e da racionalização do culto, ao tornar-se um combatente dos valores tradicionais com o intuito de beneficiar os novos valores a serem implantados na sociedade, além de reagir contra a influência sociopolítica do clero sobre a sociedade. De modo que o literato procurava promover em seus textos uma separação entre Estado e Igreja católica.

Clodoaldo Freitas era um dos intelectuais brasileiros que incentivavam a produção ideológica anticlerical, cujo viés se alicerçou no racionalismo, no liberalismo e na quebra do sentimento religioso na sociedade. Um movimento intelectual que produzia uma escrita com o objetivo de romper com o discurso religioso e implantar o discurso dos novos intelectuais.

A ideia de deslegitimar o clero católico do poder foi almejada a partir das teorias científicas europeias do século XIX que, por sua vez, influenciaram os brasileiros a partir da Faculdade de Recife.<sup>364</sup>

Clodoaldo Freitas teria sido influenciado em sua tendência anticlerical na Faculdade de Recife, a partir de dois fatos decisivos tanto para a sua carreira acadêmica como pública. O primeiro fato está ligado à disciplina de Direito Eclesiástico ministrada pelo professor José Joaquim Tavares Belfort, o qual afirmava que nos conventos religiosos havia imoralidades praticadas por seus membros e que infectava a sociedade através dos confessionários<sup>365</sup>, uma disciplina que teria sido somada à experiência do literato com o convívio tanto com padres

---

<sup>364</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>365</sup> QUEIROZ, 2011.

pertencentes a sua família como com padres do Seminário das Mercês, já que esta ideia anticlerical teria provocado muitas denúncias ao clero brasileiro em sua literatura.

O segundo fato a ser destacado foram os escritos de Clodoaldo Freitas que causaram polêmicas literárias entre os intelectuais católicos e anticlericais do século XIX e provocaram sua ascensão diante dos outros literatos, posto que suas principais disputas políticas se deram no campo da escrita. Uma iniciação intelectual necessária através do poder das palavras para promover novas ideias e os indivíduos.<sup>366</sup>

Um dos principais temas desenvolvidos e debatidos pelo literato foi a racionalização dos fenômenos sobrenaturais através de uma exegese bíblica fundamentada na filosofia europeia, cuja finalidade era desmascarar o catolicismo e seus erros doutrinários, uma nova visão alicerçada na razão cujo intuito era desconstruir os dogmas religiosos já apropriados pela sociedade.<sup>367</sup>

As polêmicas anticlericais que o literato se envolvia nos evidencia os conflitos entre o intelectual e os religiosos. Essas produções literárias do intelectual evidenciam de forma elucidativa as críticas sociais, sobretudo a que buscava consolidar novos comportamentos, baseados na razão e na ciência.

Clodoaldo Freitas em sua atuação jornalística acusava alguns padres de serem desonesto perante a sociedade. Em um destes casos, o literato acusa o padre Acylino B. Portella Ferreira de ser corrupto quanto as prestações de conta do pároco. O padre para se defender acusava o literato de usar a imprensa para ser seu opositor e indicava julgamentos errados que o juiz Clodoaldo Freitas havia realizado devido à sua vaidade pueril.<sup>368</sup> De modo que as acusações de Clodoaldo Freitas tomam uma dimensão social, quando a integridade do padre é colocada em dúvida.

À vista disto, as posições anticlericais de Clodoaldo Freitas refletiam em suas obras ficcionais a partir da problematização das virilidades e masculinidades. Um questionamento evidenciado nos contos *A Beata*, *O divórcio*, *Os Burgos e Sobre as águas*, além dos romances *Coisas da Vida*, *Por um sorriso e Memórias de um Velho*.

Quanto à sexualidade do padre, Clodoaldo Freitas rejeitava a ideia de que o padre era santo ou uma aproximação de anjo, intermediário entre Deus e os homens. Para o intelectual, o clérigo era um homem como os outros, com os mesmos desejos e necessidades que os homens

---

<sup>366</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>367</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>368</sup> FERREIRA, Acylino B. Portella Ferreira. Resposta ao Sr. Dr. Clodoaldo, juiz municipal de Valença. *A Época*. Teresina, 6, n. 243, p. 2-3, 10 fev. 1883, p. 2.

comuns. Porém, a diferença era a falta de atributos viris no corpo dele que o distanciava do ideal de virilidade.

A imagem do padre-anjo, segundo Daibert Jr., foi construída pelo catolicismo, tendo na castidade o ponto alto da virtude clerical ao aproximá-los do divino. Consequência do controle do corpo e da alma pela Igreja que classificava em uma escala hierárquica as posturas em relação à sexualidade.<sup>369</sup> Há, por isso, uma diferenciação moral atribuída ao clero com relação ao homem comum que marca o seu corpo, tanto no exterior como no interior.

A distinção entre o padre e o homem comum foi instituída no decorrer da história da igreja católica, a partir dos Concílios<sup>370</sup> que regulavam o corpo e o comportamento dos clérigos. Nos Concílios de Latrão, I e II foi proibido o casamento dos padres e instituído o celibato. Já o Concílio de Trento (1545- 1563), promovido pelo papa Paulo II, discutia o problema protestante como uma ameaça para a fé católica. De forma que seria necessária uma contrarreforma com o objetivo de disciplinar o clero, ao afastar as falhas morais dos padres e corrigir os erros na ministração dos sacramentos, e ainda fez os matrimônios tornarem-se públicos com a intenção de evitar que homens casados fossem ordenados como padres, de modo a acelerar o processo de moralização dos padres para valorizar a figura clerical.<sup>371</sup>

No I Concílio do Vaticano, entre os anos de 1869 a 1870, promovido pelo papa Pio IX, foi discutida a formação de uma constituição dogmática para a fé católica contra o materialismo, o liberalismo, o racionalismo e o ateísmo<sup>372</sup>, além de querer promulgar a infalibilidade papal, ou seja, o papa poderia exercer seu poder sem limites sobre o Estado.

Nisto, a Igreja percebe que, para ser reconhecida próxima ao divino, deveria reformar suas normas ao ganhar autoridade e reconhecimento perante a aristocracia e os poderes seculares. Deste modo, devia ter como objetivo principal moralizar o clero ao distanciá-lo das práticas masculinas que denotavam virilidade, a ponto de os aproximar dos anjos.<sup>373</sup>

Portela concorda que o padre celibatário foi uma construção da Igreja Católica desde o século IV, onde no Sínodo de Elvira, o celibato passou a ser uma regra jurídica, e não mais uma escolha. No século XII, o 1º Concílio de Latrão proíbe o casamento dos padres, e o de Piza

---

<sup>369</sup> DAIBERT JR, Robert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 51.

<sup>370</sup> Assembleia cristã da qual fazem parte alguns eclesiásticos, geralmente bispos e o papa, cujo objetivo é deliberar sobre fé, doutrina e disciplina eclesiástica.

<sup>371</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 63.

<sup>372</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 49-84.

<sup>373</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 49-84.

deslegitima os que já haviam sido realizados.<sup>374</sup> O autor acentua que a moral das ideias de castidade estava associada ao caráter masculino da elite, uma moral cristã que foi sendo construída a partir da ideia de castidade para fazer a obra de Deus, em que o pecado estava associado à relação sexual.<sup>375</sup>

Na teologia cristã vai sendo idealizada a sexualidade, a partir de Santo Agostinho, como um ato de procriação. E, desta maneira, a elite europeia une-se a estes princípios, e coloca o casamento como um símbolo de moralidade que afasta o indivíduo dos vícios e das perversões.<sup>376</sup>

Na sua instrução sacerdotal, o padre deveria se distanciar do mundo, e aproximar-se do sagrado, e desta forma estar entre homens e anjos.<sup>377</sup> Airiau argumenta que o padre não poderia ser considerado como um macho direcionado aos desejos carnis, pois sua educação e formação deveriam diferenciá-lo, ao passo que criaria neste corpo uma virilidade alternativa.<sup>378</sup>

Airiau acentua que o padre deveria saber se comportar na sociedade, e por isso, são criadas normas que vão normatizar o corpo do padre, desde os gestos até a vestimenta.<sup>379</sup> Além do que, no século XVI, a intenção é desvirilizar pela aparência ao se reivindicar para o padre um modelo moderado.<sup>380</sup>

No Brasil, no período colonial, segundo Vainfas era permeado pela liberalidade sexual<sup>381</sup>, não há uma ordem social, nem mesmo para os padres, os quais eram acusados em documentos do período de lascivos e de indisciplinados. Isto se dava por uma deficiência de controle da Igreja devido ao vasto território, além de haver uma demanda muito grande, e um despreparo ainda maior.<sup>382</sup>

No século XVIII se tem um controle maior do clero, através da constituição do arcebispado da Bahia, que organiza e vigia a vida dos padres brasileiros. Um meio de colocar em ordem a vida dos padres, e proteger o nome da Igreja Católica. No entanto, muitos viajantes e intelectuais escrevem e documentam a vida errante dos padres.<sup>383</sup> Os viajantes que visitavam

---

<sup>374</sup> PORTELA, Adriano. O padre (concubinato): na mira das masculinidades burguesas. In: *Revista Inventário*, 13, 17p., jul./dez. 2013, Bahia. Anais Eletrônicos. UFBA, 2013.

<sup>375</sup> PORTELA, 2013.

<sup>376</sup> PORTELA, 2013.

<sup>377</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 49-84.

<sup>378</sup> AIRIAU, 2013, p. 302-320.

<sup>379</sup> AIRIAU, 2013, p. 302.

<sup>380</sup> AIRIAU, 2013, p. 304.

<sup>381</sup> VAINFAS, Ronaldo. Casa Grande Erótica: a sexualidade na obra prima de Gilberto Freyre. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006.

<sup>382</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 49-84.

<sup>383</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 49-84.

o Brasil, percebiam no clero indisciplina e difusão das imoralidades sexuais, os quais usavam a autoridade clerical para abusar de seus fiéis, tanto homens como mulheres.<sup>384</sup>

Outra visão sobre esses padres brasileiros está na obra de Gilberto Freire *Casa Grande e Senzala*, o qual descreve o clero brasileiro com brandura. Para Freire, os clérigos no Brasil colonial se inseriam no sistema patriarcal e deixavam uma herança intelectual para os seus herdeiros. Ainda diz que a grande parte dos padres cumpriam o celibato e se destacavam pelas preocupações religiosas e pelo alto grau de instrução.<sup>385</sup>

Para o discurso do homem comum, os padres eram desvirilizados ou efeminados como um prolongamento do imaginário medieval, quando os padres tinham a imagem de um homem gordo, glutão e degenerado sexualmente.<sup>386</sup> Segundo Portela, é comum na literatura do século XIX, associar algumas práticas lascivas ao apetite gastronômico.<sup>387</sup>

Na literatura de Clodoaldo Freitas é recorrente a crítica anticlerical, onde o literato representa a figura do padre como a de um homem lascivo, glutão e imoral. No romance *Coisas da Vida*, há no frade Celestino com as características de um homem desordeiro. O frade ceou, bebeu e foi deitar-se ao lado das garrafas, para não assistir às danças consideradas divertimento secular e pagão.<sup>388</sup> E, após a festa, foi encontrado “completamente bêbado, cercado de garrafas, umas esgotadas e outras derramadas, nu, estirado em uma esteira, com quatro velas colocadas, como se usa nos defuntos”.<sup>389</sup>

Em Clodoaldo Freitas há também personagens que se aproximam dos padres, do ponto de vista do comportamento, como é o caso de Crescêncio, no romance *Coisas de uma Vida*. Crescêncio era um parente “um tanto idiota e muito entendido em devoção”<sup>390</sup>, que poderia ser comparado a uma mulher e a um padre em sua devoção.

Em uma parte da trama, Crescêncio ao fazer a liturgia da missa, mostra em seu corpo as marcas da devoção. Um homem desvirilizado, indesejado e fanático religioso com características nítidas de uma mulher. Crescêncio em um certo momento de lazer jogava a sueca com as moças da casa e tinha atitudes comparadas às de uma mulher histórica, além de ser acusado de roubar no jogo, “procurava justificar-se, jurava inocência e, não passavam alguns minutos, já era acusado de nova trapaça, sobretudo de fazer maço e ficar com todo o jogo,

<sup>384</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 49-84.

<sup>385</sup> FREYRE, Gilberto apud DAIBERT JR, Robert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 53.

<sup>386</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 71.

<sup>387</sup> PORTELA, 2013.

<sup>388</sup> FREITAS, 2009B, p. 33.

<sup>389</sup> FREITAS, 2009B, p. 42.

<sup>390</sup> FREITAS, 2009B, p. 8.

quando dava as cartas”.<sup>391</sup> Assim, também acontecia com a Carolina, do romance *Por um sorriso*, que tinha um “gênio assomado, perdia, como sempre, a calma, gritava, injuriava a si própria, chamando-se sem-vergonha porque ainda jogava e pegava as cartas e, afinal, voltava às boas quando ameaçavam expulsá-la do jogo”.<sup>392</sup>

Clodoaldo Freitas ainda critica a autoridade dos padres dentro da sociedade. No romance *Memórias de um Velho*, quando Emílio foi preso, excomungado e privado do alimento e visitado por um padre idoso, alto, corpulento, simpático, de olhar vivo e inteligente para se confessar.<sup>393</sup> Este padre fez um discurso para convencer Emílio de seu poder de ligar e desligar no céu.<sup>394</sup> Porém, o personagem contra-argumenta ao dizer que todas as religiões são falsas para quem acredita nesse absurdo, personificando Deus no padre e dando a Deus os sentimentos humanos.<sup>395</sup>

Clodoaldo Freitas ainda evidencia o poder sacerdotal na sociedade e os preconceitos religiosos acarretados pelos dogmas do catolicismo, quando descreve o confessionário como um lugar de suprema imoralidade e o padre como inimigo natural do homem viril que prejudicava a família, e principalmente, a honra feminina.<sup>396</sup>

Nas mulheres, o discurso religioso tornava-se nocivo porque promovia o fanatismo e os preconceitos sociais. Nelas estavam intrínsecas fraquezas de caráter que levavam à desonra familiar e à perda da virilidade do homem.<sup>397</sup>

Neste sentido, Clodoaldo Freitas argumenta que o principal elemento desorganizador da família era a confissão, uma vez que “a mulher que se confessa, perde a metade do pudor”.<sup>398</sup> O literato exemplifica o perigo do confessionário no romance *Memórias de um velho*, quando Emílio ao perceber que sua mulher, Guilhermina, está desprezando sua autoridade marital, a abandona, pois ela havia desobedecido o marido ao frequentar confessionário, considerado o açougue da honra. O personagem justifica a separação como exemplo para a moralidade da família, sobre a qual “corveia, crocitando o bando famélico de abutres tonsurados”.<sup>399</sup>

Portela argumenta que o padre exercia seu poder sacerdotal, e mesmo assim, continuava a ser homem.<sup>400</sup> Nisto, o confessionário era percebido como um lugar em que os padres

---

<sup>391</sup> FREITAS, 2009B, p. 9.

<sup>392</sup> FREITAS, 2009B, p. 2.

<sup>393</sup> FREITAS, 2008, p. 52.

<sup>394</sup> FREITAS, 2008, p. 54.

<sup>395</sup> FREITAS, 2008, p. 56.

<sup>396</sup> FREITAS, 2008, p. 68.

<sup>397</sup> FREITAS, 2008, p. 71.

<sup>398</sup> FREITAS, 2008, p. 71.

<sup>399</sup> FREITAS, 2008, p. 83.

<sup>400</sup> PORTELA, 2013.

assediavam os fiéis com a proposta de favores sexuais pela absolvição dos pecados cometidos. Um crime velado pelos segredos do confessor.<sup>401</sup> Conforme Robert Daibert Jr., muitos padres ainda exerciam sua virilidade no ambiente noturno nas tabernas com a intenção de brincar de homens comuns.<sup>402</sup>

Os principais documentos que acusavam os padres das perversões sexuais são obtidos pelo Tribunal do Santo Ofício, que julgou muitos casos de clérigos que praticavam as mais diversas imoralidades sexuais, desde a sodomia até as molícias. Clodoaldo Freitas, embasava sua literatura na ocorrência dessas práticas sobre a conduta do padre.

Lana Lage Lima<sup>403</sup>, por exemplo, em seus estudos sobre os padres na colônia brasileira, relata que eles praticavam o crime da solicitação, no qual influenciavam os fiéis às práticas sexuais para absolvição dos pecados, onde muitos padres acabavam ensinando o pecado, em vez de combatê-lo.<sup>404</sup> Até mesmo no adultério, onde o marido traído denunciava ao Tribunal Eclesiástico, as práticas do corpo dos padres eram reveladas.<sup>405</sup>

Clodoaldo Freitas em sua literatura critica a lascívia clerical e suas perversões no confessor. No romance *Memórias de um Velho*, um padre quer possuir Margarida, por ser padre e considera que ela deveria obediência à sua batina. Margarida, contudo, o rejeita, e o frade a prostrou e a subjugou e satisfaria nela sua lascívia brutal<sup>406</sup>, se Emílio não tivesse interrompido. O padre vendo-se coagido e sem alternativas foge e convence a população que Emílio queria assaltá-lo. Emílio é preso e passa pelo preconceito religioso ao ser excomungado, e vê-se tratado como um animal, onde o excomungado era um corpo a ser distanciado e rejeitado.<sup>407</sup>

Para Clodoaldo Freitas, o sentimento religioso é primitivo e atua na alma humana absorvendo o direito e a moral, já que a religião se exila nas classes ignorantes.<sup>408</sup> A mulher, por exemplo, não quer sair da igreja porque não têm “cultura suficiente para elevar-se acima das superstições grosseiras”<sup>409</sup> Assim, para o intelectual, a religião leva ao fanatismo e um povo ligado à religiosidade está fadado ao fracasso.

---

<sup>401</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 49-84.

<sup>402</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 71.

<sup>403</sup> LIMA, Lana Lage apud DAIBERT JR, Robert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

<sup>404</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 74.

<sup>405</sup> DAIBERT JR., 2013, p. 49-84.

<sup>406</sup> FREITAS, 2008, p. 50.

<sup>407</sup> FREITAS, 2008, p. 59.

<sup>408</sup> FREITAS, 1996, p. 35.

<sup>409</sup> FREITAS, 1996, p. 36.

Na crônica, *Os Bandos Precatórios*<sup>410</sup>, o literato afirma ser perigoso aos princípios rudimentares da higiene e do bom senso que mulheres e crianças façam uma exibição idiota pelas ruas, como se não lhes bastassem a devoção nas igrejas e a devoção nas próprias casas.<sup>411</sup> Clodoaldo Freitas diz que este movimento popular seria perigoso à saúde, devido à epidemia de varíola, além de advertir sobre a necessidade de higiene e dos cuidados médicos mais do que das procissões, posto que deveria haver um limite para as liberdades religiosas, em prol das conveniências do bem público.<sup>412</sup>

Quanto ao convento, Clodoaldo Freitas afirma que por debaixo do claustro do convento e de toda a devoção há um coração abrasado por desejos insaciados, próprios da natureza humana.<sup>413</sup> E que no convento “há o convívio sublime da vida material com a espiritual, da devoção com a digestão, da carne com o vinho, da mesa com a cama, da graça com o pecado”.<sup>414</sup> Para o literato, o convento é um antro de perdição, uma invenção sem utilidade pública e um lugar onde há centenas de homens que fazem votos de pobreza, e não concorrem para o aumento da riqueza pública e nem para a perpetuação da espécie.<sup>415</sup>

No romance *Memórias de um Velho*, Clodoaldo Freitas demonstra que no seminário há uma mistura entre o sagrado e o profano. Na trama, Emílio diz que no seminário tem uma vida mundana<sup>416</sup>, o qual teria contato com livros profanos, que alguns colegas conseguiram inserir em contrabando nos estudos.<sup>417</sup> Assim, Clodoaldo Freitas procura, em sua literatura, denunciar padres corruptos, como fazia na realidade.

### 4.3 PÁTRIA E VIRILIDADE

A pátria é um lugar geográfico que engloba às atividades históricas de um país com os indivíduos para formar uma identidade, um sentimento de pertencimento. Um lugar físico com vínculos ideológicos que auxiliam na compreensão da organização sociopolítica de uma nação,

---

<sup>410</sup> FREITAS, Clodoaldo. Os bandos precatórios. In: \_\_\_\_\_ *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

<sup>411</sup> FREITAS, 1996, p. 87.

<sup>412</sup> FREITAS, 1996, p. 89.

<sup>413</sup> FREITAS, 1996, p. 27.

<sup>414</sup> FREITAS, 1996, p. 27.

<sup>415</sup> FREITAS, 1996, p. 28.

<sup>416</sup> FREITAS, 2008, p. 10.

<sup>417</sup> FREITAS, 2008, p. 11.



além de gerar um amor evidenciado no sacrifício pela terra em que se vive, ou seja, o patriotismo.<sup>418</sup>

Cartoga argumenta que o patriotismo seria a “fidelidade a uma terra e a um grupo humano identificado por uma herança em comum, real ou fictícia”<sup>419</sup>, onde existe uma carga emotiva unindo o propósito da nação, de modo que envolve honra e coragem. Neste sentido, a noção de pátria explicita aspirações políticas e históricas cuja função é enraizar, filiar e criar identidades, a ponto de levar a um sentimento de pertencimento comum.

Para Clodoaldo Freitas, a pátria seria o lugar da formação do homem viril, posto que para existir uma nação bem estruturada são necessários homens capazes para governar e organizar a sociedade, os quais possuiriam qualidades viris para direcionar suas forças físicas e intelectuais, com a finalidade de unificar e promover o progresso econômico e social através da política.

Neste contexto, Clodoaldo Freitas acentua que o verdadeiro patriota é corajoso e, se preciso for, usa a força para defender seus ideais, além de saber lutar e morrer por seus ideais nacionalistas, por haver amor às coisas públicas e estímulos patrióticos inflexíveis dos princípios de honra à pátria.

Um homem viril que ajuda à sua nação a ser construída e consolidada através do amor ao trabalho<sup>420</sup> e, regressa a sua pátria para ajudar em seu desenvolvimento, a ponto de não se deixar deslumbrar por outros lugares porque está ligado ao sistema constituído de sua nação, onde os interesses públicos ultrapassam aos interesses pessoais.<sup>421</sup>

De sorte que para Clodoaldo Freitas a pátria é um lugar onde o homem viril deve se doar para a sua construção e o bem-estar social. Dito isto, este texto busca evidenciar alguns homens considerados patriotas por Clodoaldo Freitas em suas obras *Biografia e Crítica*<sup>422</sup> e *Vultos Piauienses – apontamentos Biográficos*<sup>423</sup>. Como o padre Antônio Viera (1608-1697), um religioso português do século XVII, que foi um político com fervor patriótico, forçado a se ordenar, apesar de suas aspirações políticas.<sup>424</sup>

---

<sup>418</sup> CATROGA, Fernando. Pátria e nação. In: *Jornada Setecentista*, 9, 2012, Paraná. Anais Eletrônicos. CEDOPE/Paraná, 2012, p. 13-34.

<sup>419</sup> CATROGA, 2012, p. 13-34.

<sup>420</sup> FREITAS, Clodoaldo. Barão de Gurguéia. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B.

<sup>421</sup> FREITAS, Clodoaldo. Um patriota piauiense. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 23.

<sup>422</sup> FREITAS, 2010B.

<sup>423</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

<sup>424</sup> FREITAS, 2010, p. 86.

No Império, segundo Clodoaldo Freitas, o exemplo de patriota é D. Pedro II, que foi o mais puro dos brasileiros e pode ser considerado como um inimitável patriota. O literato diz que no tempo da propaganda republicana foi levado pelas paixões das lutas políticas e pelos falsos supostos do momento, a ponto de criticar injustamente o Imperador e a família real.<sup>425</sup>

D. Pedro II (1825-1891) seria um exemplo de patriota porque “nada tentou contra o povo e sempre preocupou-se pelo progresso e pela devoção moral”<sup>426</sup>, ao criar e desenvolver o espírito da hegemonia brasileira e a consciência do direito.<sup>427</sup>

Shuwarcz<sup>428</sup> mostra em seus estudos sobre o Brasil imperial, que o Imperador do Brasil, após a Independência, quer construir na sociedade um sentimento de pertencimento e usa a educação neste sentido. Nesta perspectiva, o Imperador patrocinou instituições como o Instituto de História e Geografia Brasileiro (IHGB) que traz a noção de pátria ligada à paisagem geográfica com a finalidade de promover o orgulho nacional.

Lessa argumenta que a intenção do Imperador D. Pedro II era apenas unificar e garantir a preservação do patrimônio ao mapear o território, posto que o Brasil era uma nação que continuava a preservar o instituto da escravidão e a instalar uma monarquia encabeçada pelo herdeiro da Coroa Portuguesa.<sup>429</sup>

Lessa ainda argumenta que, apesar de haver a ideia de patriotismo como em outros países, como exemplo a França que promoveu a Revolução Francesa e construiu o sentimento nacionalista, o Brasil era impedido em sua formação nacionalista devido a três fatores: a natureza da propriedade de terra, a escravidão e a ligação entre o Estado e a Igreja.

Todavia, no pensamento de Clodoaldo Freitas, a República deveria se espelhar no Imperador para “guiar seus passos e modelar sua conduta”.<sup>430</sup> Já que este atentou para os “problemas governamentais e o estudo paciente da ciência, e sobretudo, da história pátria”.<sup>431</sup> Clodoaldo Freitas ainda diz que sente saudade não do Império, mas de seu Imperador.

Outro exemplo de patriota português é o Marques de Pombal. Ele foi um patriota benemérito que trouxe medidas para o governo que eram ditadas por um elevado sentimento de patriotismo. Reformou a cidade de Lisboa após um terremoto que assolou Portugal, além de construir a educação com novos estatutos próprios às ciências e às letras pátrias.<sup>432</sup> E ainda

---

<sup>425</sup> FREITAS, 1996, p. 95.

<sup>426</sup> FREITAS, 1996, p. 95.

<sup>427</sup> FREITAS, 1996, p. 95.

<sup>428</sup> SHUWARCZ, 1993.

<sup>429</sup> LESSA, 2008, p. 238.

<sup>430</sup> FREITAS, 1996, p. 95.

<sup>431</sup> FREITAS, 1996, p. 96.

<sup>432</sup> FREITAS, 1996, p. 99.

consertou as finanças do reino. Portugal, segundo Clodoaldo Freitas, é obra de Marquês de Pombal devido ao seu “enorme esforço pessoal, à sua capacidade de estadista, ao seu acendrado patriotismo”.<sup>433</sup>

Outro exemplo nítido de um homem da pátria é Gonçalves Dias (1823-1864). Este intelectual era natural de Caxias (Maranhão), foi poeta, advogado, jornalista, etnógrafo e teatrólogo brasileiro. O poeta estava ligado à construção da nacionalidade brasileira no período imperial. Uma vez que realizou pesquisas na Europa, no ano de 1854, com o objetivo de “colher nas bibliotecas e arquivos de Portugal e Espanha documentos para a nossa história”<sup>434</sup>, além de viajar ao norte do país para pesquisar sobre os costumes do povo. Gonçalves Dias ainda foi incentivado pelo Imperador para publicar o livro de poesias: *Primeiros cantos*.

Clodoaldo Freitas afirma que o poeta, com seus sentimentos patrióticos, forma a imagem de um Brasil heroico e civilizado através do indianismo, mesmo que não representasse à realidade, porque descaracterizavam o índio como selvagem, ao construir a imagem de homem polido. Ao exemplo de sua obra *I-Juca Pirama*, onde o poeta constrói a imagem de um herói corajoso que destrona o pai e vai à luta contra o inimigo até vencê-los. Uma demonstração da força do indivíduo em relação ao outro, ou mesmo a construção de um Brasil poderoso, o qual vence seus inimigos subjugando-os, ao se desvencilhar da metrópole portuguesa. O patriota cria a imagem de um herói que derrama sangue por seu país, e cria na população um sentimento de amor à pátria.<sup>435</sup>

Segundo Clodoaldo Freitas, Gonçalves Dias fantasia o selvagem, já que o selvagem na sua estupidez, “não podia despertar a poesia épica, própria para cantar o heroísmo, os grandes feitos humanos, as grandes virtudes, as grandes desgraças humanas ou as catástrofes dos impérios”.<sup>436</sup>

Clodoaldo Freitas ainda apresenta a imagem de alguns heróis da pátria, que se destacaram no cenário nacional por sua expressão política e social. Um exemplo de ilustre patriota que sofreu pela Independência do Brasil foi Leonardo de Carvalho Castelo Branco.

Um homem corajoso que trabalhou pela pátria para cumprir seus deveres de cidadão através de tremendos padecimentos físicos e morais, sem ter jamais recebido, por tudo quanto fez, a mínima recompensa.<sup>437</sup> Um mártir político que eleva a honra da pátria ao combater e

---

<sup>433</sup> FREITAS, 1996, p. 100.

<sup>434</sup> FREITAS, 2010B, p. 13.

<sup>435</sup> FREITAS, 2010B.

<sup>436</sup> FREITAS, 2010B, p. 16.

<sup>437</sup> FREITAS, 2010B, p. 103.

sofrer pela liberdade da nação e que passou parte de sua vida a trabalhar para levar à humanidade grandes obras.<sup>438</sup>

Um homem viril que lutava pela pátria, incentivava ao povo o sentimento nacionalista, promovia um levante contra o tirano déspota, além de querer libertar o povo brasileiro ao proclamar uma Constituição com a finalidade de reorganizar o país, a partir de deputados brasileiros.<sup>439</sup> Em um de seus discursos, o intelectual diz que entraria em seu país natal cheio de orgulho, nem que fosse para derramar a última gota de sangue pela pátria.<sup>440</sup>

No entanto, devido ao levante contra Portugal, o patriota é preso por suas convicções e proclamações de levar à humanidade grandes obras.<sup>441</sup> Nesta situação, Clodoaldo Freitas constrói a imagem de uma patriota viril que se sacrifica por sua nação como um dever.

O jornalista, historiador e político João Francisco Lisboa (1812-1862) também dedicou suas energias e entusiasmo ao patriotismo. Um homem considerado como o maior historiador pátrio que contribuiu para a formação do Estado-nação, onde ajudou na Revolução de 1831 contra o domínio português.<sup>442</sup> Um indivíduo com talento de escritor e elevação das ideias, afeito à justiça cujos esforços patrióticos a sociedade não reconhece.

Na Revolução de 1831, a população protestou contra o Imperador que tinha substituído o *Ministério dos brasileiros* por antigos títulos áulicos. Estes protestos encontram apoio dos intelectuais do período que dizem haver um caráter absolutista no governo imperial. João Francisco Lisboa, como patriota combatente, ajudou seu país através da palavra a ponto de sofrer ostracismo, onde defendeu as doutrinas liberais, tendo como opositor de D. Pedro II, o qual combateu contra o partido Liberal, além de perseguir os patriotas e executar um grande número destes.<sup>443</sup>

Clodoaldo Freitas descreve como um homem patriota, José de Araújo Costa (1820-1882), o qual era de família pobre e teve educação varonil, nasceu em meio à seca nordestina. Um ambiente que faz do homem capaz de altos feitos heroicos, e o torna valente e arrojado.<sup>444</sup> Tornou-se comerciante, e devido a sua honra e trabalho prosperou rapidamente.<sup>445</sup> Ele chegou às grandes posições devido ao seu esforço pessoal, ao seu caráter e à sua inteligência.<sup>446</sup>

---

<sup>438</sup> FREITAS, 2010B, p. 89.

<sup>439</sup> FREITAS, 2010B, p. 92.

<sup>440</sup> FREITAS, 2010B, p. 91.

<sup>441</sup> FREITAS, 2010B, p. 89.

<sup>442</sup> FREITAS, Clodoaldo. João Francisco Lisboa. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 49.

<sup>443</sup> FREITAS, 2010B, p. 46.

<sup>444</sup> FREITAS, 1998, p. 151.

<sup>445</sup> FREITAS, 1998, p. 152.

<sup>446</sup> FREITAS, 1998, p. 159.

Clodoaldo Freitas também apresenta políticos que mostram em suas atitudes o amor à pátria. O coronel João do Rêgo Monteiro ou Barão de Gurgueia, por exemplo, foi juiz, deputado e tenente-coronel. Viveu uma infância de privações e trabalhou com severa economia para aumentar sua fortuna.<sup>447</sup>

O Barão de Gurgueia filiou-se ao Partido Conservador e começou a influenciar a política. Um empreendedor que tinha amor pelo trabalho, o qual se confundia com o seu amor pela terra natal e com o desejo de vê-la prosperar e florescer<sup>448</sup>, com suas finanças, e incentivando os amigos a fazerem o mesmo, o Barão de Gurgueia, comprou diversas propriedades de terra numa nobre tarefa patriótica.<sup>449</sup> Apesar de ser a favor da escravidão já que grande parte de sua fortuna era formada por escravos.<sup>450</sup>

Miguel de Souza Leal Castelo Branco (1836-1887) foi um magistrado, jornalista, comerciante, funcionário público, político, publicista e historiador, que ofereceu suas finanças para fins humanitários e patrióticos.<sup>451</sup> Um homem com traços salientes da vida, e que representou um renovo de uma raça de homens ilustres pelo talento, pelo sangue, pela fortuna e pelos grandes serviços prestados à pátria.<sup>452</sup>

No entanto, segundo Clodoaldo Freitas, a figura áurea masculina que é um exemplo de patriotismo é o Desembargador José Manoel de Freitas. O ilustre piauiense era a mais elevada representação da honradez e da virtude.<sup>453</sup> Uma figura de um homem viril que era patriota a ponto de comprar briga em prol da sua nação.

O Desembargador José Manoel de Freitas foi um político influente, com aliados como o Marquês de Paranaguá. Este, na política, era um homem sincero, leal e destemido.<sup>454</sup> Apesar de ser atacado por seus adversários de forma caluniosa. Porém, Clodoaldo Freitas diz que os arroubos patrióticos da guerra do Paraguai fizeram com que se esquecesse das brigas internas.<sup>455</sup> E, quando esta acabou, a simpatia política do Desembargador José Manoel de Freitas cativou a sociedade e o fez administrador da Província pela terceira vez.<sup>456</sup>

---

<sup>447</sup> FREITAS, Clodoaldo. Barão de Gurgueia. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 64.

<sup>448</sup> FREITAS, 2010, p. 66.

<sup>449</sup> FREITAS, 2010, p. 64.

<sup>450</sup> FREITAS, 2010, p. 65.

<sup>451</sup> FREITAS, 1998, p. 145.

<sup>452</sup> FREITAS, 1998, p. 147.

<sup>453</sup> FREITAS, 1998, p. 15.

<sup>454</sup> FREITAS, 1998, p. 32.

<sup>455</sup> FREITAS, 1998, p. 35.

<sup>456</sup> FREITAS, 1998, p. 37.

Segundo Clodoaldo Freitas, quanto mais puro é o patriotismo do indivíduo mais veemente indignação contra os crimes contra a pátria.<sup>457</sup> Enfim, esta era uma personalidade ligada no serviço da pátria que se tornou um grande exemplo de amor ao trabalho, de devotamento pela pátria e de abnegação pela família.<sup>458</sup>

Outro exemplo de homem patriótico é Deolindo Mendes da Silva Moura, o qual lutou pela realização do direito e da liberdade, pugnando sempre contra todas as injustiças, verberando com ardor todas as violências. Ele tinha a beleza varonil dos atletas da palavra, e com o seu grande coração, inflamado pelo fogo do patriotismo e da glória, não padecia da eiva mesquinha das ambições do interesse.<sup>459</sup>

Quanto à guerra do Paraguai, Clodoaldo Freitas evidencia os heróis da pátria, símbolos da nacionalidade motivados pelo espírito nobre. Defensores da pátria que proporcionaram à sociedade paz e mudanças políticas devido a bravura, cujo sacrifício deu-se por ideais maiores.<sup>460</sup> O literato incita, aos sucessores destes grandes heróis pátrios, a se orgulharem de seus predecessores ilustres, a ponto de querer imitá-los em suas virtudes e patriotismo.<sup>461</sup>

Teodoro de Carvalho Castelo Branco e Silva, poeta e voluntário da Guerra do Paraguai, em um momento em que a pátria fazia apelo à coragem, ao patriotismo de todos os seus filhos.<sup>462</sup>

Outro indivíduo que mostra virilidade unido com o patriotismo, segundo Clodoaldo Freitas, é Hermínio Castelo Branco (1851-1889), vaqueiro, caçador, não era um intelectual, mas conseguiu ser um poeta popular que interpreta e estuda os usos, dizeres e costumes sertanejos. Em sua Lira sertaneja (1881) evidencia seu grande amor pelas coisas piauienses e, segundo Clodoaldo Freitas, faltou-lhe apenas estudo e a cultura para aperfeiçoar seus escritos.<sup>463</sup> Este homem pátrio ainda serviu o exército no ano de 1869, na Guerra do Paraguai, e foi condecorado por atos de bravura. Combateu seus inimigos com a tenacidade patriótica, através de lutas sangrentas na guerra em favor da pátria.

Clodoaldo Freitas também escrevia sobre as datas que marcaram o Brasil em busca por uma identidade nacional. Na crônica *Festejos Patrióticos*<sup>464</sup>, o literato descreve o 7 de setembro

---

<sup>457</sup> FREITAS, 1998, p. 38.

<sup>458</sup> FREITAS, 1998, p. 53.

<sup>459</sup> FREITAS, Clodoaldo. Deolindo Mendes da Silva Moura. In: \_\_\_\_\_ *Vultos Piauienses – Apontamentos Biográficos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 71.

<sup>460</sup> FREITAS, 1998, p. 75.

<sup>461</sup> FREITAS, 1998, p. 86.

<sup>462</sup> FREITAS, 1998, p. 102.

<sup>463</sup> FREITAS, 2010, p. 55.

<sup>464</sup> FREITAS, Clodoaldo. Festejos Patrióticos. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos Fatos*. 1. ed., Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996.

como uma celebração incentivada pelo amor pelas coisas e pelas glórias pátrias. Uma festa que enaltecia os sentimentos viris e altruístas da pátria livre e republicana, democratizada e positivista.<sup>465</sup> Um exemplo de liberdade política onde os patriotas esclarecidos devem dar exemplo aos jovens e estar dispostos a dar até a derradeira gota de sangue pela pátria, já que a pátria deve vir acima de tudo.<sup>466</sup>

A ideia de colocar a pátria acima de tudo e de todos é um pensamento recorrente na escrita do literato. No romance *Memórias de um Velho*, por exemplo, Emílio desiludido por ter perdido os pais e sua amada Santinha, diz que iria para a guerra como última forma de mostrar sua virilidade. O personagem diz que mesmo sem ninguém no mundo, tinha o sangue para derramar pela pátria e ia derramá-lo tão heroicamente como os outros voluntários.<sup>467</sup>

Clodoaldo Freitas mostra figuras masculinas que teriam o potencial de serem grandes homens, mas não conseguem devido aos vícios. Licurgo de Paiva (1844-1887), que pode ser considerado um contra modelo, era um exemplo da decadência viril devido aos vícios que o faziam perder sua lucidez intelectual até cair em uma completa miséria física e intelectual.<sup>468</sup> Neste caso, o vício bestializou o infeliz patricio.<sup>469</sup>

Clodoaldo Freitas, além de elogiar os valores pátrios, também criticava em sua literatura as atitudes antipatrióticas do povo brasileiro. Ainda no romance *Memórias de um velho*, o intelectual transmite a sua opinião sobre a bestialização do povo. O personagem Emílio diz se sentir humilhado em seus sentimentos patrióticos quando percebia a adesão da massa à um período da história como a Proclamação da República sem qualquer consciência política, a ponto de com razão ser excluída da República.<sup>470</sup> Um povo vegetativo que esquece dos interesses públicos e que não pode reclamar do governo que possui porque o governo é o reflexo da imagem popular.<sup>471</sup>

Clodoaldo Freitas argumenta que o povo brasileiro não possui interesse na política, o que os torna antipatrióticos devido a sua inercia. E desta forma, surge a pergunta: Como uma nação pode ser próspera sem a consciência política? Para o literato, apesar da bestialização popular, haviam heróis que construíram a República com sangue e suor. Uma lembrança que

---

<sup>465</sup> FREITAS, 2010, p. 23.

<sup>466</sup> FREITAS, 1996, p. 25.

<sup>467</sup> FREITAS, 2008, p. 22.

<sup>468</sup> FREITAS, Clodoaldo. Licurgo de Paiva. In: \_\_\_\_\_ *Vultos Piauienses – Apontamentos Biográficos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 119.

<sup>469</sup> FREITAS, 1998, p. 128.

<sup>470</sup> FREITAS, 2008, p. 104.

<sup>471</sup> FREITAS, 1996, p. 85.

faz vibrar patrioticamente os nervos de Clodoaldo Freitas, a ponto de comparar a abolição e a proclamação da República como a emoção do nascimento de seu primeiro filho.<sup>472</sup>

Clodoaldo Freitas olha com entusiasmo patriótico a República, que para ele seria o ideal religioso, filosófico, político, estético e moral das nações modernas.<sup>473</sup> Assim, a data da Proclamação da República é uma data suprema para a nação brasileira, mesmo que esta não tenha tanta importância para o povo brasileiro, que não aderiu à República.<sup>474</sup>

Clodoaldo Freitas também escreve a biografia de Rui Barbosa, um político e jornalista eloquente e inteligente que tinha paixão pelo que fazia.<sup>475</sup> Escreveu sobre os assuntos políticos, jurídicos, filosóficos, literários e psicológico<sup>476</sup>, além de ser uma peça importante para a história do Brasil. Um homem cuja posição se deu pelo mérito e pelo esforço pessoal, a ponto de galgar todas as posições do gênio e do saber.<sup>477</sup>

Rui Barbosa teve participação decisiva em alguns eventos históricos, como na abolição, ao ser considerado o grande apóstolo da escravidão<sup>478</sup>, o qual ajudou a pressionar a princesa Isabel a libertar os escravos, além de incentivar os ânimos patrióticos ao preparar o discurso que promoveria a República.<sup>479</sup>

Já na República, Clodoaldo Freitas diz que o político foi o super-homem<sup>480</sup> da situação ao ser decisivo na formação de um Estado laico, além de liderar o exército contra a revolução dos Canudos, liderado pelo fanático, iletrado, vagabundo e beato<sup>481</sup> Antônio Conselheiro, que lutou contra a República e o Estado laico, em favor do retorno imperial.<sup>482</sup> Rui Barbosa ainda se opôs ao governo, como no caso de Hermes da Fonseca e foi embaixador do Brasil nas Nações, feito que segundo Clodoaldo Freitas ajudou a dar credibilidade ao Brasil.

Cartoga argumenta ainda que a pátria ideal se formaria na República, a qual formaria o cidadão e que construiria o sentimento de pertencimento, ao criar mecanismos sociais para alcançar o indivíduo tanto no ambiente privado como no público.<sup>483</sup> O patriotismo ligaria a população à sua nação, ao criar um sentimento de amor à terra em que nasceu.

---

<sup>472</sup> FREITAS, 1996, p. 81.

<sup>473</sup> FREITAS, 1996, p. 72.

<sup>474</sup> FREITAS, 1996, p. 79.

<sup>475</sup> FREITAS, Clodoaldo. Rui Barbosa. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 101.

<sup>476</sup> FREITAS, 2010, p. 102.

<sup>477</sup> FREITAS, 2010, p. 105.

<sup>478</sup> FREITAS, 2010, p. 104.

<sup>479</sup> FREITAS, 2010, p. 107.

<sup>480</sup> FREITAS, 2010, p. 108.

<sup>481</sup> FREITAS, 1996, p. 43.

<sup>482</sup> FREITAS, Clodoaldo. Canudos. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos Fatos*. 1. ed. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996, p. 44.

<sup>483</sup> CATROGA, 2011.



Lessa diz também que, com a República em 1889, os militares tiveram papel importante ao aderirem ao positivismo e promoverem a ordem e o progresso da nação, e ao reiterarem o controle social com o intuito de exaltar o futuro do país.<sup>484</sup> Para Clodoaldo Freitas, a República é a pátria onde todos são recebidos, e todos governam, mesmo que possamos cometer erros devido à efusão patriótica.<sup>485</sup>

Outros exemplos de patriotas honrados foram: José Alfredo de Freitas (1862-1891), irmão de Amélia Bevilaqua, foi um homem de elevada virtude pela inteligência pela sua inteligência e pelas suas raras virtudes privadas.<sup>486</sup>

Outra figura patriótica apresentada na literatura de Clodoaldo Freitas é *Aparício Saraiva*<sup>487</sup> que lutou como soldado honrado e feroz<sup>488</sup> no movimento de 15 de novembro. Um ensaio heroico e funesto, que dividiu, pelo sangue, a família brasileira sem resultado real e possível.<sup>489</sup>

Um político que mostrou sua virilidade sendo patriótico foi o Barão de Campo Maior (1839-1898) filiado ao Partido Conservador, deputado provincial ligado à atividade agrícola, era um homem ativo, enérgico e trabalhador, além de ter como virtudes viris o altruísmo e a coragem. Criticava a República como um período em que os homens não tinham um ideal, nem patriotismo, um momento no qual a política republicana era uma vergonha, repleta de covardes apostasias.<sup>490</sup>

Ao contrário dos modelos patrióticos apresentados, Clodoaldo Freitas também descreve o antipatriótico. Como Floriano Peixoto ou Marechal de Ferro que foi um ditador brasileiro, segundo Clodoaldo Freitas, um homem vulgar com estreiteza de ideias, dissimulações e falta de conhecimentos técnicos.<sup>491</sup> Um anti-herói que teve uma glória fictícia, além de não ser confiável, já que mesmo exercendo cargo de confiança no Império, deflagrou a República. Para o literato, este homem é uma figura opaca da história do Brasil porque nunca encarou a alma nacional.<sup>492</sup>

---

<sup>484</sup> LESSA, 2008, p. 252.

<sup>485</sup> FREITAS, Clodoaldo. Aparício Saraiva. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos Fatos*. 1. ed. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996, p. 53.

<sup>486</sup> FREITAS, Clodoaldo. João Alfredo de Freitas. In: \_\_\_\_\_. *Vultos Piauienses – Apontamentos Biográficos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 55.

<sup>487</sup> FREITAS, 1996.

<sup>488</sup> FREITAS, 1996, p. 51.

<sup>489</sup> FREITAS, 1996, p. 52.

<sup>490</sup> FREITAS, 2010, p. 74.

<sup>491</sup> FREITAS, Clodoaldo. O Marechal de Ferro. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e Crítica*. Imperatriz, MA: Ética, 2010, p. 75.

<sup>492</sup> FREITAS, 2010, p. 78.

Na biografia de Floriano Peixoto produzida por Clodoaldo Freitas, podemos perceber que a principal crítica do literato contra Marechal de Ferro foi a participação do militar na política, o qual incentivava discussões sobre novos movimentos que causavam desordem social<sup>493</sup> ao promover a luta armada contra as instituições, um ato anti-republicano.<sup>494</sup>

Para Clodoaldo Freitas, a República deveria ser um governo que garantisse os direitos e deveres de seus governantes e governados, e não de tiranias e arruaças.<sup>495</sup> Neste sentido, o povo não precisava de patriotas improvisados em tribunais cujos créditos morrem com a certeza da instabilidade das suas instituições, vacilantes nas pontas das espadas dos seus generais.<sup>496</sup> Assim, o literato alerta para o dever do Exército de proteger a nação e de ser disciplinado em suas ações em prol da pátria, de maneira que o Exército é um pedaço da alma da pátria, e o soldado pertence à pátria e tem o dever de morrer cumprindo o dever heroico.<sup>497</sup>

Assim, Clodoaldo Freitas evidencia em sua escrita a figura de patriotas que auxiliaram a construção da pátria. Homens verdadeiros, corajosos, destemidos que enfrentaram seus opositores em prol da nação, e que na maioria das vezes, não foram reconhecidos como deveriam.

---

<sup>493</sup> FREITAS, Clodoaldo. Um novo pronunciamento. In: \_\_\_\_\_ *Em roda dos Fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 83.

<sup>494</sup> FREITAS, 1996, p. 84.

<sup>495</sup> FREITAS, 1996, p. 85.

<sup>496</sup> FREITAS, 1996, p. 85.

<sup>497</sup> FREITAS, 1996, p. 85.

## 5. VIRILIDADES E FEMINILIDADES

Clodoaldo Freitas defende em sua literatura a mulher como um ser ligado à natureza, que na sociedade aprende a partir do chefe de família, seja o marido, seja pai, a exercer seu papel sexual, social e religioso.

Crampe-Casnabet relata que o discurso que compara a mulher à natureza e o homem à razão provém dos filósofos do século XVIII, que viam a natureza ligada ao feminino como um objeto de investigação e um princípio normativo.<sup>498</sup> Com base nesta associação, a mulher teria o dever social de cuidar do ambiente doméstico, enquanto que o homem, do público. Ao homem, a razão, às mulheres, os sentimentos.

Clodoaldo Freitas, assim como os filósofos do século XVIII, concebe as mulheres a partir da relação com a natureza. Quanto à associação entre homens e racionalidade, o intelectual a inscreve como atributo do homem ideal. Ela implica domínio sobre si e sobre os outros homens e sobre as outras mulheres. Seu ideal de virilidade implicava relação e dependência no que tange aos homens não viris e às mulheres.

### 5.1 RAZÃO E VIRILIDADE

Na escrita de Clodoaldo Freitas, o homem ideal deveria romper com o corpo que levaria à degeneração, em nome da racionalidade. Dentro de casa ou no espaço público, o homem deveria privilegiar a razão e afastar qualquer sentimento religioso. No discurso de Clodoaldo Freitas, o homem varonil deveria romper com as fraquezas do corpo, o que levaria à degradação moral ao passo que este iria privilegiar a mente.

Segundo Grosz<sup>499</sup>, os filósofos, da Antiguidade até meados do século XVIII, desvalorizavam o corpo em prol da mente, eles dicotomizam a mente e o corpo, homem e mulher, ao hierarquizar e classificar os dois termos polarizados de modo que um deles se torna o termo privilegiado, enquanto o outro se torna sua contrapartida, suprimida, subordinada e negativa.<sup>500</sup>

<sup>498</sup> CRAMPE-CASNABET, Michéle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 381.

<sup>499</sup> GROSZ, Elizabeth. Corpos Reconfigurados. In: *Corporificando o gênero*. Cadernos Pagu, 14, Campinas, SP: Unicamp, 2000.

<sup>500</sup> GROSZ, 2000, p. 47.

Tratava-se de uma dicotomia que usava uma identidade viril buscada com o objetivo de expulsar o outro de suas qualidades a ponto de desvalorizar o seu próprio corpo, uma vez que se associava o corpo à feminilidade. Dessa forma, Grosz diz que o corpo é marginalizado quando associado ao feminino, o qual torna-se o “não desejável que se conecta a natureza e à brutalidade e que requer transcendência<sup>501</sup>”.

De sorte que a mulher é a desrazão do corpo, enquanto o homem seria aquele que deveria deter para si a razão. Assim, o viril teria que se desprender dos desejos do corpo para não ser comparado a uma mulher. Esta definição de virilidade, embasado na razão, é defendida por Clodoaldo Freitas.

Grosz diz que é necessário superar a dicotomia entre os sexos e historicizar o corpo ao percebê-lo como múltiplo, a fim de repensar a sua relação com a mente e a sua interação entre o cultural e o natural (biológico).<sup>502</sup>

Para Clodoaldo Freitas, o homem racional tem a obrigação de ilustrar o seu espírito, de escoimá-lo das baboseiras teológicas, de ser, em uma palavra, digno de seu tempo. Desta forma, a ciência dignifica o homem e o torna superior às superstições religiosas e, até mesmo, superior à ideia de família, sangue e raça, porque o que lhe distingue é sua inteligência.<sup>503</sup>

Esta defesa do homem racional por Clodoaldo Freitas, tem como atributo principal a ciência. O literato defendia novos valores a ser apropriados pela sociedade como a ciência que “penetra primeiro como moda e só muito tempo depois como prática e produção”.<sup>504</sup>

Clodoaldo Freitas ao integrar a Escola de Recife embarcou nos novos processos de mudança da mentalidade brasileira, além de ser uma peça-chave para propagar na Província do Piauí os novos valores europeus através de sua literatura, com o ideal de virilidade alicerçada na razão e na ciência.<sup>505</sup>

Higino Cunha indica que Clodoaldo Freitas lia obras filosóficas de forma desordenada no início de seus estudos, direcionado para a leitura de Burchner, E. Brunouf, Spencer, Prodhon, Stuart Mill, Vogl, Lubbock, Taylor e outros. E logo depois, como um culto filosófico se inclinou para a literatura de Darwin, Haeckel, Schopenhauer, Lange e Nietzsche, que teriam influenciado seu sentimento materialista.<sup>506</sup>

---

<sup>501</sup> GROSZ, 2000, p.49.

<sup>502</sup> GROSZ, 2000.

<sup>503</sup> FREITAS, 2010, p. 131.

<sup>504</sup> SHUWARCZ, 1993, p. 30.

<sup>505</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>506</sup> QUEIROZ, 2011.

Clodoaldo Freitas acentua que, com o passar do tempo teria estruturado e aperfeiçoado seus estudos e se encontrado nos escritos de Huxley, cujas obras o teriam influenciado pela ideia de evolução, de progresso pela razão, pelo monismo determinista e pela ideia recorrente da separação entre Estado e Igreja. Desta forma, segundo Queiroz, os pensamentos de Huxley teriam ajudado ao literato à superação do positivismo heterodoxo. De modo que o intelectual incorpora em sua literatura a rejeição da metafísica e das crenças religiosas tradicionais.<sup>507</sup>

Quanto às influências intelectuais do pensamento europeu na sua formação, Queiroz argumenta que o intelectual teria sido influenciado pela literatura francesa, com vertente no iluminismo e no naturalismo. Uma literatura que confrontaria o Divino através do conhecimento científico e usava a análise racionalista para explicar a natureza humana.<sup>508</sup>

Clodoaldo Freitas, ao produzir perfis biográficos de homens justos, ressalta a razão como um valor. Leonardo de Carvalho Castelo Branco, por exemplo, é apresentado como um homem racional que buscava aliar a ciência com a religião, mesmo que, segundo Clodoaldo Freitas, nunca tenha obtido êxito. Outro exemplo de homem racional foi Joaquim Gomes de Sousa (1829-1863) apresentado como um matemático e político que contribuiu para a sociedade, mas não foi reconhecido ao ter suas contribuições intelectuais esquecidas. Um homem que criticava a sociedade por não valorizar a ciência.<sup>509</sup>

## 5.2 SUPERIORIDADE DO HOMEM VIRIL

Instaurar a superioridade masculina constituía-se desafio fundante para aquele que almejava ser viril. Para Clodoaldo Freitas o homem viril deveria exercer a sua força sobre a mulher e ser superior a esta, além de ter o dever de ser racional no cotidiano, seja em casa, no trabalho, seja na política. A superioridade masculina era fruto de conquista diária, pois era necessário dominar as mulheres que impunham resistência a este exercício do poder.

Clodoaldo Freitas evidencia em sua literatura a necessidade do homem permanecer viril. No conto *A Predestinação*<sup>510</sup>, Alberto Prado é um homem que conquista as mulheres no

---

<sup>507</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>508</sup> FREITAS, 2010, p. 131.

<sup>509</sup> FREITAS, Clodoaldo. Joaquim Gomes de Sousa. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 43.

<sup>510</sup> FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C.

exercício de sua virilidade. No entanto, o personagem se deixa levar pela emoção e perde sua virilidade a partir do seu envolvimento com Ernestina.

Na história, Ernestina é uma mulher independente e sedutora capaz de romper com a virilidade do homem ao ter a oportunidade de escolher com quem casar. Uma vez que a figura masculina que poderia dominá-la, seu pai, teria morrido na Guerra do Paraguai. Ernestina decide por si. Faz escolhas próprias.

Clodoaldo Freitas apresenta a partir Ernestina a desestruturação das normas sociais, uma vez que foge à natureza a qual pertence e, ao fazer isto, retira do homem o poder de dominação. Evidencia no personagem Alberto Prado um homem que se descuidou da sua virilidade ao demonstrar suas emoções e se tornar submisso à mulher.

Crampe-Casnabet argumenta que no discurso filosófico do século XVIII a submissão da mulher estava relacionada à diferença entre os sexos e era “estendida a todo o seu ser e as suas faculdades intelectuais”.<sup>511</sup> De modo que a fraqueza feminina estaria aderida ao seu sexo e a razão à essência masculina.<sup>512</sup>

Nesta perspectiva, não cabe à mulher escolher, mas obedecer ao homem. Se isto não acontecesse, a virilidade e a ordem social estariam em risco. Crampe-Casnabet argumenta que é recorrente este pensamento entre os filósofos do século XVIII, os quais veem na mulher a ação da natureza com desejos ilimitados e até incontroláveis. E por isso, existiria a necessidade do feminino ser submisso ao masculino.

A superioridade masculina tornava-se necessária para manter a ordem social. De forma que para Clodoaldo Freitas, o homem viril precisava usar a razão para controlar os desejos femininos. No conto *Os Primos*<sup>513</sup>, Manduca é este homem viril que consegue ir contra a vontade feminina.

O conto relata a rejeição de Miloca em casar-se com seu primo Lívio e o uso da razão do pai da moça, Manduca, para que a filha se submetesse a sua autoridade paterna. Na história, Manduca quer saber por que Miloca teria escolhido um noivo sem seu consentimento. E esta diz que se fosse infeliz no casamento teria que culpar o pai e para que isso não ocorresse preferia não se casar de acordo com a ordem do pai. Porém, Manduca, como um homem experiente e “conhecedor do coração das mulheres”<sup>514</sup> não se deixa dominar por uma mulher e usa a razão

---

<sup>511</sup> CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 385.

<sup>512</sup> CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 387.

<sup>513</sup> FREITAS, 2009.

<sup>514</sup> FREITAS, 2009, p. 161.

para convencer a filha a casar-se com Lívio ao levá-los para o ambiente rural e provocar a aproximação dos dois.<sup>515</sup>

Segundo Clodoaldo Freitas, as vontades e escolhas masculinas deveriam predominar sobre as das mulheres. Seu pensamento sustenta uma hierarquia que fazia a diferença entre os sexos a partir das funções sociais que corroboravam para um triunfo da diferença sexual, evidente no comportamento, na aparência do corpo, no vestuário, e principalmente, no campo das ideias, desde o século XVIII e que se consolida no século XIX.<sup>516</sup>

Crape-Casnabet relata que os filósofos do século XVIII percebiam na mulher características de uma criança, que se vinculava à imaginação, e por consequência, à fragilidade e à inconstância. Este seria o motivo de algumas proibições que pensavam sobre as mulheres, como o da leitura dos romances para as mulheres, as quais não possuíam a “solidez do espírito viril”<sup>517</sup> para fazer uso destas leituras. Clodoaldo Freitas concorda com a proibição da leitura de romances pelas mulheres porque perverteria a sua natureza.<sup>518</sup>

A autora mostra ainda que os filósofos do século XVIII possuíam o imperativo de discutiam sobre as mulheres. Desta forma, os homens sancionavam um discurso que colocava a mulher para executar suas funções: esposa, mãe e filha. Além de direcioná-las ao seu papel social de procriar e cuidar dos filhos, tendo nestes atributos suficiência do papel já desempenhado por elas a ponto de pensarem ser “cruel sobrecarregá-las com outras preocupações”.<sup>519</sup> Ou em outras palavras, a educação feminina teria por finalidade fazê-la cumprir seu papel social.<sup>520</sup>

Clodoaldo Freitas reflete que a educação feminina deve perder um conhecimento positivo suficiente para saber, por si, dirigir-se e viver, posto que uma mulher deve ser educada para ser uma perfeita dona de casa. A mulher deve ser educada para ser mãe. Um grande objetivo pelo qual a mulher deve aprender a se relacionar.<sup>521</sup>

Para Gelbart, a sociedade exigia que as mulheres fossem úteis apenas na esfera doméstica e reprodutora, ou apenas tivessem um papel decorativo.<sup>522</sup> No século XVIII, as mães

---

<sup>515</sup> FREITAS, 2009.

<sup>516</sup> CRAMPE-CASNABET, 1991.

<sup>517</sup> CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 387.

<sup>518</sup> FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos Fatos*. 1. ed. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996, p.71.

<sup>519</sup> CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 388.

<sup>520</sup> CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 395.

<sup>521</sup> FREITAS, 1996, p.71.

<sup>522</sup> GELBART, Nina Rattner. As mulheres jornalistas e a imprensa nos séculos XVII e XVIII. In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Edições Afrontamento, 1991. p. 497.

eram responsáveis por ensinar as suas filhas. Um ensino da escrita estritamente com a função de procurar um parceiro adequado e servir de edificação no lar. No entanto, apesar do papel da mulher ser cuidar do lar, ela deveria “treinar-se a pensar e a raciocinar responsabilmente”.<sup>523</sup>

Gelbart argumenta que uma das aspirações das mulheres dos séculos XVIII e XIX era acusar a desigualdade entre os sexos, colocando-se contra a submissão. Considerando-se as mulheres submissas, como também culpadas da situação feminina.<sup>524</sup> Havia, no período, algumas que insistiam em pensar, falar, estudar, analisar e criticar como os homens faziam.<sup>525</sup> Porém, os filósofos do século XVIII insistiam que a mulher só era útil à sociedade quando consolidava a família, tendo a “responsabilidade da regeneração social”.<sup>526</sup>

Clodoaldo Freitas, no século XIX, também defendia que a mulher deveria permanecer no seu lugar social, uma vez que ela era uma peça-chave para a formação da família, responsável pela estruturação da sociedade. No entanto, segundo Gelbart, estes filósofos queriam apenas manter as mulheres no seu lugar social exercendo seu papel de mulher.<sup>527</sup> Trata-se da necessidade de manter a mulher não instruída sob o domínio masculino.<sup>528</sup>

Laqueur argumenta que o século XIX é marcado pela invenção do sexo duplo, saindo de uma leitura de mundo de sexo único, onde a mulher é percebida como um homem defeituoso, para configurar uma nova leitura onde se pensa a separação entre feminino e masculino.<sup>529</sup>

No pensamento de Clodoaldo Freitas se verifica essa dicotomia, já que o literato pensa em universos específicos para os homens e para as mulheres. Além de pensar este universo específico para os homens e para as mulheres, estabelece hierarquias entre os sexos fundamentais ao exercício da virilidade. Os atributos femininos são percebidos como inferiores aos masculinos, e por isso, devem ser afastados do corpo e da alma do homem que anseia ser viril.

Clodoaldo Freitas trabalha em sua literatura com a heterossexualidade como padrão social, onde os homens femininos assemelham-se às mulheres. Assim, o literato nas suas obras evidencia homens com características femininas como contra modelos do homem que deseja ser viril.

---

<sup>523</sup> GELBART, 1991, p. 501.

<sup>524</sup> GELBART, 1991, p. 505.

<sup>525</sup> GELBART, 1991, p. 507.

<sup>526</sup> GELBART, 1991, p. 512.

<sup>527</sup> GELBART, 1991, p. 504.

<sup>528</sup> GELBART, 1991, p. 514.

<sup>529</sup> LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.



O personagem Miranda, do conto *O Caçador Ideal*<sup>530</sup>, é um homem contrário à virilidade, apesar de pertencer à elite e ser letrado. Ele adotava em seus comportamentos atributos percebidos pelo literato como femininos que fizeram com que este homem deixasse de ser viril.

O personagem teria abandonado a virilidade para tornar-se um afeminado do ponto de vista do comportamento. Clodoaldo Freitas explicita este fato ao descrever Miranda como um velho celibatário e ferrenho católico que tinha as devoções e as credulidades de todos os sertanejos<sup>531</sup>, e trocara a vida urbana pela rural, trocava a razão pela emoção. Desta forma, o personagem é descrito como um homem acovardado e devoto que perde a virilidade por escolha própria ao não querer e nem conseguir atingir a virilidade.

No conto *Amores de Poeta*<sup>532</sup>, Clodoaldo Freitas mostra um personagem que é ridicularizado por todos e não sabe dominar a mulher no cotidiano. Na história, Lulu Sebelo vai para o carnaval com sua filha e noiva desfilando na rua como qualquer palerma carnavalesco, debaixo de um calor asfixiante.<sup>533</sup> À noite, estes encontram um grupo de mascarados e uma voz de mulher que os cumprimentam.

Lulu Sebelo se irrita porque uma mulher do mundo não podia se dirigir a uma família. Então, os dois começam a se insultar e a mulher o chama de carnaval idiota. O homem contrário à virilidade avança para cima da mulher, e ela também avançou de maneira que os dois começam a brigar no meio da rua, à luz dos lampiões.<sup>534</sup>

A mulher consegue dominar Lulu Sebelo e dá socos na cara do poeta, até que intervieram e tiraram o homem roto, sujo e desesperado.<sup>535</sup> Clodoaldo Freitas evidencia neste personagem a falta de força viril para dominar o outro e a aceitação de ser ridicularizado em público.

O discurso filosófico do século XIX promove uma diferenciação entre masculino e feminino, entre alma e corpo, com o objetivo de levar o homem a se autocontrolar e a dominar a mulher. O homem considerado racional deveria controlar seus impulsos sexuais, ao primar pela ordem, além de ter que exercer sua superioridade sobre a mulher no cotidiano. Neste caso,

---

<sup>530</sup> FREITAS, 2009.

<sup>531</sup> FREITAS, 2009, p.18.

<sup>532</sup> O conto *Amores de um poeta* foi originalmente publicado nos *Escritos de Clodoaldo Freitas*, em Belém, no volume 1, em setembro de 1904, assinado com o pseudônimo Carlos da Maia. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 383.

<sup>533</sup> FREITAS, Clodoaldo. Amores de poeta. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. Imperatriz, MA: Ética, 2010, p.15.

<sup>534</sup> FREITAS, 2010, p.15.

<sup>535</sup> FREITAS, 2010, p.15.

o homem seria um ser racional ou cultural, e aquele que foge deste modelo seria considerado como bárbaro.

No pensamento de Clodoaldo Freitas, para exercer o poder de dominar a si e ao outro seria necessário ser viril. Se o homem não conseguisse a virilidade corria a risco de ser subjogado pela mulher que tem o poder de sedução pelo corpo. Diante deste pensamento, o feminino seria a base da virilidade do homem, já que a sociedade divide os papéis e os espaços de acordo com o sexo.

Em sua literatura, Clodoaldo Freitas é sensível à resistência da mulher ao discurso masculino, na medida em que vislumbra nas suas personagens a resistência feminina demonstrada na historiografia por Soihet.<sup>536</sup>

Para Soihet, a resistência das mulheres significava uma quebra da norma nas contradições onde mulheres excepcionais contrárias ao sistema normativo faziam história e construía a civilização.<sup>537</sup> Clodoaldo Freitas evidencia em sua literatura que as mulheres excepcionais que resistiam ao sistema normativo eram nocivas à sociedade, visto que havia funções específicas para estas mulheres: mães, esposas e filhas. De sorte que a resistência feminina ao domínio masculino é percebida pelo literato como um problema social.

Na sociedade havia uma divisão natural que levava a uma divisão social que implicava a divisão específica dos papéis sociais entre homens e mulheres. Neste caso, o homem viril teria que saber exercer seu papel do dominador para submeter a mulher às normas sociais, visto que elas não eram naturalmente submissas.

Segundo Soihet, a história das mulheres é uma construção da cultura, que nomeia, identifica e quantifica a presença das mulheres nos lugares.<sup>538</sup> Na história tem se evidenciado a pluralidade das trajetórias femininas e suas resistências à dominação masculina e ao dimorfismo sexual.<sup>539</sup>

Para Soihet, nas relações sociais não há papéis fixos, mas múltiplos desempenhados tanto por homens como por mulheres. A polarização através da hierarquia revela tensões e

---

<sup>536</sup> SOIHET, Rachel. Discutindo biografia e história das mulheres. In: FUNCK, Susana Bornéo; SIMÕES MILENA, Luzinete; OLIVEIRA ASSIS, Gláucia de (Orgs.). *Linguagens e narrativas*. Tubarão: Editora Copiart, 2014, p. 63-79.

<sup>537</sup> SOIHET, 2014, p. 67.

<sup>538</sup> DAUPHIN, Cécile; FARGE, Arlette; FRAISSE, Geneviève; KLAPISCH-ZUBER, Christiane; LAGRAVE, Rose Marie; PERROT, Michelle; PÉZERAT, Pierrette; RIPA, Yannick; SCHMITT-PANILL, Pauline; VOLDMAN, Danièle. A história das mulheres: cultura e poder nas mulheres, ensaio de historiografia. In: Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudo de Gênero, 1, Niterói, RJ: EDUFF, 2000, p. 10.

<sup>539</sup> DAUPHIN, Cécile; FARGE, Arlette; FRAISSE, Geneviève; KLAPISCH-ZUBER, Christiane; LAGRAVE, Rose Marie; PERROT, Michelle; PÉZERAT, Pierrette; RIPA, Yannick; SCHMITT-PANILL, Pauline; VOLDMAN, Danièle, 2000, p. 11.

conflitos onde existem rivalidades e tomadas de poder sucessivas.<sup>540</sup> Nisto, a autora não nega que a cultura feminina foi construída sob as bases de uma dominação masculina que subordina os outros<sup>541</sup>. Porém, evidencia formas a partir das quais a mulher exercia influência na sociedade, visto que resistia exercendo o poder em várias esferas como no lar.<sup>542</sup>

### 5.3 DESAFIOS DA VIRILIDADE

Segundo Clodoaldo Freitas, o amor é um ato viril que deve ser vigiado pelo homem para que não cause a ausência da virilidade. Para ser viril é necessário manifestar sua supremacia nas atividades diárias e controlar suas emoções diante da mulher amada ou desejada.

Para Alan John Lee, o amor é um sentimento aprendido que pode manifestar-se de várias formas e é dependente da situação político-social de um povo.<sup>543</sup> No pensamento de Clodoaldo Freitas o amor também é uma construção cultural, onde o masculino precisa aprender a amar a mulher para não ser dominado. Para o literato o amor tem várias faces e diversas formas de se manifestar. O amor é um valor, mais as formas de amar são plurais. O homem deve ser potente e racional e saber usar o amor, e controlar a mulher que pode querer dominar.

Clodoaldo Freitas ainda descreve o amor como algo natural. No romance *Por um Sorriso*, o literato discursa sobre o amor como algo sublime e ideal da natureza humana, onde na alma se requer a razão para eliminar a cristalização das crenças religiosas. Um amor ligado à alma, ou seja, ao lado imaterial do ser humano.<sup>544</sup>

Para Clodoaldo Freitas, o homem deve amar como homem, afastando-se do jeito feminino de amar. Uma vez que o amor das mulheres é um amor nervoso e efêmero com contrações nervosas.<sup>545</sup> Nesta situação, Clodoaldo Freitas se refere ao amor feminino ligado à

---

<sup>540</sup> DAUPHIN, Cécile; FARGE, Arlette; FRAISSE, Geneviève; KLAPISCH-ZUBER, Christiane; LAGRAVE, Rose Marie; PERROT, Michelle; PÉZERAT, Pierrette; RIPA, Yannick; SCHMITT-PANILL, Pauline; VOLDMAN, Danièle, 2000, p. 13.

<sup>541</sup> DAUPHIN, Cécile; FARGE, Arlette; FRAISSE, Geneviève; KLAPISCH-ZUBER, Christiane; LAGRAVE, Rose Marie; PERROT, Michelle; PÉZERAT, Pierrette; RIPA, Yannick; SCHMITT-PANILL, Pauline; VOLDMAN, Danièle, 2000, p. 15.

<sup>542</sup> SCHPUN, Mônica Raisa. Retraçar itinerários individuais: a micro-história das mulheres. In: FUNCK, Susana Bornéo; SIMÕES MILENA, Luzinete; OLIVEIRA ASSIS, Gláucia de (Orgs.). *Linguagens e narrativas*. Tubarão: Editora Copiart, 2014, p. 58.

<sup>543</sup> MARTINS-SILVA, Priscila de Oliveira; TRINDADE, Zeide Araújo; JUNIOR, Annor da Silva. Teorias sobre o amor no campo da psicologia social. *Psicologia: ciência e profissão*. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, n.33, 2013.

<sup>544</sup> FREITAS, 2008, p. 52.

<sup>545</sup> FREITAS, 1996, p. 103.

natureza. Um sentimento desordeiro, onde a mulher não teria o controle das suas emoções e nem de seu próprio corpo.

Clodoaldo Freitas classifica o amor de maneira didática para demonstrar ao homem a necessidade de se afastar do descontrole das emoções e aliar-se à racionalidade. É importante salientar que todos os tipos de amor, seja o idealizado, o divinizado, o venal, seja o da virago são percebidos pelo literato como um risco à virilidade. Desde que estes tornam o homem vulnerável aos sentimentos extremados como o ciúme e a vingança.

Clodoaldo Freitas em suas obras descreve a mulher amada, seja a amante, a noiva ou a esposa. Diante dessas mulheres, o homem verdadeiro deve saber amar como um homem. Isto implica dominar-se para dominar o outro.

Clodoaldo Freitas relata que o amor idealizado traz dor ao rejeitado. Exemplifica este amor, através da biografia de Gonçalves Dias, que amava Ana Amélia Ferreira Vale, mas, quando lhe pede em casamento, é rejeitado pela família da moça por ter ascendência mestiça. E, por isso, em seu livro, *Ainda uma vez – Adeus*, o literato diz que o poeta consegue transmitir os tormentos que sofre, além de suas alegrias.<sup>546</sup> Uma desilusão amorosa que despedaça o coração do amante, devido aos preconceitos de cor e dinheiro que o leva para distante da mulher desejada.

Quanto ao amor divinizado, Clodoaldo Freitas apresenta na personagem Zulmira ou Santinha como a representação de uma mulher divinizada. A mulher é a ideal para casar, porém devido a sua morte torna-se uma mulher divinizada. No romance, Clodoaldo Freitas diz que Emílio após a morte de Santinha tinha retratos na sua memória dos traços perfeitos da sua encantadora fisionomia na plena irradiação da sua beleza ideal<sup>547</sup> que lhe divinizou os dias e lhe apontou o céu da felicidade perfeita.<sup>548</sup>

O romance *Por um sorriso* apresenta o amor divinizado de Carlos para com Teresa. No romance, o personagem coloca a companhia da amada semelhante ao paraíso.<sup>549</sup> Trata-se de um amor associado à alma do homem em que a beleza da mulher torna-se divina.<sup>550</sup> A bela amada torna-se o resumo do universo<sup>551</sup>, ao encher o personagem de venturas.

Clodoaldo Freitas evidencia no romance personagens apaixonados, mas também a necessidade do homem vigiar-se quanto aos seus sentimentos. Na trama, Carlos vê-se

---

<sup>546</sup> FREITAS, 2010, p. 11.

<sup>547</sup> FREITAS, 2008, p. 23.

<sup>548</sup> FREITAS, 2008, p. 37.

<sup>549</sup> FREITAS, 2008, p. 11.

<sup>550</sup> FREITAS, 2008, p. 14.

<sup>551</sup> FREITAS, 2008, p. 16.

humilhado e com o risco de perder a sua virilidade diante da suposta traição de Teresa com Alarico. É importante notar que o literato coloca a culpa da traição e da ausência da virilidade de Carlos na mulher e não em Alarico, já que a figura do rapaz conquistador não lhe causava nenhum sentimento de vingança, mas era sobre a mulher que “recaíam, sinistros e ferozes, todos os seus ódios”.<sup>552</sup>

Clodoaldo Freitas evidencia ao leitor a necessidade de se vigiar porque a mulher é natureza, e deve ser controlada diariamente. No mesmo romance, o literato mostra que Teresa estava aparentemente dominada por Carlos, posto que entre o casal havia uma conformidade de ideias, onde a mulher obedecia e não tinha desejos contrários ao do homem.<sup>553</sup> E em uma parte da história, Carlos até serve como professor de Teresa ao ensinar-lhe uma fé racional e consciente.<sup>554</sup>

No entanto, em um baile que comemorava o aniversário de uma das personagens, o amor passa de agente transformador para o agente da queda masculina. De tal forma que a mulher levada pela natureza é vista como um risco à virilidade.

Clodoaldo Freitas representa o amor desejo direcionado à mulher que seduz o homem. Emílio, em *Memórias de um Velho*, encontra-se com Josefina, a mulher desejo, em uma viagem para o Piauí quando ia visitar sua mãe que se encontrava doente. Ele ainda estava com Santinha, a mulher ideal, mas diz que seu corpo enfraquecido pelos acontecimentos, o levou a se relacionar com Josefina. Uma mulher formosa e ilustrada que nenhum rapaz de 18 anos seria capaz de resistir.<sup>555</sup>

Na literatura de Clodoaldo Freitas, Josefina torna-se a imagem da mulher desejo que seduz Emílio com o corpo. No relato de Emílio, Josefina é uma mulher bela de “rija carnação”<sup>556</sup>, capaz de levá-lo a paixões violentas, uma vez que era “fraco para resistir a tantas seduções”.<sup>557</sup>

No romance *Por um Sorriso*, Carlos também demonstra seus desejos por Teresa. Em um episódio, o personagem busca furtar um beijo da moça, mas esta não aceita, e ele se senta “pensativo, cheio de tristeza e desejos indomáveis”.<sup>558</sup> Um amor jovem em que os desejos afloram. Carlos tenta novamente beijar Teresa, agora com êxito, ele “beijou-a com sofreguidão,

---

<sup>552</sup> FREITAS, 2008, p. 65.

<sup>553</sup> FREITAS, 2008, p. 22.

<sup>554</sup> FREITAS, 2008, p. 24.

<sup>555</sup> FREITAS, 2008, p. 19.

<sup>556</sup> FREITAS, 2008, p. 38.

<sup>557</sup> FREITAS, 2008, p. 38.

<sup>558</sup> FREITAS, 2008, p. 11.

com a voluptuosa ganância de um famélico”<sup>559</sup>, e demonstrou em seu corpo os seus desejos másculos, de maneira que “o corpo todo lhe tremia, o coração saltava-lhe alvoroçado dentro do peito”.<sup>560</sup>

Clodoaldo Freitas mostra neste casal a tipologia de um amor juvenil onde os desejos sexuais estão despertados, nessa idade, a alma tem necessidade de amor, como o corpo o pão cotidiano.<sup>561</sup> Em uma cena descrita pelo literato, Carlos e Teresa, “debruçaram-se em uma das janelas, sob o encanto dos seus sentimentos pessoais, agora no período agudo dos grandes desejos despertados por aquele beijo que consorciava suas almas”.<sup>562</sup>

No conto *A Noiva*, Matilde representa a mulher desejo para o Dr. Leonel, a qual o encarou com o seu formoso olhar magnético.<sup>563</sup> Ele retribuía o olhar embevecido ao perceber a capacidade daquela mulher de grandes e másculas paixões dominadoras e soberanas.<sup>564</sup> O chefe de polícia começa a consolar a moça devido a recusa de Minervino, acusado de a ter deflorado, de casar-se com a moça.

A mulher do amor venal é comparada à uma prostituta. Nesta, segundo Clodoaldo Freitas, imperam as leis da natureza. Um amor sem segredos, onde a mulher sem mistérios torna-se a prostituta, “exposta ao sol sem cobertores, na infame nudez dos lupanares”.<sup>565</sup>

No romance *Coisas da Vida*, as mulheres se entregam sem pudor ao amor masculino, antes do casamento. Neste caso, o literato tipifica quatro tipos de mulher: a primeira é Rosina, uma moça bonita que seduz Plínio por sua beleza.<sup>566</sup> Ela se entrega à Plínio, e como consequência de seu ato, é morta por Antônio Candido que disparara “dois tiros de revólver em Rosina e, em seguida, suicidara-se”.<sup>567</sup> Neste amor o homem ama mais o corpo do que a alma, ou seja, é um amor carnal.

O segundo tipo é Camila, casada com um homem velho procura em um corpo jovem saciar seus desejos, enquanto Plínio também aceita como um amor temporário. Na trama, os dois se enlaçam pelo pescoço, e seus “lábios se colaram num beijo prolongado e ardente”.<sup>568</sup> Este, pelas características apresentadas, é um amor desejo, ardente.

---

<sup>559</sup> FREITAS, 2008, p. 12.

<sup>560</sup> FREITAS, 2008, p. 12.

<sup>561</sup> FREITAS, 2008, p. 40.

<sup>562</sup> FREITAS, 2008, p. 14.

<sup>563</sup> FREITAS, 2009, p. 115.

<sup>564</sup> FREITAS, 2008, p. 117.

<sup>565</sup> FREITAS, 2008, p. 42.

<sup>566</sup> FREITAS, 2009, p. 34.

<sup>567</sup> FREITAS, 2008, p. 93.

<sup>568</sup> FREITAS, 2008, p. 45.

O terceiro caso é o de Hortência, uma moça iludida pelo casamento que se entrega por ter se tornado noiva de Plínio, e ele a usa apenas para saciar seus desejos de outra que “não teve coragem de lutar contra a fúria do amor e cedeu e caiu, e como as outras tomou gosto pelo amor, cujas belezas apenas conhecia de ouvido”.<sup>569</sup> Neste sentido, o homem ensina a mulher o amor na prática, mas a deixa sem o amor verdadeiro. Na trama, Hortência também morre como consequência de seu amor antes do casamento.

A quarta é Carlota, uma mulher impetuosa, uma virago, que força o homem a deitar-se com ela e que exige dele toda a sua atenção. Esta tem também como consequência a morte. De sorte que nestes quatro casos, há características de mulheres ligadas ao homem apenas por causa da relação sexual.

O amor pérfido seria aquele em que a mulher é deflorada antes do casamento, e uma das causas deste fato social são os preconceitos da sociedade. Segundo Clodoaldo Freitas:

Os nossos preconceitos sociais originam e justificam tudo isto. Soltamos a moça incauta nos bailes perversos, nos largos repletos de homens imorais e mulheres perdidas de todos os quilates, nos teatros corruptores e deixamo-la apaixonar-se pela leitura insidiosa de romances tenebrosos e, no fim das contas, porque essa pobre criatura abandonada aos seus impulsos tomba, e, para salvar as aparências da virtude perdida, comete um crime, aí vem a feia virtude social reclamar pelas leis da eterna moral e pedir punição das vítimas, absolvendo o verdadeiro culpado!<sup>570</sup>

No conto *Para Sempre*, Edwirges é usada para demonstrar um amor passageiro, onde a mulher pode ser comprada por presentes, além de ser percebida pelo homem como uma mulher qualquer. Na trama, o homem questiona se o presente recebido pela moça por outro homem seria uma prenda de amor ou seria o preço de uma noite.<sup>571</sup> Ela não se defende. E por fim tem como consequência a perda do homem.<sup>572</sup>

No conto *Um coração de mulher* também é evidenciada a representação de uma mulher carnal, a prostituta. Clarinha, é uma mulher indisciplinada em seus comportamentos, pois logo que o homem chega, ela está com “os cabelos em desordem, sentada negligentemente no

---

<sup>569</sup> FREITAS, 2008, p. 75.

<sup>570</sup> FREITAS, 1996, p. 43.

<sup>571</sup> FREITAS, 2009, p. 58.

<sup>572</sup> FREITAS, 2009.

sofá”.<sup>573</sup> Ela é o símbolo da mulher venal que tem atitudes masculinas a ponto de empurrar o homem literalmente para fora cobrindo-lhe de beijos ardentes.<sup>574</sup>

O conto *Sobre as Águas*<sup>575</sup> nos evidencia mulheres rurais que se entregam sem pudor aos homens. Na história, seminaristas católicos viajam com mulheres de Santa Filomena para Teresina. Os homens enganam as mulheres para usá-las sexualmente, tanto que tiram sorte e as dividem entre eles.

Os seminaristas começam a iludir as mulheres com a religião e suas superstições, com o objetivo de mostrar que o amor não é mais proibido pela igreja. Na trama, os jovens relatam que a igreja não cogitava mais de superstições, porque ensinava coisas mais puras e elevadas.<sup>576</sup>

De sorte que cada homem sai à procura de sua escolhida para a conquista. Na divisão das mulheres, Eusébio da Cunha, o narrador da história, fica com Simoa; Carlos fica com Amélia; Deodoro fica com d. Rosália, mãe de Amélia e Antonina, uma viúva fresca e bonita; e Nestor fica com Antonina. Os casais se enamoravam cada um na sua intimidade.<sup>577</sup>

Durante a viagem, todos decidem atracar a balsa nas margens do Parnaíba todas as noites com a desculpa de que a tempestade à noite era perigosa para se viajar. Nestas oportunidades, cada casal sai separado para caçar pequis, mangabas ou caçar algum bicho para a ceia. No entanto, todos experienciam uma relação sexual ilícita durante esses passeios. Tratava-se de exercícios viris.

Em uma parte da história, todos se casam com suas respectivas mulheres. Sendo assim, o casamento permitia mais liberdade, e não era contestado já que todos estavam nas mesmas condições.<sup>578</sup> No fim da trama, D. Rosália acusa Simoa de já ter abortado, e por este motivo, Eusébio da Cunha não tinha obrigações com ela. A mulher pálida e comovida, enérgica e cheia de nobre indignação diz a d. Rosália que esta é uma criatura baixa e vil.<sup>579</sup>

E por fim, é revelado que as filhas de D. Rosália, Amélia e Antonina, teriam abortado. Os rapazes, com o objetivo de abandonar as moças, fingem estar indignados devido ao ultraje da honra de Eusébio. D. Rosália, ao ser descoberta, começa a soluçar, e com a interrogação de Eusébio ajoelha-se a Simoa e pede perdão. A viúva faz de tudo para que os moços não as deixem, até mesmo sem ter a necessidade de casar-se. Eusébio cede e diz aos outros, após estar

---

<sup>573</sup> FREITAS, 2010, p. 49.

<sup>574</sup> FREITAS, 2010, p. 53.

<sup>575</sup> FREITAS, 2009, p. 127.

<sup>576</sup> FREITAS, 2009, p. 133.

<sup>577</sup> FREITAS, 2009, p. 127.

<sup>578</sup> FREITAS, 2009, p. 147.

<sup>579</sup> FREITAS, 2009, p. 149.



longe das mulheres, que não tem nada viverem com as mulheres, de modo a prolongar as venturas.<sup>580</sup>

Clodoaldo Freitas mostra homens que usam de seu poder para convencer as mulheres a se relacionarem com eles. Mulheres rurais e religiosas capazes de confiar nos devotos, que acabam por serem iludidas e desonradas. Na crítica anticlerical, percebemos que o literato evidencia que os seminaristas e padres são homens como quaisquer outros no que se refere aos desejos do corpo.

Um dos seminaristas assevera a D. Rosália que o bispo da igreja em Teresina iria aceitar a mancebia entre eles, mesmo que a igreja não recomende este tipo de casamento, tolera-o. Além do que é evidenciado que em geral os padres se casam assim e é por isso que o bispo não os suspende de ordens, mesmo que, segundo o seminarista, o próprio bispo também é de carne e osso, e dizem que ele anda farejando uma viuvinha muito bonita.<sup>581</sup>

Clodoaldo Freitas, escreve também sobre as tiranias sociais no conto *Queda de um anjo*, que mostra a figura de uma mulher desiludida pelo homem, que lhe deixa grávida e desonrada. Na trama, Madalena é conquistada por Dr. Bernardes e teria ficado grávida.

No casamento do Dr. Bernardes com Adélia, Madalena aparece para reivindicar seus direitos e sua honra. A mulher diz que o homem a tornou prostituta, ao enganá-la prometendo casar-se. Na mulher é evidenciado um símbolo da fraqueza e dos despropósitos da sociedade que, com seus preconceitos, acabam por julgar a moça. Esta tornou-se uma forma de Clodoaldo Freitas criticar a atitude da sociedade perante a mulher desonrada.

Outro exemplo a ser citado é a do conto *Mãe dolorosa*.<sup>582</sup> Na história, Maria foi deixada pelo amante grávida e tem outro homem que possivelmente iria substituir o primeiro. Esta mulher abandonada, segundo o personagem, havia sido vítima das fatalidades fisiológicas e das misérias sociais, uma miserável criatura, desceu ao mais baixo degrau da vida e vive à mercê das suas vergonhas e misérias.<sup>583</sup>

Na virago, Clodoaldo Freitas percebe o desejo de ser superior ao homem. Na crônica *O feminismo*<sup>584</sup>, o literato disserta sobre este tipo de mulher como um acontecimento moderno que traz a mulher para a grande peleja da vida, e que evidencia uma perda do espaço masculino e

---

<sup>580</sup> FREITAS, 2009, p. 155.

<sup>581</sup> FREITAS, 2009, p. 146.

<sup>582</sup> FREITAS, 2009.

<sup>583</sup> FREITAS, 2009, p. 205.

<sup>584</sup> FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos Fatos*. 1. ed. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996, p. 71 - 73.

de suas particularidades, pois até na política, elas querem participar, já não falando nas igrejas que são seu elemento predileto.<sup>585</sup>

Clodoaldo Freitas diz que a virago tem vergonha de ser mãe, ou mesmo, a maternidade é coisa que menos a preocupa, desde que possa alugar ama de leite e amas seca.<sup>586</sup> Nesta situação, a mulher negligenciava o seu papel social de mãe.

O intelectual ainda revela que possui em seu espírito teorias antigas e profundas que não o permitem entender a mulher fora do lar. O literato diz que, quando encontra uma virago, supõe tratar com um homem que seria um ser desqualificado. O modelo de Clodoaldo Freitas para a mulher é apresentado como uma santa do lar, que sabe tratar com a família, e encarna uma virtude materna que a torna mais sábia e santa.<sup>587</sup>

Para Clodoaldo Freitas, a virago é classificada como um macho que não quer se conformar com os deveres de seu sexo.<sup>588</sup> De sorte que a mulher se torna um homem ao sair do lar para viver no espaço público.

Maugue argumenta que no século XIX a questão discutida no discurso masculino era o direito negado ou concedido, principalmente sobre a emancipação feminina, tendo no discurso dos filósofos do período a defesa do lugar da mulher no lar como algo natural.<sup>589</sup>

A autora diz ainda que no discurso masculino se pensava a mulher como celibatária, casta, assexuada e mutilada. No entanto, existem mudanças no que diz respeito às mulheres dentro da sociedade que causam inquietação aos homens.

No pensamento de Clodoaldo Freitas, a mulher é destinada ao lar por natureza, onde encontra seu lugar, de modo que, fora deste ambiente, ela torna-se um homem. O literato para explicar este fato diz que na mulher existe a falta de vigor intelectual e o vigor muscular do homem, um fato natural que conforma a mulher ao seu lugar de mãe, diferenciando-se do masculino nos gostos e aptidões.<sup>590</sup>

Clodoaldo Freitas reitera a defesa da educação feminina, porém que esta não tenha pretensões de ser doutora, tendo no lar o seu império. De sorte que é enfático ao afirmar que as mulheres não devem ser eleitoras, guerreiras, políticas ou beatas.<sup>591</sup>

---

<sup>585</sup> FREITAS, 1996, p. 71.

<sup>586</sup> FREITAS, 1996, p. 71.

<sup>587</sup> FREITAS, 1996, p. 71.

<sup>588</sup> FREITAS, 1996, p. 71.

<sup>589</sup> MAUGUE, Annelise. A nova Eva e o velho Adão: identidades sexuais em crise. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Edições Afrontamento, 1991. p. 592.

<sup>590</sup> FREITAS, 1996, p. 71.

<sup>591</sup> FREITAS, 1996, p. 71.

O literato para comprovar sua tese relata sobre as sociedades que se tornaram decadentes devido à permissividade e liberdade feminina, uma sociedade com valores invertidos ao ideal que faz com que a mulher moderna se masculinize e o homem seja um efeminado, onde a inversão dos papéis há de produzir a inversão dos costumes e da moral.<sup>592</sup>

Clodoaldo Freitas chama a atenção dos leitores para a tendência pagã e sensualista de alguns que se orgulham dos novos valores. Porém, esses novos valores iriam acabar com a sociedade levando, por fim, à decadência. Neste sentido, a moral cristã estaria em decadência pela aproximação da cultura pagã, o que promoveria dentro da sociedade os vícios que afrontariam a pureza das famílias. Uma prostituição que ilude “as almas fracas e vaidosas, sem que o pudor se melindre, sem que a castidade se empane com esse contato odioso”.<sup>593</sup> A base da perda viril seria a ascensão de mulheres viris, como a virago, produto dos novos valores que tendiam à degeneração da moral social, causando a desestruturação da família ao ir contra o poder masculino.

Emílio, no romance *Memórias de um Velho*, depara-se com a virago Guilhermina, apesar deste homem calcular as qualidades de uma mulher ideal para casar que à primeira vista reuniria as condições necessárias. No casamento, a mulher transforma-se em uma virago com um gênio autoritário que queria mandar e ser obedecida sem réplica, de modo que foi se tornando excessiva e tirânica em tudo, tornando a vida do homem insuportável.<sup>594</sup>

Na trama, Emílio diz que até mesmo na roda de amigos ela o interrompia em tom áspero. Neste relacionamento, a vida era estúpida, aborrecida, repleta de sofrimentos e amarguras incríveis.<sup>595</sup> E por isso, o lar tornou-se um tormento devido à atitude hostil da mulher.<sup>596</sup> Para Clodoaldo Freitas, quando a mulher obedecia ao marido, o casamento dava certo, mas quando a mulher era uma virago, o casamento tornava-se um inferno.

No conto *O divórcio*<sup>597</sup>, Clodoaldo Freitas problematiza o casamento desestruturado devido a uma virago e apresenta como alternativa o divórcio. Neste, o conselheiro Evaristo Reis relata sobre o seu casamento com Quinoca para seu amigo, o Dr. Pedro Caldas.

O conselheiro Evaristo Reis diz que sua mulher era descontrolada nas emoções o que provocava tormentos no casamento ao ir contra a sua autoridade marital. O homem é atingido no orgulho viril quando sua mulher vai contra suas posições de intelectual, além de considerá-

---

<sup>592</sup> FREITAS, 1996, p. 72.

<sup>593</sup> FREITAS, 1996, p. 72.

<sup>594</sup> FREITAS, 2008, p. 63.

<sup>595</sup> FREITAS, 2008, p. 65.

<sup>596</sup> FREITAS, 2008, p. 67.

<sup>597</sup> O conto *O Divórcio* foi originalmente publicado no periódico *Pacotilha* em São Luís nos números 211, 212 e 213, em setembro de 1907, assinado com o pseudônimo W. Einhardt. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 392.

lo como iletrado que não sabia escrever, além de não tolerar quando Evandro abria a boca em roda de amigos, ao afirmar que ele era um tolo.<sup>598</sup>

Para o personagem, o casamento por amor torna-se uma desgraça. Por isso, o ideal seria que o casamento fosse um negócio de conveniência e de bom senso. Ele afirma que se arrependeu de ter casado com Quinoca porque a mulher a cada dia tornava-se arbitrária e ciumenta, de maneira que o lar se transformou em um inferno e que não havia se separado da mulher devido aos filhos.<sup>599</sup>

O conselheiro Evaristo Reis relata ainda que sua mulher implicava até com sua filha Branca quando ela se aproximava demais dele, além de ter o desejo calculado e imutável de lhe contrariar e amargurar a vida. Enfim, os dois eram inimigos declarados dentro de casa e só continuavam casados devido às imposições sociais.<sup>600</sup> Desta forma, o divórcio é apresentado como uma conquista da civilização que estaria contra os preconceitos religiosos, os quais eram produtos da barbárie.<sup>601</sup>

O amor estaria ligado ao casamento, mas torná-lo eterno e aquele temporário, é inverter a essência da própria natureza das coisas. O amor deveria ser eterno, e o casamento temporário, porque o casamento deveria estar dependente do amor e não pretender ser imorredouro e eterno.<sup>602</sup> Ou em outras palavras, continuar o casamento sem amor seria uma tirania social para ambos os cônjuges, especialmente, se o homem fosse casado com uma virago.

Outro exemplo de virago está no conto *Um Segredo de Família*, Tertuliano Neves descreve Ângela Neves, bela, instruída, prendada e de gênio de santa com idade para casar, pois ia completar vinte e dois anos.<sup>603</sup> No casamento com Anastácio, a moça é descrita pelo noivo como uma mulher bela e radiante. No entanto, Ângela Neves começa a se opor a Anastácio após o casamento, ferindo a sua autoridade marital e como consequência ofendendo a sua virilidade.

No conto *Celuta*<sup>604</sup>, Clodoaldo Freitas apresenta a história de uma virago que se torna histórica devido a gravidez e, por esse motivo, impossibilita o casamento do homem viril com

<sup>598</sup> FREITAS, Clodoaldo. O divórcio. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. Imperatriz, MA: Ética, 2010, p. 33.

<sup>599</sup> FREITAS, 2010, p. 38.

<sup>600</sup> FREITAS, 2010, p. 39.

<sup>601</sup> FREITAS, 2010, p. 42.

<sup>602</sup> FREITAS, 2008, p. 39.

<sup>603</sup> FREITAS, 2009, p. 24.

<sup>604</sup> O conto *Celuta* foi originalmente publicado no periódico *Diário do Maranhão*, em São Luís, no ano 38, nos números 10.202, 10.203, 10.204, 10.205 e 10.206, em julho e agosto de 1907, com dedicatória para Alfredo Assis, e assinado com o pseudônimo W. Einarhdt. Cf.: QUEIROZ, 2011, p. 392.

esta mulher. Na história, o Dr. Ananias e Celuta se apaixonam e vivem o amor imortal, fonte eterna da felicidade perfeita.<sup>605</sup>

Em um certo dia, o Dr. Ananias chega na casa de Celuta e deita-se no sofá, quando esta o vê começa a acusá-lo de forma áspera de estar pensando em novos amores. O homem pergunta se esta considera rançoso o seu amor, e ameaça ir sem voltar mais. Celuta não quer saber de conversa e despede o amante. Este anda pela rua revoltado e com uma respiração opressa, pálido e comovido.<sup>606</sup>

O homem queria até ir saber o motivo da atitude da mulher, porém controla-se e espera ela ir até ele. E sem saber o motivo da separação diz que a mulher ama como odeia, sem causa, e não poderia perdoar este procedimento injusto. Então, o homem começa a pensar que a mulher estava com outros amores e começa a odiá-la.<sup>607</sup>

Sete meses se passaram, o Dr. Ananias encontra Celuta envolvida em um caso de infanticídio. A mulher pede ajuda para o homem e explica que ao ficar grávida começou a odiá-lo e, quando melhorou do entojó, viu-se sem Ananias, então, buscou matar-se envenenando-se, mas a vítima foi a criança.<sup>608</sup>

Na história, os dois fazem as pazes e começam um novo romance, porém quando Celuta engravida novamente, torna-se perigosa para o homem. Neste momento, Clodoaldo Freitas mostra que a natureza da mulher se manifesta na histeria. No conto, Celuta brigava com o Dr. Ananias assanhada e muito irritada<sup>609</sup>, e o expulsa novamente da casa. Por fim, o Dr. Ananias quer voltar para casa e fazer uma surpresa para a mulher, mas ela o ataca com uma tesoura e enfia no seu peito. O médico o socorre e quando vão sair pela porta da rua, Celuta, desganhada, alucinada, com os olhares esgazeados, correu para Ananias com um revolver em punho, disparou-lhe um tiro, e errou o alvo.<sup>610</sup>

Clodoaldo Freitas cria um discurso que evidencia o lugar do homem e o lugar da mulher. E mostra que se a mulher não obedecer à autoridade do marido, ele começa a perder sua virilidade. A separação do casal seria uma forma de resguardar a sua virilidade.<sup>611</sup>

O corpo masculino é controlado a partir do ideal do homem civilizado. O homem viril deve controlar seus impulsos para demonstrar civilidade. Na cultura urbana, a aparência e as maneiras possuem uma importância crucial, pois elas manifestam a verdade de uma pessoa e

<sup>605</sup> FREITAS, Clodoaldo. Celuta. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. Imperatriz, MA: Ética, 2010, p. 19.

<sup>606</sup> FREITAS, 2010, p. 20.

<sup>607</sup> FREITAS, 2010, p. 21.

<sup>608</sup> FREITAS, 2010, p. 24.

<sup>609</sup> FREITAS, 2010, p. 32.

<sup>610</sup> FREITAS, 2010, p. 35.

<sup>611</sup> FREITAS, 2009, p. 30.

reveste de maneira particular o homem de honra.<sup>612</sup> O controle do corpo, incluindo o sexuado, é visto como elemento de distinção.

Debay, no século XIX, diz que a sexualidade da elite é mais controlada, civilizada, enquanto a do ocioso é mais lasciva e a do homem do campo é brutal ao ponto de desconhecer a racionalização do desejo.<sup>613</sup> No romance *Por um sorriso*, Carlos é um homem de verdade que sabe se controlar diante da mulher amada. Em uma das conversas particulares com Teresa demonstra seus desejos sexuais pela moça tendo a mão febril, mas se controla em prol da honra da mulher amada, Teresa. Ele controla os seus instintos e adere à polidez.<sup>614</sup>

Em contraposição a este ideal, Clodoaldo Freitas apresenta o homem descontrolado em suas emoções e violento, ao se deixar levar pelos impulsos sexuais, até mesmo diante da mulher a ponto de deflorá-la. No conto *A Besta Humana*, Bernardinho é descrito como um homem brutal. Ele acolheu a professora Etelvina, que cuidava da educação de seus filhos, com afeto tratando-a com as considerações de seu cargo e a moça retribuía com a maior naturalidade as finezas que recebia.<sup>615</sup>

No entanto, após um ano de convivência pacífica entre Etelvina e a família, Bernardinho começa a gostar da professora, que logo se torna em uma violenta paixão. A moça percebe as intenções do homem e começa a esquivar-se. Porém, Bernardino começa com cartas contendo declarações amorosas, e depois faz declarações em viva voz.<sup>616</sup>

A moça diz que irá voltar para junto de seu pai e de seu noivo. O homem mostra que seu amor é extremo, não podendo nem ouvir que ela já estava prometida para outro. E, desta forma, não permite a partida dela antes de um beijo, ela não consente. O homem ao ser rejeitado pela moça promete matá-la para satisfazer seus desejos, e torna-se a imagem de um homem descontrolado nas emoções. Clodoaldo Freitas o descreve dominado pela natureza, que não consegue controlar seus impulsos sexuais, e por isso, possuía atributos femininos.

O personagem descontrolado em seus impulsos, diz que será amante da moça até mesmo se fosse em seu cadáver quente.<sup>617</sup> É evidente neste personagem o descontrole dos desejos sexuais, que sairia do ideal de homem viril racional, e seria capaz de envergonhar a família e desonrá-la ao assassinar Etelvina e deitar-se com o seu cadáver.

---

<sup>612</sup> GUILLET, François. O duelo e a defesa da honra viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 135.

<sup>613</sup> GAY, 1988.

<sup>614</sup> FREITAS, 2008, p. 58.

<sup>615</sup> FREITAS, 2008, p. 45.

<sup>616</sup> FREITAS, 2008, p. 46.

<sup>617</sup> FREITAS, 2008, p. 49.

Um homem ocioso e brutal que representa o antímodo do homem polido que sabe honrar uma mulher honesta. Bernardinho, além do descontrole, não admitia seus erros, porque após ter assassinado Etelvina, e diante dos policiais, defendia-se dizendo que um ladrão tinha atirado na mulher, de modo que nem na hora de ser julgado foi capaz de confessar seu crime, a ponto de se desonrar. Clodoaldo Freitas, através do personagem elabora uma pedagogia da virilidade ao alertar a sociedade para o homem descontrolado com seus instintos brutais, mesmo com a aparência de santidade.<sup>618</sup>

No conto *Os bandidos*, o homem desregrado também perde a mulher. Neco Geraldo era um sujeito alto, moreno, testa estreita, olhos pequenos, negros e encovados em órbitas salientes. O personagem sofria de chagas nas pernas e mal podia andar, manifestava os traços de tísico. Era casado com uma bonita moça, que o abandonara uns dois meses antes por não poder mais tolerar suas infâmias, suas porcarias e a fedentina de suas feridas, de sorte que ele procurava se vingar da moça, matando-a.<sup>619</sup>

No conto *Os Barretos*, os ciúmes é a causa do homem ser abandonado pela mulher. Na trama, Pedro Barreto amava Inácia de tal forma que tinha solitudes paternais, a ponto de temer não ser correspondido pela mulher.<sup>620</sup> Descontrolado nas emoções, perguntava com frequência se a mulher o amava, de modo que, sempre ciumento, começou a desconfiar de Inácia que estava a cada dia mais arrumada.<sup>621</sup> Como consequência dos ciúmes, Inácia traiu o Pedro Barreto com Manezinho, além de fugir para a casa do amante. Quando percebeu a fuga da mulher sentiu ódio e, ao mesmo tempo, piedade devido à desventura de ver ela trilhando a escura vereda lamacenta da desonra.<sup>622</sup>

Pedro Barreto, diante do sentimento de perdão e ciúmes, procura por Inácia e sabe que ela está instalada na casa de Manezinho. Ele foi ao encontro de Inácia, já que ela não queria mais encontrá-lo. O homem ao encontrá-la na casa do amante quer forçá-la a se deitar com ele, e por ser recusado, a mata com uma apunhalada no peito. Como consequência, o personagem é preso, perde seus filhos e, por fim, se suicida na cadeia.

Pedro Barreto é descrito como um homem bárbaro, incivilizado e que se deixa levar pelas paixões do corpo. Tratava-se de um homem que não sabia se controlar, a ponto de querer satisfazer seus desejos sexuais a todo custo. Uma figura que provavelmente choca os leitores ao fazê-los se afastarem e repudiarem esse modelo não-viril.

---

<sup>618</sup> FREITAS, 2009C, p. 55.

<sup>619</sup> FREITAS, 2009C, p. 58.

<sup>620</sup> FREITAS, 2009C, p. 85.

<sup>621</sup> FREITAS, 2009C, p. 88.

<sup>622</sup> FREITAS, 2009C, p. 95.

No conto *As Taras*, Feitosa é a imagem de um homem contrário à virilidade, descrito por Clodoaldo Freitas como um homem descontrolado em suas paixões e que provoca a desonra da própria família e a desordem social. Em um certo momento da história, encontra-se com seu antigo amigo de colégio, Armênio, então, Feitosa decide descrever suas taras ao amigo.

No conto, Feitosa relata que a primeira tara é com um amigo da escola, o Bentinho, que fora sua primeira paixão, tendo como segredo o seu martírio. A segunda tara é com sua irmã, Mimi, pela qual se apaixonou depois do colégio, a engravidou, e esta abortou o que custou a vida da pobre moça.<sup>623</sup> A terceira tara é com a mulher do irmão Chiquinho, Paulina, com quem, por seus desejos insaciados e reprimidos, decidiram envenenar Chiquinho, e logo após, ao descobrir estar sendo traído pela mulher com Lúcio, apunhala o moço e a envenena.<sup>624</sup> Neste sentido, Clodoaldo Freitas percebe às taras masculinas em relação ao feminino como riscos à virilidade e que devem ser controladas.

Outro risco à virilidade é condenado através da figura da beata. Nesta situação, existe uma disputa entre homens para dominar a mulher, entre o padre e o marido ou o pai. Clodoaldo Freitas descreve mulheres religiosas que são más esposas e levam o lar à destruição através do divórcio. No entanto, é importante pensar a confissão em um mundo católico para se entender a necessidade feminina de se submeter à autoridade do padre, além do que o espaço feminino era restrito à casa e à igreja, lugares destinados às mulheres.<sup>625</sup>

Maugue argumenta que a confissão era um elemento importante para o perdão dos pecados, visto que o pecado não se distinguia de um crime. O indivíduo que negasse o poder da igreja sobre o cotidiano através da confissão, poderia ser excomungado e ter seu sepultamento eclesial negado.<sup>626</sup>

Entretanto, Clodoaldo Freitas defendia a necessidade de renunciar às tradições religiosas, e com elas, às superstições. Trata-se de uma ruptura com a religião católica através da racionalidade que permitia desconstruir a ideia de pecado como crime, além de rejeitar a excomunhão e a liturgia católica. Assim, o literato procura ensinar que as mulheres casadas deveriam renunciar a religiosidade em prol da paz familiar, de modo que os maridos as haviam de ensinar.

---

<sup>623</sup> FREITAS, 2009C., p.110.

<sup>624</sup> FREITAS, 2009C., p.111.

<sup>625</sup> DAUPHIN, Cécile; FARGE, Arlette; FRAISSE, Geneviève; KLAPISCH-ZUBER, Christiane; LAGRAVE, Rose Marie; PERROT, Michelle; PÉZERAT, Pierrette; RIPA, Yannick; SCHMITT-PANILL, Pauline; VOLDMAN, Danièle, 2000, p. 23.

<sup>626</sup> MAUGUE, 1991.



O homem deveria controlar sua mulher com a justificativa de ser o chefe de família, posto que a mulher teria a tendência de ser uma beata. O conto *Os Primos*, relata a história de D. Laurinda, que realizava seus deveres religiosos com zelo desde que acordava muito cedo para ir à matriz<sup>627</sup>, mesmo com a oposição de seu marido, Manduca, que a repreendia diante da sua religiosidade ao afirmar que discorda do confessionário devido aos chafurdos no lamaçal das sacristias. Porém, o personagem recusa a associação e a influência da filha com a religiosidade, e se for preciso diz estar apto a separar-se da mulher para resguardar sua autoridade marital.<sup>628</sup> Clodoaldo Freitas mostra que a beata vai contra a autoridade do homem, e por isso, também causará a desestruturação familiar e viril.

A mulher que foge do padrão do discurso masculino destrói o lar. De sorte que a mulher ideal deveria ser devotada ao marido e aos seus deveres domésticos, e direcionada apenas para exercer sua função social em prol da família, tendo o homem como aquele que controlaria seu corpo e alma. Com efeito, para Clodoaldo Freitas, o homem para ser viril deveria enfrentar os desafios à virilidade impostos pelas mulheres, especialmente quando tiranizavam o homem na condição da amada, da desejada, da virago e da beata.

---

<sup>627</sup> FREITAS, 2009C, p. 165.

<sup>628</sup> FREITAS, 2009C, p. 166.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clodoaldo Freitas foi um literato piauiense da segunda metade do século XIX que expôs suas ideias ao público leitor. Um intelectual influenciado pelas suas experiências pessoais, tanto com relação a sua vida familiar como acadêmica.

Na vida familiar de Clodoaldo Freitas, podemos concluir que ele tinha suas origens no seio de famílias de expressão social e política no Piauí e Maranhão, o que lhe deu a oportunidade de exercer o poder econômico, social e político. Tornou-se alvo de investimentos familiares para prover-lhe instrução, por ser filho de famílias detentoras de cultura escrita que, mediante a transmissão desta a novos membros, assegurava condições de reprodução de condições sociais.

Quanto a vida acadêmica de Clodoaldo Freitas, desistiu do Seminário das Mercês, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, onde participou do movimento filosófico-cultural que difundia novas ideias promovendo a participação social e política dos estudantes. Movimento liderado por Tobias Barreto, que foi responsável pela difusão no Norte brasileiro de novas ideias nascidas na Europa, no século XIX.<sup>629</sup>

Segundo Queiroz, a participação de Clodoaldo Freitas neste movimento filosófico-cultural desenvolveu no literato o sentimento de pertencimento ao movimento, o compromisso de defender seus princípios, bem como intercâmbio com egressos oriundos da Escola, em nível regional.<sup>630</sup>

No Recife, Clodoaldo entrou em contato com propostas de explicação científica do mundo, de explicação natural do homem e da sociedade, com polêmicas anticlericais, bandeiras abolicionistas, bem como com as temáticas da República e da democratização.<sup>631</sup>

Assim, quando Clodoaldo retorna a Teresina, já formado, é detentor de um saber acadêmico e filosófico, que o instrumentaliza para a ação social e política, que se consubstancia, em parte, na atuação na imprensa mediante a repulsa das explicações tradicionais de mundo e a apologia de ideias modernas, com base na Escola do Recife.

A vida profissional de Clodoaldo Freitas foi marcada por instabilidade e insegurança. Só é possível compreendê-la se considerada em relação à sua participação política, de natureza acidentada, desde o Império.<sup>632</sup> Clodoaldo Freitas esforça-se, no decorrer da vida, para ocupar

---

<sup>629</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>630</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>631</sup> QUEIROZ, 2011, p. 100.

<sup>632</sup> QUEIROZ, 2011.

espaço político na República, através de cargo eletivo, mas é frustrado em suas aspirações eleitorais e ocupa cargos burocráticos de forma efêmera.

Na República, uma das formas de atuação política de Clodoaldo Freitas é a produção de crítica a esta forma de governo, ao considera-la centralista, autocrática, bem como negava os princípios de igualdade e de liberdade.<sup>633</sup>

Quanto à sua literatura, Clodoaldo Freitas ao longo de sua vida produz uma vasta obra, de natureza histórica, filosófica, de exegese religiosa, etnográfica, literária e jurídica. Sua produção apresenta-se sob diferentes formas, quais sejam: artigos, polêmicas, crônicas, romances, contos, relatórios, novelas, poesias, resenhas críticas, traduções literais, traduções livres, dentre outras.<sup>634</sup>

Em virtude de sua instabilidade profissional e dos imperativos da política do final do Império e da República deslocava-se, especialmente entre Pernambuco e Pará. Disto decorreu a dispersão de seus escritos e sua colaboração fragmentária em muitos periódicos em quase todo o Brasil.

Clodoaldo Freitas pretendia abalar com seus escritos os alicerces da civilização cristã-feudal. No que tange à postura diante do poder, do ponto de vista pessoal, Clodoaldo Freitas era contrário à neutralidade. Colocava-se à favor da verdade, independente dos resultados. Esteve quase sempre inserido no âmbito da luta, muitas vezes para perdê-la. Optou por participar politicamente.<sup>635</sup> No Brasil, durante o final do século XIX, o melhor da literatura passou pela imprensa. O jornal constituía espaço por excelência de divulgação de textos literários, argumenta Queiroz.<sup>636</sup>

Quanto a virilidade, esta pode ser percebida nas diferentes perspectivas dentre as quais destacam-se as idades da vida, a qual trata do homem desde a sua infância, passando por sua juventude até a sua velhice.

A criança seria um ser assexuado a ser construído pelos discursos e práticas dominantes, os quais impõem exigências sociais para que o indivíduo se enquadre no sexo.<sup>637</sup> Enquanto que o corpo masculino na juventude é construído a partir de mecanismos que o retiram do ócio da

---

<sup>633</sup> QUEIROZ, Teresinha. Clodoaldo Freitas e a republicanização da República. *Revista Espaço-Tempo*, v. 1, n.1, p.142-155, 1991; QUEIROZ, Teresinha. Homens de letras e a política republicana. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo. *História e historiografia*. Recife: Bagaço, 2006. p. 459-485; QUEIROZ, 2011.

<sup>634</sup> QUEIROZ, 1996, p. 5-18.

<sup>635</sup> QUEIROZ, 1996, p. 371.

<sup>636</sup> QUEIROZ, 1996, p.73.

<sup>637</sup> BADINTER, 1993.

infância, através da força braçal ou intelectual que servia para consolidar um caráter pré-viril no futuro homem verdadeiro.<sup>638</sup>

O trabalho seria a principal engrenagem produtiva para alcançar o corpo útil economicamente para a pátria, uma vez que é necessário sair da infância por um processo educativo do corpo para mostrar a sua virilidade aos outros, além de apagar a dependência do pai num sistema de hierarquias de poder.<sup>639</sup>

Para Clodoaldo Freitas, o homem verdadeiro é predestinado ao trabalho. No entanto, o literato mostra através de vários personagens que um homem pode ser viril no tocante ao trabalho e desvirilizado em relação aos outros atributos viris. Homens que, mesmo sendo trabalhadores, caem em desgraça devido às corrupções do mundo, seja de ordem social, seja de ordem sentimental.

Todavia, a mulher e o homem teriam seus lugares específicos na sociedade, através de um sistema normativo que direcionava os gêneros para certas funções sociais, o que serviria para provar a veracidade da virilidade de um homem e torná-lo aceito na sociedade. De sorte que trabalhar dignificava o homem e promovia o orgulho viril masculino.

Clodoaldo Freitas, com isso, busca criar um homem em formação com a intenção de produzir o ideal viril. O intelectual mostra a importância das experiências viris para moldar um bom cidadão. O literato, por exemplo, evidencia novos valores sociais para o homem quanto a paternidade ao incitá-lo a cuidar dos filhos. O autor ainda defende uma forma de paternidade atravessada pelo afeto, visto como uma característica aderida ao viril formado por múltiplos valores. Este atributo viril é uma virtude que rompe com práticas tradicionais de paternidade.

Clodoaldo Freitas também apresenta homens ideais e aqueles contrários à virilidade, bem como evidencia que um mesmo homem, simultaneamente, atinge e nega padrões de virilidade. Diante disto, o literato nos mostra que a virilidade é o fruto de uma conquista diária, posto que sua literatura apresenta múltiplos corpos masculinos que se modificam ou não diante de uma situação cotidiana e tem a possibilidade ou não de chegar ao ideal viril.

Um dos dispositivos da virilidade evidentes na literatura de Clodoaldo Freitas é o amor à pátria, em que o homem verdadeiro ligado a uma virilidade fundamentada na bravura e na coragem, está disposto a morrer pela sua nação. Uma literatura que consegue se apropriar do discurso normatizador e civilizado para repassar essas sanções aos seus leitores. Através dos exemplos, o literato atualiza os valores viris em sua escrita e de forma nítida evidencia os contramodelos.

---

<sup>638</sup> JABLONKA, 2013.

<sup>639</sup> BADINTER, 1993.

Clodoaldo Freitas diz que o verdadeiro homem patriótico sabe lutar e morrer por seus ideais nacionalistas, por haver amor às coisas públicas e estímulos patrióticos inflexíveis dos princípios de honra à pátria. Neste sentido, o literato evidencia em sua escrita a figura de patriotas que auxiliaram a construção da pátria. Homens verdadeiros, corajosos, destemidos que enfrentaram seus opositores em prol da nação, e que na maioria das vezes, não foram reconhecidos como deveriam.

Quanto ao anticlericalismo, Clodoaldo Freitas foi um intelectual anticlerical contrário a alguns dogmas católicos considerados supersticiosos, em prol da ordem social e da racionalização do culto, ao tornar-se um combatente dos valores tradicionais com o intuito de beneficiar os novos valores a serem implantados na sociedade, além de reagir contra a influência sociopolítica do clero sobre a sociedade. De modo que o literato procurava promover em seus textos uma separação entre Estado e Igreja católica.

Clodoaldo Freitas estabelece uma ruptura entre a religiosidade e a racionalidade em formação no jovem viril, no qual a razão deveria prevalecer sobre a religião quando demonstra que, para se tornar um homem de verdade, era preciso se desvencilhar dos cuidados paternos, parar de ter uma certa dependência tanto financeira como no âmbito das ideias.

Quanto ao risco da perda da virilidade masculina, podemos perceber que Clodoaldo Freitas defende a mulher como um ser ligado à natureza que deve aprender a exercer seu papel sexual, social e religioso. O homem, por outro lado, deveria romper com o corpo ao ser racional para dominar e ser superior aos outros. No discurso de Clodoaldo Freitas, o homem varonil deveria romper com as fraquezas do corpo, o que levaria à degradação moral ao passo que este iria privilegiar a mente.

Neste sentido, ser viril implicava relação e dependência no que tange aos homens não viris e às mulheres e quando eles não conseguiam dominar corriam o risco de serem subjugados pelas mulheres que tem o poder de sedução pelo corpo. Diante deste pensamento, o feminino seria a base da virilidade do homem, já que a sociedade divide os papéis e os espaços de acordo com o sexo.

A mulher deveria ser devotada ao marido e aos seus deveres domésticos, e direcionada apenas para exercer sua função social em prol da família, tendo o homem como aquele que controlaria seu corpo e alma. Assim, para Clodoaldo Freitas, o homem para ser viril deveria enfrentar os desafios à virilidade impostos pelas mulheres, especialmente quando tiranizavam o homem na condição da amada, da desejada, da virago e da beata.

## REFERÊNCIAS

AIRIAU, Paul. A virilidade do padre católica: certa ou problemática? In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 302-320.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

ABRANTES, Elizabeth Sousa. *O dote é a moça educada: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República*. 2010. 320f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói, RJ, 2010.

ANDRADE, Meiriane Oliveira. Uma donzela na Guerra: a Joana d'Arc de Luc Besson. In: *Encontro Estadual de História*, 6, 2013, Anais Eletrônicos. ANPUH/BA, 2013, 8p.

BRANDÃO, T. M. P. *A elite colonial piauiense: família e poder*. 1. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

\_\_\_\_\_. *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 1999.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BERTAUD, Jean-Paul. A virilidade militar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 195-248.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BROWN, Peter. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1990.

CASTELO BRANCO, Cristino. *Homens que iluminam*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1946.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Entre a história e a memória: práticas masculinas no Piauí oitocentista. *Projeto de História*, São Paulo, n. 45. dez. 2012, p. 187-217.

\_\_\_\_\_. Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias. *História Unisinos*, n.1, mai./ago. 2005, p. 85-95.

CARVALHO, Abimael Clementino Ferreira de. Família Coelho Rodrigues: passado e presente. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987. p. 833-834.

CATROGA, Fernando. Pátria e nação. In: *Jornada Setecentista*, 9, 2012, Paraná. Anais Eletrônicos. CEDOPE/Paraná, 2012, p. 13-34.

CRAMPE-CASNABET, Michelé. In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Edições Afrontamento, 1991. p. 371-407.

CHAVES, Joaquim (Pe). Apontamentos biográficos e outros. Teresina: *Academia Piauiense de Letras*, 1983, p. 43-46.

COELHO, Celso Barros. Clodoaldo Freitas, inteligência superior. In: *Academia Piauiense de Letras*. Os fundadores. Teresina: Meio Norte, 1997.

\_\_\_\_\_. *Homens e ideias de ação*. Teresina: Ed. Júnior, 1991.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Prefácio. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 7-9.

CORBIN, Alain. A necessária manifestação da energia sexual. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 7-9.

CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-54, dez. 1924.

CUNHA, Luís Antônio. *A universidade temporã: da Colônia à era Vargas*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986, p. 124-130.

DAIBERT JR. Robert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 49-84.

DAUPHIN, Cécile; FARGE, Arlette; FRAISSE, Geneviève; KLAPISCH-ZUBER, Christiane; LAGRAVE, Rose Marie; PERROT, Michelle; PÉZERAT, Pierrette; RIPA, Yannick; SCHMITT-PANILL, Pauline; VOLDMAN, Danièle. A história das mulheres: cultura e poder nas mulheres, ensaio de historiografia. In: *Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudo de Gênero*, 1, Niterói, RJ: EDUFF, 2000, p. 7- 30.

DEL PRIORE, Mary. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 153-184.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, v.1, 1994.

FREITAS, Clodoaldo. Vultos piauienses: apontamentos biográficos. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

\_\_\_\_\_. *Os fatores do coelhado*. Teresina: Tipografia do Democrata, 1892.

\_\_\_\_\_. Jesus e as crianças. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos Fatos*. 1. ed., Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996.

\_\_\_\_\_. Festejos Patrióticos. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos Fatos*. 1. ed., Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996, p. 23-25.

\_\_\_\_\_. Aparício Saraiva. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos Fatos*. 1. ed., Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996, p. 53.

\_\_\_\_\_. Canudos. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos Fatos*. 1. ed., Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996.

\_\_\_\_\_. Amores de poeta. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. Imperatriz, MA: Ética, 2010, p. 11-17.

\_\_\_\_\_. Celuta. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. Imperatriz, MA: Ética, 2010, p. 19-35.

\_\_\_\_\_. O divórcio. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. Imperatriz, MA: Ética, 2010, p. 37-47.

\_\_\_\_\_. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

\_\_\_\_\_. Jesus e as crianças. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 175-178.

\_\_\_\_\_. O monumento do Marquês de Pombal. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

\_\_\_\_\_. Os bandos precatórios. In: \_\_\_\_\_. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 87-90.

\_\_\_\_\_. *Memórias de um velho*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2008.

\_\_\_\_\_. *Por um sorriso*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009A.

\_\_\_\_\_. *Coisas da vida*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009B.

\_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C.

\_\_\_\_\_. A predestinação. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 7-15.

\_\_\_\_\_. O caçador ideal. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 17-22.

\_\_\_\_\_. Um segredo de família. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 23-43.

\_\_\_\_\_. A besta humana. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 45-55.



\_\_\_\_\_. Os bandidos. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 57-74.

\_\_\_\_\_. A iniciação. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 75-84.

\_\_\_\_\_. Os Barretos. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 85-101.

\_\_\_\_\_. As taras. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 103-114.

\_\_\_\_\_. A noiva. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 115-125.

\_\_\_\_\_. Sobre as águas. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 127-158.

\_\_\_\_\_. Os primos. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 159-177.

\_\_\_\_\_. Nos ares. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 179-193.

\_\_\_\_\_. Queda de um anjo. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 195-201.

\_\_\_\_\_. Mãe dolorosa. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 203-211.

\_\_\_\_\_. Um caso. In: \_\_\_\_\_. *Um segredo de família e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2009C, p. 213-219.

\_\_\_\_\_. *O palácio das lágrimas*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010A.

\_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B.

\_\_\_\_\_. Gonçalves Dias. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 11-18.

\_\_\_\_\_. Um patriota piauiense. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 19-30.

\_\_\_\_\_. Joaquim Gomes de Sousa. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 31-43.

\_\_\_\_\_. João Francisco Lisboa. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 45-51.

\_\_\_\_\_. Hermínio Castelo Branco. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 53-61.

\_\_\_\_\_. Barão de Gurguéia. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 63-67.

\_\_\_\_\_. Barão de Campo Maior. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 69-74.

\_\_\_\_\_. O Marechal de Ferro. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 75-80.

\_\_\_\_\_. Padre Antônio Vieira. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 81-87.

\_\_\_\_\_. Leonardo da Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, como poeta e como inventor. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 89-100.

\_\_\_\_\_. Rui Barbosa. In: \_\_\_\_\_. *Biografia e crítica*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010B, p. 101-123.

\_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C.

\_\_\_\_\_. Amores de poeta. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 11-17.

\_\_\_\_\_. Celuta. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 19-35.

\_\_\_\_\_. O divórcio. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 37-47.

\_\_\_\_\_. Um coração de mulher. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 49-55.

\_\_\_\_\_. Para sempre. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 57-62.

\_\_\_\_\_. Tântalo. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 63-71.

\_\_\_\_\_. O dedo de Deus. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 73-78.

\_\_\_\_\_. O testador. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 79-87.

\_\_\_\_\_. A beata. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 89-105.

\_\_\_\_\_. O sonâmbulo. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 107-117.

\_\_\_\_\_. Os burgos. In: \_\_\_\_\_. *Os burgos e outros contos*. QUEIROZ, Teresinha (Org.). Imperatriz, MA: Ética, 2010C, p. 119-156.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

\_\_\_\_\_. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GROSZ, Elizabeth. Corpos Reconfigurados. In: *Corporificando o gênero*. Cadernos Pagu, 14, Campinas, SP: Unicamp, 2000, p. 45-86.

GELBART, Nina Rattner. As mulheres jornalistas e a imprensa nos séculos XVII e XVIII. In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 140-148.

GUILLET, François. O duelo e a defesa da honra viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 97-152.

JABLONKA, Ivan. A infância ou a “viagem rumo a virilidade”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 37-73.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE GALL, Jean-Marie. A virilidade dos clérigos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 242-263.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura piauiense: Horizontes de leitura e crítica literária (1900-1930)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

\_\_\_\_\_. A formação dos leitores. In: \_\_\_\_\_. *Literatura piauiense: Horizontes de leitura e crítica literária (1900-1930)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p.33-69.

\_\_\_\_\_. Um precursor da crítica literária. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p.8-11.

MARTINS-SILVA, Priscila de Oliveira; TRINDADE, Zeide Araújo; JUNIOR, Annor da Silva. Teorias sobre o amor no campo da psicologia social. *Psicologia: ciência e profissão*. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, n.33, 2013, p. 16 –33.

MELO, Evaldo Cabral de. *O nome e o sangue: Uma parábola familiar no Pernambuco colonial*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

OLIMPIO, Matias. *Ensaio, discursos e conferências*. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

PERROT, Michelle. Funções da família. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottman; Bernardo Joffily – São Paulo: Companhia da Letras, v.4, 1991.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; CHALHOUB, Sidney (Orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteira da ficção: diálogos da história com a literatura. *Revista da História das Ideias*, v. 21, 2000, p. 33-57.

PORTELA, Adriano. O padre (concubinato): na mira das masculinidades burguesas. In: *Revista Inventário*, 13, 17p., jul./dez. 2013, Bahia. Anais Eletrônicos. UFBA, 2013.

QUEIROZ, Teresinha. *História da educação no Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2010.

\_\_\_\_\_. *Homo sum*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 5-18.

\_\_\_\_\_. Clodoaldo Freitas e a republicanização da República. *Revista Espaço-Tempo*, v. 1, n.1, p.142-155, 1991.

\_\_\_\_\_. Clodoaldo Freitas e o imaginário político do século XIX. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2012, p.169-179.

\_\_\_\_\_. Homens de letras e a política republicana. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo. *História e historiografia*. Recife: Bagaço, 2006. p. 459-485.

\_\_\_\_\_. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: EDUFPI, 2011.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. Resenha de: AURELIANO, Waleska de Araújo. *Ilha*, v. 15, n. 2, p. 373-380, jul./dez 2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Lúcia Carmen (Org.). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 19-70.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SHUWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. 7. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SCHPUN, Mônica Raisa. Retraçar itinerários individuais: a micro-história das mulheres. In: FUNCK, Susana Bornéo; SIMÕES MILENA, Luzinete; OLIVEIRA ASSIS, Gláucia de (Orgs.). *Linguagens e narrativas*. Tubarão: Editora Copiart, 2014.

SCOTT, Joan. W. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SOIHET, Rachel. Discutindo biografia e história das mulheres. In: FUNCK, Susana Bornéo; SIMÕES MILENA, Luzinete; OLIVEIRA ASSIS, Gláucia de (Orgs.). *Linguagens e narrativas*. Tubarão: Editora Copiart, 2014.

SOARES, Lúcia Carmen. Corpo, conhecimento e educação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. Casa Grande Erótica: a sexualidade na obra prima de Gilberto Freyre. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Masculinidade. In: MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). *Verbete no dicionário da crítica feminista*. Porto: Afrontamento, 2005, p. 122-123.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Entre o sonho e vigília: o tema da amizade na escrita modernista. In: *Simpósio Nacional de História*, 23, 2005, Londrina. Anais Eletrônicos. ANPUH/ Londrina, 2005.

VIGARELLO, George. A virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 11-16.

VIGARELLO, George. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 205-216.

VELOSO JUNIOR, Elton Soares; PEREIRA, Priscila Oliveira. Controvérsias de uma heroína nacional: de voluntária da Guerra do Paraguai a mito nacional. In: *Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*, 3, 2013, Anais Eletrônicos. UEMA, 2013, 6p.

DERRUBADA. A Imprensa, Teresina, ano 21, n. 888, 24 out. 1885.

FREITAS, Clodoaldo. O dr. Clodoaldo Freitas fala ao Diário. O *Diário*, Belém, ano 2, n. 282, 20 fev. 1916.

FREITAS, Clodoaldo. Breve notícia sobre as *Visões de hoje*. A *Imprensa*, Teresina, ano 16, n. 693-698, jul. /ago. 1881.

FERREIRA, Acylino B. Portella Ferreira. Resposta ao Sr. Dr. Clodoaldo, juiz municipal de Valença. A *Época*. Teresina, 6, n. 243, p. 2-3, 10 fev. 1883.

NOVO INSTITUTO. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 39, n. 10, 30. Abr. 1908.

REIS, Hermegildo Lopes dos. Minha obscura individualidade e meu tio padre Claro Mendes de Carvalho. A *Época*. Teresina, ano 6, n. 243, 10 fev. 1879.

TELEGRAMA: Pará, 9. O Estado, Teresina, ano 1, n. 47, 15 ago. 1903.